

G Novo anno Historico, ou
Novo Diario Portuguez. Noticia
abreviada de fassas grandes e causas
notaveis de Portugal.

Vol. II

Primeira Parte: causas notaveis de
Portugal. = [2º tomo] =

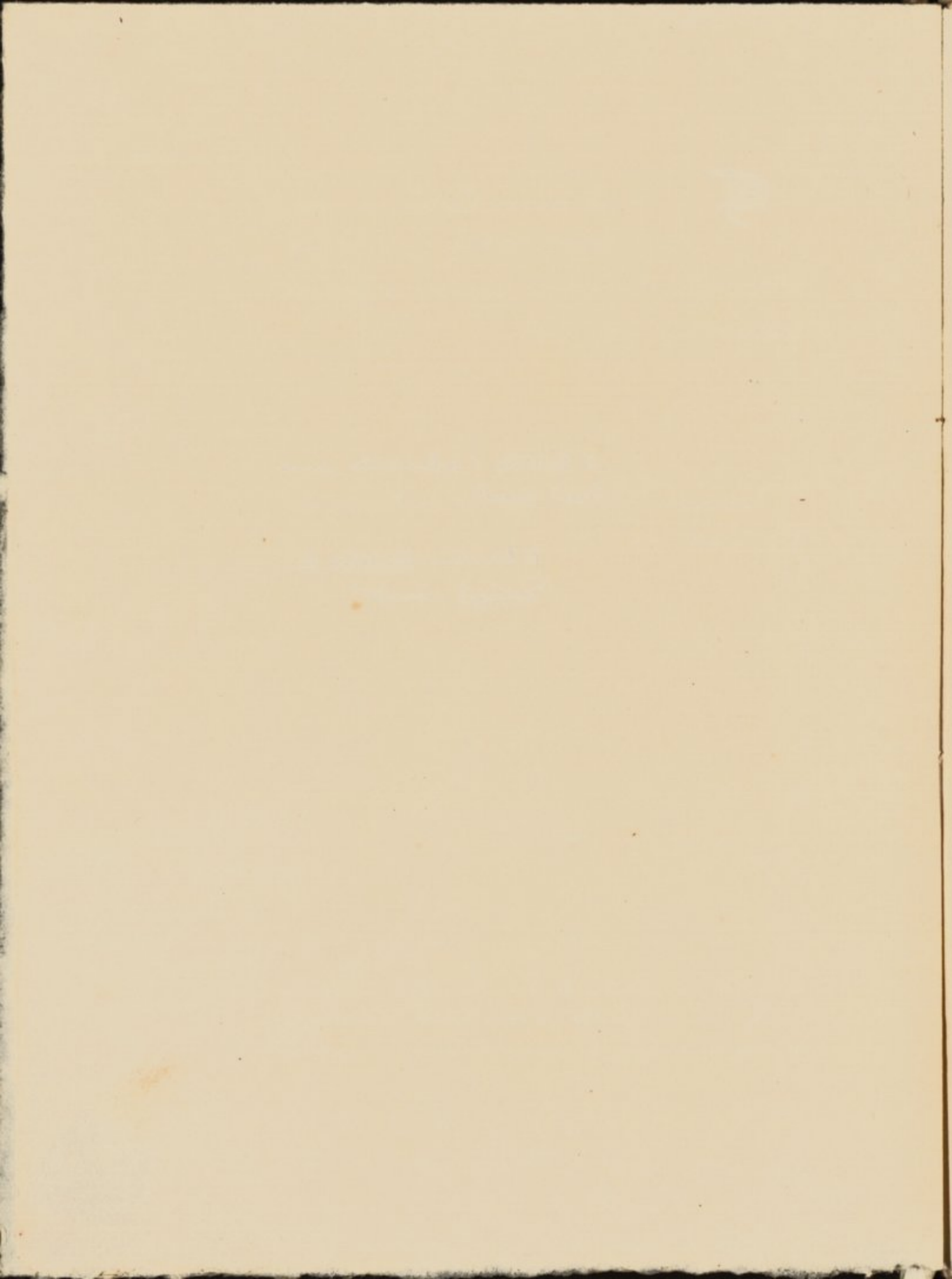
Escreyto na cidade de Coimbra pelo autor —
no anno de Christo de MDCCCXV — nos me-
ses de outubro e novembro. _____





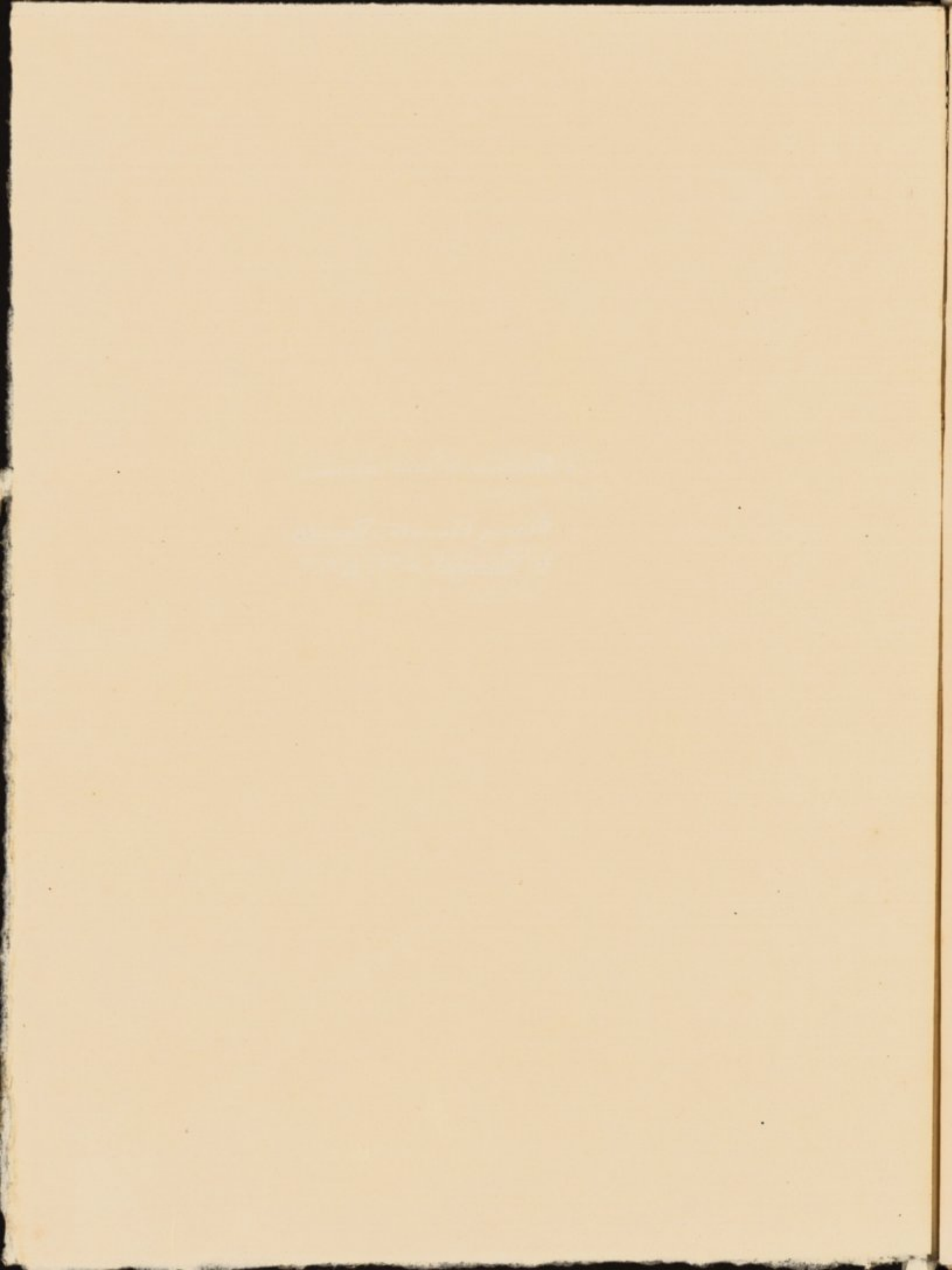
A Listeria é sobre-tudo, uma
licad moral.

D. Martins: Historia de
Portugal, advert.:



... a História e' um museu.

Mauiz Barreto: Revista
de Portugal, n.º 1, p. 8.



I

29 de abril de 1826 = A outorga.

Foi a 29 d'abril de 1826 que o Imperador do Brasil — a quem metteram em cabeça que o seu imperio seria como o de Roma⁽¹⁾ — deu para «os seus reinos e domínios»⁽²⁾ o código por que se deviam governar.

A este facto e' que se chama por ahí, vulgarmente, a outorga.

A outorga!....

Festeja-se o seu anniversario com musica e foguetes e com alvorada estrondosa.

⁽¹⁾ Cf. J. Ariago: Historia do Revolucion de Setembro — I v., p 13

⁽²⁾ Carta Constitucional — janeiro.

É como a restauração de 1640: o que ficou de tudo aquillo foi a musica e os foguetes.

Garnett disse, a respeito d'ella — da carta — referindo-se aos tempos antigos: «as cartas que o povo tinha era a liberdade grega e sustentada á guisa da esgada, com muito coracão e poucas palavras, muito patriotismo, poucas leis... e menos relatórios.»⁽¹⁾

Mas os tempos mudaram — tudo muda! — e esta carta foi feita num momento critico, numa situação embaraçosa, para satisfazer ambições e, como diz o Sr. José d'Almeida «for um rei estrangeiro num país estrangeiro, e ditado por um estrangeiro inimigo eterno de Portugal!»⁽²⁾

Foi por isso que logo no começo, no artigo 1º se enganaram e escreveram juntamente com ironia: «o reino de Portugal

⁽¹⁾ Viagens no mundo novo — p. 41

⁽²⁾ Hist. da Revolução de Setembro — I, p. 17

" é a associação política de todos os cidadãos
 " portugueses. Elles formam uma nção li-
 " vre e independente."⁽¹⁾

Amarga ironia do imperador dos brazi-
 leiros e de lord Stuart!

Uma necessidade política é que causou a
 authoria; disse-o claramente José Liberato
 e confirmou-o em feios dias um outro
 liberal.⁽²⁾ De resto, era o que dizia Garrett ge-
 la bocca do frade franciscano de Valle de
 Santarem:

— Liberaes e realistas nenhum tem
 fé...⁽³⁾

D. Pedro, imperador do Brazil, duque de Bra-
 gança sentiu-se embarcado: o Brazil que-
 ria-o, Portugal queria-o....

A situação era agitada. Brasileiros e
 portugueses tinham recíprocos ciúmes, diz

⁽¹⁾ Carta - art.º I

⁽²⁾ Citado em *Viagem*: obs. cit.º, p. 17, I vol. que
 o confirmam.

⁽³⁾ *Viagens* - p. 93.

4
Doriano⁽¹⁾; vergia foi uma resolução, e re-
solução que contentasse uns sem descon-
tentar os outros. Bem com Deus e bem
com o Diabo...

E assim, com esta maneira subtil, em
cinco dias fez a constituição que ia dar aos
portuguezes, ou, seguindo a frase d'um ju-
risconsulto notavel mas ingenho « o di-
glama de emancipação dos mesmos.⁽²⁾ »

At 29 d'abril de 1826 estava firmado e
autographado o deglama.

« Em cinco dias se reconstitue uma
nação; dá-se-lhe uma nova forma politica
estabelecem-se os poderes do estado e regu-
lam-se direitos importantes do seu povo!⁽³⁾ »
E por sobre isto tudo, e para que tudo fosse

⁽¹⁾ Hist.º do cerco do Porto, I, p. 212

⁽²⁾ J. de Silva Macedo: Direitos individuais e
politicos de cidadão portuguez segundo a Carta
Constitucional de 29 d'abril de 1826 - p. 17

⁽³⁾ Trinidade: Historia da Revolução de Setem-
bro - p. 15 e 16.

« uma confirmação e um requerimento da
 « lei fundamental de monarchia » ⁽¹⁾ como o
 declarou o proprio dado seis annos depois
 garantindo « a protecção mais solenne e o
 « mais profundo respeito á sacrosanta reli-
 « gião de nossos paes... »

Portugal estava salvo: uma carta e a pro-
 teccão á sacrosanta religião eram realmen-
 te as necessidades do momento.

O mais perigoso insignificancia; o fu-
 turo não se gozava nem se procurava fre-
 ver. A ambicção indigno-se e era quem
 mandava; por isso, na opinião de Surocen-
 cio ella foi « fonte de tão prolongadas desas-
 « reuzas, origem de tantos odios, guerras in-
 « testinas e acerbos sofrimentos. » ⁽²⁾

⁽¹⁾ Manifesto de 2 de Janeiro de 1832 de D. Pe-
 dro IV assignado ao gartín de France, para os Nece-
 res. Transcritto, em garto, no Commemorative
 n.º 4848.

⁽²⁾ Memorias para o vido intimo do padre José
Agostinho de Macedo. - p. 131

No entanto cunhou-se uma medalha
 com memorativa do facto ⁽¹⁾ fero que Lau-
 nesse alguma coisa de duradouro que o lem-
 brasse; e um escriptor brasileiro dizia
 um pouco entusiasticamente, e um pou-
 co a falta a verdade: « autorizou (D. Pe-
 " dro) aos Portuguezes esse sagrado codigo de
 " mado — de 1825 — eterno monumento de
 " sua piedade e generosidade e da sua co-
 " lencia de principios; e elevando o mun-
 " do inteiro elevou o novo soberano acima de
 " todos os monarchas que desde o berço do
 " mundo regeram os povos! » ⁽²⁾

Não ha duvida que o entusiasmo do
 Brasileiro tem de ser reduzido ao cambio.
 Depois, talvez a verdade, ainda nos chegue
 o Portugal bastante exagerada...

⁽¹⁾ F. d'Almeida: Descrição geral e historica
das moedas etc, III, p. 160, nota 3ª

⁽²⁾ D. Pedro IV — artigo nas Biographias do
Personagens illustres do Portugal — p. 2 — p. 1
 go. por Vandagen o autor.

7

O que é verdade, contudo, é que a Carta outorgada veio por essas vias, para ser apresentada aos portugueses que tinham declarado pelas bocas de seus delegados ao Rio de Janeiro estarem prontos a entregar « toda a sua obediência, submissão e energia »⁽¹⁾ para fazer revigilar os direitos do « legítimo herdeiro e successor do throno portuguez »⁽²⁾

Veio realmente e foi jurada a 31 de julho do mesmo anno de 1826.

E desde então, com ligeiras intermitências tem sido o código fundamental da nação portugueza e que ainda hoje felizmente nos rege ...

O que esse código, digamos, carta d'alforria ou o que lhe queiram chamar, tem sido, todos nós o sabemos.

(1) Memoria da regencia de Portugal a D. Pedro IV — transcrita em Gayo: Maria, p. 458

(2) Idem — idem.

Logo no dia seguinte, 3o d'abril, appare-
 ceu um decreto, « que é um verdadeiro
 " acto adicional. » ⁽¹⁾ Podemos - lhe chamar
 uma emenda.

Em 1852 appareceu outro acto addicio-
 nal: outra emenda...

E para não enumerar as emendas ci-
 taremos o Sr. Arriaga: « a Historia da
 " Carta é uma serie de attentados contra a
 " liberdade de pensamento e a casa do cida-
 " dão. » ⁽²⁾

A força de emendar, tem-se estragado
 tudo, se é que não estava estragado de nas-
 cença. E nós, portuguezes que não tivé-
 mos fé nesses luctas passadas pela liber-
 dade; nesses tempos agitados da força e do ca-
 cete, e do pugreimo architecto — hoje vemos
 indifferentemente correr tudo num aban-
 dono e num desleixo deliriantes que

⁽¹⁾ Braga: Historia de Portugal — 8º, 296

⁽²⁾ Hist.ª da Revolução de Setembro — I, 32

9

levar um nosso historiador a escrever que
«é difícil penar impossível descartar o
futuro de quem guarda por tal forma a
consciência da dignidade colectiva.»⁽¹⁾

É do tal entusiasmo do escritor bra-
sileiro feita a redução do cambio ficau-
mos aguar e não Lumôr que nos provoca
o estrondo das murchas e foguetes de alvo-
rada festejando o glorioso dia da entrega e
que nos não deixa dormir pocegadoimen-
te até á hora do almoço...

=====

{25-IV-05}

⁽¹⁾ O. Martins: Hist.º de Portugal - II, 298
Bibliographia: Arriaga: Historia da Revolu-
ção de Setembro, I, cap. I - Soriano: Historia
do cerco do Porto, I, p. 212-213 - P. de Laas: His-
torias de Portugal, vol. VIII, cap. XIII - Teix.º d'Ara-
ção: Descrição geral e historica das moedas,
II, p. 160 - Biographias dos generaes illustres
de Portugal: d. Pedro IV - O. Martins: Histo-
ria de Portugal - II, liv.º 7º, cap. IV e V - Silva
Gays: Maria, cap. 28 - OCodigo fundamental
da moeda portugueza, n.º 73 da Biblioteca de

II

.21 de setembro de 1519 = A primeira
volta ao mundo.

Fernão de Magalhães era aquelle portuguez ao qual o nosso navegador chamou

« no feito, com verdade
Portuguez, porém não na lealdade. »⁽¹⁾

Ero extremamente valeroso, era intelligente, sabedor da arte de navegar e de cosmographia; nisto era portuguez segundo os Lusíadas. Mas ao mesmo tempo renegou a sua patria, passou á Hespanha e a ella se

Povo — J. da Silva Macedo: Direitos individuais e politicos do cidadão portuguez segundo a Carta Constitucional . . . no Jornal Literario (1869) — O Correio Linceo, n.º 4848

⁽¹⁾ Lusíadas — X, 140

dedicam com gloria; nisto consistiu a falta de lealdade.

O nosso immortal poeta julgou-o, a nosso ver, com pouca exactidão.

Magalhães era português e português quiz sempre ser; o rei e os cortesãos é que o afastaram, como tantas vezes succede nesses intrigas ris e ignobres que nascem no turba de aduladores que cercam um throno, qual-quer que elle seja.

Na corte de D. Manuel a intriga e a adulação imperavam; o rei dava ouvidos aos que se curvavam submissamente e despezava os que fallavam alto com a consciencia da sua superioridade.

Ére o que disse Garcia de Resende:

«Tantos bens sem galardão
E tantos males sem castigo.»⁽¹⁾

Isto é que fez com que Magalhães padecesse

⁽¹⁾ Miscellanea - Prologo

de Portugal. « Não nascera para cortejão »
 diz Oliveira Martins ⁽¹⁾ e sem dúvida que,
 para quem não nasceu disposto para curva-
 turas penais, as bricas galicianas são a sufi-
 ciente causa d'um grande desgosto e d'uma
 profunda aversão.

« Assim succedeu a Fernão de Magalhães,
 português de lei, « transmontano, da pro-
 vincia onde os homens crescem afirmati-
 vos e duros » ⁽²⁾ e mais uma vez Castella re-
 cebeu de braços abertos um regediado da
 corte do rei venturoso.

Magalhães levava em mente um mare-
 ntilho projecto. Carlos V ouviu-o e atten-
 deo-o. Não era um aventureiro qualquer,
 um adventício desconhecido; era um ho-
 mem de illustre nascimento ⁽³⁾ e condece-

⁽¹⁾ Fernão de Magalhães - I

⁽²⁾ Ideu - ideu.

⁽³⁾ «...alguns se sabe que era de illustre
 nascimento e que recebeu uma educação
 correspondente.» {Variedades: Fernão de Ma-

dar dos assumpptos que tratava... a proposta
vingou e a 21 de setembro de 1519 uma
armada de cinco navios largava de S. Lu-
car de Barrameda ⁽¹⁾ em demanda d'uma
passagem sul da America para communi-
car com o Oriente para encontrar no ca-
minho os navios portuguezes.

Tal parecer lhe ficou da sua patria que
Magalhães ia numa empresa difficil, sem de-
vida, mas que vinha trazer más consequen-
cias aos seus compatriotas.

Era uma aventura? Não, era uma via-
gem estudada, planejada.

« A navegação que estes esgeram fazer —
" diz o feitor Alvarez numo carta a D. Manuel
" — el-rey o sabe e Fernão de Magalhães assim
" m'o tem dito. » ⁽²⁾

Magalhães.]

⁽¹⁾ Eraam elles a Trindade, a Sancti Spiritus, a
Santo Antonio, a Victoria e o Santiago.

⁽²⁾ Citada em Oliv. Martius: Fernão de Ma-
galhães, II.

Seu com o retrato mais ou menos de-
terminado; a aventura começava a ceder
o lugar ao cálculo e á sciencia.

E lá foi, através desse oceano Atlantico
egora desvendado e sem freguas nem
duvidas, a esquadra Lezgardola sob o com-
mando unico d'um portuguez illustre ao
qual — diz o escriptor Ferdinand Denis —
«os estrangeiros saudáram com o nome
de grande e ficou entre os portuguezes, em
conta de desleal.»⁽¹⁾

Depois d'uma zaragem nas bavarías,⁽²⁾
afortaram ao Brasil⁽³⁾ e seguiram a costa
para o sul como Vasco da Gama seguiu a
costa occidental da Africa: logo encontraram
uma zaragem.

A gente que levaram, foram, não saíram.

⁽¹⁾ Portugal Pitoresco — II, 16

⁽²⁾ Desde 26 de setembro até 2 d'outubro

⁽³⁾ Afortaram primeiro ao Rio de Janeiro
a 13 de dezembro e de estiveram até 24 de dito
mez [Exameiras nacionaes.]

do a grandeza do commandante por ve-
 zes revoltou-se: a crueldade teve de domar
 e fazer calar esses revoltosos sem escru-
 los, esses aventureiros sem caracter que que-
 riam fazer viagem ali, no mar longui-
 quo das Americas o antigo odio das duas
 nações geniuas.

Por fim, depois de muitas explorações, de
 invernarem no rio de S. Julião⁽¹⁾ e de vencer
 a resistencia dos peus, o portuguez Maga-
 lhães foyda a 27 de novembro de 1520 near
 na sua frente a immensa vastidão das
 aguas serenas e tranquillias de um outro
 oceano desconhecido que as suas mãos pul-
 cavaem silenciosamente no meio d'uma
 gáz impenetravel!

« Pode dizer-se, acrescenta Oliveira Mar-
 tins⁽²⁾, que o congresso termina aqui: os

(1) Desde 2 de abril de 1520, até 24 de agosto
 do ~~mesmo~~ anno [Varalagem: estudo citado pe-
 lo Ferrão de Magalhães]

(2) Ferrão de Magalhães - III

"Lerões acabam logo que terminam a obra.»

O oceano Pacifico estava aberto no sua frente, caminho barbaçoso para as Molucas, que procurava, cheias de ricas especiarias.

«Fernão de Magalhães — diz-nos Latino Coelho — fez-nos generosamente o desmar e a affronta de regressar-nos. Serviu a Castella, mas o nome de Magalhães ficou com o pobre português.»⁽¹⁾

Um português descobriu a Africa para ir ás Índias; um outro não menos heroe descobriu a America para encontrar o mesmo país fascinador.

Mas a empresa terminaria realmente; Magalhães morreu a Tangu.

Numa ilha de immenso estrangeiros d'ellas com que está povoado o Pacifico, soube questões com os naturaes. Magalhães,

⁽¹⁾ Fernão de Magalhães — no Archivo Pitagorico, VI, 264.

17

acostumado na sua mocidade, ás victo-
rias da Índia Portuguesa, quiz vingar-se
estremosamente; « viu-se então a temeri-
"dade brava do portuguez perante a basofia da
"valentia nacional.⁽¹⁾»

E Magalhães, desgrahando conselhos pali-
zara combater com furocos dos seus homens
— os válidos, agenos.

Mas, não chegaram a terra; combate-
ram com agua gelo joelhos. Umas setta zardi-
da veio cravar-se no gume do illustre capi-
tão. « Tambem Nehilles era vulneravel no
"calcanhar; assim o calcanhar do portuguez
"fêra a sua basofia.⁽²⁾»

Foi isto a 27 d'abril de 1521.

Morreu desta maneira o « eszelho, a luz
"o conforto, o verdadeiro guia⁽³⁾ » de toda a ex-
pedição no dizer do illustre Pigafetta.

Morreu a tempo; nos Glasgow esgrena-

(1) O. Martius: Viagens de Magalhães, IV

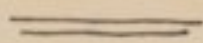
(2) Ideu — ideu

(3) Citado em Ferdinand Denis: Portugal

na-o a injustiça e a calúnia e antes
 morrer ali, a preçada dos selvagens do que
 cair nos ferros do rei e quem dese illumi-
 nados dominios e godarios.

Mas a empresa gloriosa fôr ao fim
 gloriosamente.

«Partidos do mesmo ganto, por vias di-
 versas, Lezandros e portugueses iam encon-
 trar-se de novo sobre a outra face do mun-
 do. Neste momento unico e sublime da
 Historia moderna a Europa inteira curva-
 va a cabeça e applaudia o genio da civiliza-
 ção iberica.»⁽¹⁾



{20 - LV-905}

Vitaresco - II, 17

⁽¹⁾ O. Martius: Historia da civilização iberica,
 p. 240

Bibliographia: O. Martius: Fernão de Magal-
 hães, lanc. III, do 2.º vol. do Plutarcho Portuguez
 — Diccionario Universal Portuguez, VI — Var-
 ulagen: Fernão de Magalhães, nas Biographias
dos Jernanagens illustres — Ladino Coelho: Fer-
 nãe de Magalhães, no Archivo Vitaresco, VI,

III

18 de maio de 1808 = A Legião Portu-
guesa

A 30 de novembro de 1807 o general Junot entrava em Lisboa pelo porto d'Alto-ros, trazendo atrás de si um bocado do seu exército hiribante que se arrastavam num aglomerado de obra-carrica deante dos olhos atônitos da população lisboeta.

No largo, já ia a esquadra portuguesa⁽¹⁾ levando a família real para a segurança

p. 170, o reg.^{to} — F. Demig: Portugal Pitoresco, II, p. 13 — P. Braga: Historia de Portugal, III, cap. 57 e 58 — Julio Verne: A Descoberta da Terra, II, cap. II — F. d'Almeida: O Infante de Sagres, cap. XV — Effemerides Nacionais I, 261 e II, p. 313 — O. Martins: Historia da Civilização Iberica, p. 260

(1) Ver a data Embarkação da família real ja-

2.
do Brasil e Junot, dentro do seu brilhante
uniforme de coronel-general de Hussards,
« géllico aos laços com cordões d'ouro,
" doleuau branco recamado de bordaduras e
" alamares d'ouro, os cordões d'ajuda de
" campo, um talabarte carmezim com a
" aguis deitada ao meio do peito »⁽¹⁾ ingo-
mente e espectraloso, tomou posse de Por-
tugal em nome de Napoleão.

« O Grande Napoleão meu tio, envia-
" me para vos proteger, eu vos protegerai » di-
zia elle suas proclamações⁽²⁾ e Portugal
tão baixo estava e tão fundo tinha descido
que viu gerar o cortejo de esparafaldos estu-
pidamente, alarvemente, para um unico
movimento de generoso protesto.

Passados dias recebeu Junot, ardeus de
Bragança, cumprimento de ardeus ante

no o Brasil - vol I, cap. . .

⁽¹⁾ o filho do Palaco - 1º parte, cap. VIII

⁽²⁾ No Observador portuguez historico e po-
litico - p. 20.

nires e nellas mostrava o conquistador
o maximo cuidado em fazer desaffarecer
o nosso exercito receiando que elle fosse
um centro de futura revolta e resistencia
ao seu desmesurado poder.

« Não vos demoreis um instante — disse
" elle numa carta ⁽¹⁾ em desfazer-vos do ex-
" ercito portuguez; o que será facil no primeiro
" mez tornar-se-lo difficil depois. » E ac-
crescentava com o receio de proxima re-
volta e a consciencia da fragueza do exer-
cito de Junot: « que farta immediata-
" mente, logo que tiverdes prestado juramento. »

Junot tratou de cumprir as ordens
com certa rapidez o que foi de certo umgedi-
do zelo trabalho que lhe deu a restauração
das suas proprias tropas, que tinham chega-
do ao mais lastimoso estado a que se
dega um exercito com fama de invenci-
vel e invencivel.

⁽¹⁾ Na Legião Portuguesa do coronel Ribeiro

O mesmo exercito estava então pela orga-
nização de 1806 dividido em tres grandes
divisões: do norte, do centro, e do sul. Cada
uma consistava de 4 brigadas de infantaria,
e 2 regimentos; 4 regimentos de cavalle-
ria e um regimento de artilleria — exce-
pto no do sul que tinha dois regimentos d'ar-
tilheria.

Dava ao todo 24 regimentos d'infante-
ria, 12 de cavallaria e 4 d'artilleria; um
total de 80 e tantos mil homens, que com
as companhias d'ordenanças se elevava a
uns 100:000 homens de tropas regulares,
suficientes no mesmo caso para resistir a uma
invasão. ⁽¹⁾

Mas — hoje como sempre! — tudo isto
estava no papel. &

« Este conceito é theorico — diz o ilustre

Arthur — p. VII

⁽¹⁾ Estas indicações são extractadas do Breve
estudo sobre a invasão franco-Sardegna de
1807 — p. 318 — de Victoriano José Besan.

"

" The official do estado-maior o Sr. Victoriano

" Cesar — nem a organisaçãõ tieha chegado

" a converter-se numa realidade, nem os ef-

" fectivos determinados para os regimentos ti-

" nham sido atingidos. Faltava-nos a ener-

" gia, a coragem, o amor patrio, moavel dos

" grandes combates e dos grandes actos

" de valor.» ⁽¹⁾

Por isso Junot entrou como gelo fro-

zido casa, espectacularmente, como triun-

phador.

Obedecendo pois, ás ordens de Napoleão,

o general em chefe Duque d'Albuquerque dis-

polveu o exercito portuguez « em antes orde-

nem a sua reorganisaçãõ numa legião ⁽²⁾

que devia ir servir nos grandes exercitos de

Napoleão quando Portugal precisasse mais

do auxilio de todos os seus filhos.

Em 22 de dezembro o Marquez d'Alorna

⁽¹⁾ Estudo citado — p. 319

⁽²⁾ P. Braga: Hist.ª da Legião Portuguesa — I.

foi nomeado Inspector geral e commandante das tropas portuguezas de todas as armas, dizendo Junot no decreto, que de-
 queria dar «o característico da sua parti-
 cular estrema...»⁽¹⁾

E assim começou a formação da fu-
 tura Legião que tão bravamente e tão
 distintamente se portaria depois nas cam-
 panhas de Bussalante.

Como os effectivos nunca se completa-
 ram, Junot viu-se obrigado a reduzir
 de tal modo o numero dos regimentos que
 dos 24 que havia de infantaria formou
 apenas cinco; dos 12 de cavallaria for-
 mou apenas tres e acrescentou porem
 te uma pequena legião de tropas ligeri-
 ras que formavam um effectivo total
 de 9:000 homens pouco mais ou menos.

O commando em chefe foi dado ao

(1) Decreto no Observador cit.º - p. 77

(2) Ver D. C. Lages: Hist.ª da Legião, cit.º - 152

marquez d'Alorna ; Gomes Freire ficou como 2.^o commandante e as duas divisões de que se compozi a Legião foram dadas respectivamente a D. José Barco-me e a João de Brito Mascuinho e como chefe do estado maior foi o brigadeiro Paunglana.

Os coronéis d'infanteria eram Joaquim Saldaña e Albuquerque, o marquez de Santa de Lima, Francisco Antonio Freire Pego, o conde de S. Miguel e Francisco Ferrari.

Os de cavallaria eram Roberto Liguicio Fereira d'Aguiar, Alvaro Xavier das Poveas e o bravo marquez de Leulé.

Assim constituida a Legião começou a marchar para Hespanha, por partes. Em Portugal houve um certo movimento de protesto e de indignação e ocasionando um certo numero de deserções que chegaram a presenciar os chefes e o proprio general Junot.

os fins de março e principalmente d'abril de 1808 e' que se iniciaram as marchas.

Em Hespanha reuniram-se todos e a 18 de maio diz o Sr. coronel Ribeiro Artur « foi publicado o decreto da Legião Portuguesa que então recebia o nome de que, durante seis annos acampanhou os exercitos imperiaes »⁽¹⁾

Como elle se portou nas campanhas napoleonicas não nos cabe aqui dizer. Somente dizemos que fôz sua guarda e fôz seu tenente general aquella phrase de Napoleão o Grande quando fallava ao conde da Ega, nosso embaixador

— Senhor conde, não ha no mundo melhores soldados que os portugueses...⁽²⁾

==== [12-V-205]

⁽¹⁾ A Legião Portuguesa — p 8

⁽²⁾ Elogios: Hist.ª da Legião Portuguesa — IV

Bibliographia: Thesaurus Bando: Algar-

IV

25 de maio de 1817 = A conspiração
de 1817.

No dia 25 de maio de 1817 foi preso em Lisboa á ordem do marechal Beresford, o illustre e bravo general Gomes Freire d'Almeida conhecido pelo seu valor nos campos de batalha como pelos seus estudos d'alto merecimento.

Lisboa apresentava nesse dia um aspecto anormal; tropas de prevenção occupavam diversos pontos com medo de tumultos; Beresford mudara para Alcantara o seu quartel-general que estava no lado do Saldaña e havia qualquer coisa que fizesse sobre a cidade, vagamente.

Também para a historia de Legião Portu-

Figuraram-se griseas pelas casas genticulá-
res. A' ordem de Beresford, então Marquez
de Campo Maior, eram levados para varios
cadeias no meio d'escortas alguns officiaes
do exercito accusados d'uma conspiração
contra o dominio inglez e contra o abso-
lutismo.

A' porta do Tenente-general Gomes Freire
foram tambem uma rege; arrastaram
-se portas e os esbirros entraram.

— Isso em se entre com tanta insolên-
cia e desafeto em casa de um Tenente-ge-
neral? dizia elle vendo o coronel do cor-
po de policia Tavares de Sousa por detraz

gresso — Trilheiro Arthur: A Legião Portu-
guesa ao serviço de Napoleão — Bento de
Francos: A Legião Portuguesa ao serviço do im-
perio francez — Pinheiro Braga: Historia da
Legião Portuguesa — O mesmo: Historia de
Portugal — cap. 27, vol. 7.º — O Observador Por-
tuguez Historico e politico de Lisboa — Vita-
riano José Casar: Breve estudo sobre o im-
perio franco-bergambola de 1807.

dos soldados, a dar-lhe a voz de gresso.

— Vossa Mercê não me pôde prender porque não tem a minha patente — acrescentou dignamente e com um ar de desgosto por aquelle official que se prestava a um tão triste papel. ⁽¹⁾

Apareceu então o desembargador José Gaudêncio e Gomes Freire entregou-se á prisão. Desceram a escada e a pegue, acompanhados por uma escolta de cavallaria pegueiro para a Torre de S. Julião da Barra.

Assim se consumou «este acto heroico de salvacao das instituições ameaçadas e bem merecer a gratidão de D. João VI» ⁽²⁾

Trata-se logo, e' claro, do processo, processo sumario, um esganeado attentado ás liberdades do cidadão, ás regras judicias, á mais preciosa noção de justiça.

⁽¹⁾ Esta scena vem descrita em P. Blazar: Hist. da Portugal, 8^o, 143

⁽²⁾ A conjuração de 1817 contra o ardo do general Gomes Freire pelo Sr. Boer, p. 25.

Era um processo como si se fazia na
 Inquisição, diz o escriptor Silva Gago ⁽¹⁾ e
 perguntar-se-ha: fundado em que?

Fundado no despejamento de dois traidores que entraram na conspiração por ordem de Beresford para viram depois de
 ter tido alguma vergonhosa declaração que
 ainda ingressa por ahi ⁽²⁾ attestando quanto
 fôde a baixesa e a vileza do caracter dos
 homens. Foram elles — e houve é que to-
 do o sailor — Pedro Pinto de Moraes.
 Sacramento e João de Sá Ferreira Soares.
 Um terceiro, João d'Almeida Barbo de Ca-
 mões accusado tambem de trair e
 não ter tido a culpa que se lhe attribue. ⁽³⁾

Contudo os tres nomes ahi ficam pa-
 ra renovar a lembrança dessa traição
 ignobil e d'esse processo monstruoso.

⁽¹⁾ Maria — p. 321

⁽²⁾ Tenho — no Boulevard n.º 5216.

⁽³⁾ Veja-se P. B. de Agas: Historia de Portugal
 8.º p. 142.

Beresford escreveu a D. Miguel Pereira Forjaz fazendo-lhe instantes recommendações, enviando-lhe uma perle de ferguetas para mandiar fazer aos gresos, não descaucando para que tudo corresse bem á medida do seu desejo e do de Sua Magestade lreica.

Passaram quasi seis meses durante os quaes nada transgiram do processo. Houveram juristas, desembargadores, juizes que se prestaram a isso e a 15 de outubro se hum finalmente a sentença infamante assignada por 6 laureus cujo nome a historia deve registrar ao lado dos miseraveis denunciantees a que nos referimos. ⁽¹⁾

A sentença dizia que seariam enforca-

⁽¹⁾ Eram elles: Antonio Gomes Ribeiro, juiz de incomfidencia; José Antonio d'Almeida Leite de Barros; dr. Velazquez; dr. Antonio José Guías; Joaquim Antonio de Araújo e José Ribeiro Saraiva. — O seguinte referido era o futuro conde de Basto. {Maris - p 321}

dos, cortadas as cabeças e juntamente quei-
 madas com os corpos os reus seguintes:
 Gomes Freire d'Almeida, tenente-general
 do exercito portuguez; Antonio Cabral Ca-
 beiros Furtado de Leuz, alferes d'infante-
 ria; Henrique José Garcia de Moraes, José
 Camargo de Miranda, Gaisanos; José
 Joaquim Pinto da Silva, alferes d'infante-
 ria; José Ribeiro Pinto, alferes d'infanteria
 n.º 16; José Francisco das Neves major do
 Batalhão dos atiradores de Lisboa e Manuel
 Monteiro coronel de milicias reformado;
 — que seriam somente enforcados os re-
 quintes: Manuel de Jesus Monteiro capi-
 tão d'artilleria n.º 3; Manuel Leuzio de Fi-
 guredo; Maximiano Dias Ribeiro e Pe-
 dro Ricardo Figueiro capitão d'infanteria
 n.º 13; — que seriam degradados Francisco
 Antonio de Sousa, Antonio Pinto da
 Fonseca Neves, Francisco de Paula Leite e
 o barão d'Albarrã.

Diz o Sr. Theophilus Braga que isto ex-

cede quanto pôde praticar uma longa salva
gem ⁽¹⁾ e de facto a penitência cumpria-se
com todo o rigor. ⁽²⁾

No barragem de Sant'Anna, o brigadeiro
José de Vasconcellos commandava um certo
numero de fuzas para a manutenção da
ordem. As fuzas erguiam-se puerilmente
de esgarando as victimas. O povo aglomera-
va-se fazendo espectáculo que lá mu-
to não havia entre nós.

Foi isto tres dias depois da penitência, a 18
de outubro, dia para sempre memoravel,
para todos nós portuguezes que hoje vivê-
mos com uma indifferença criminosa gera-
de tudo.

Os seus portuguezes que queriam para a
sua patria um estado melhor do que aquel-

(1) James Freire i' Andrade - p. 62

(2) A penitência declarava-se com culpa os seus
Varissimos Antãois Ferreira da Costa e Blas
Torres da Costa. - veja-se P. Blagos: Hist. de
Portugal, 8.º, p. 146 e Commemorative n.º 5117

la eue que ella estava foram degeudados successivamente, com a corda ao gascos, supplicio infamante que Hes deu o nome de martyres e que hoje ainda anda ligado ao campo de execucao.

O povo viu tudo, sem protesto!...

No mesmo tempo, longe bastante, em S. Juliao do Barro, no terminal fortaleza leveu-se a effeito um outro crime.

O general James Freire, o valeroso militar, o integro portuguez, leal como gancos, valente como muito gancos, era tambem enfarcado vilmente, sem se respeitarem a farda gloriosa que vestiu e a espada immaculada que trouxera e cinto em melhores dias.

Quiz dizer adeus ás troças formadas; mas os padres, suffocadamente, infamemente, começaram em grande grita a rezar! E o seu corpo subiu ao ar, balouçando ao vento, com a solidão immensa do mar em frente, apresentando-se ao seu olhar

agarrante. Depois, lançaram-lhe fogo!

« Era um auto-de-fé que ainda às onze
horas da noite conservava incensas cham-
mas!... »⁽¹⁾

E o povo retirou-se indiferentemente
do campo da execução, com a convicção
de que o melhor peixe não consiga...
... e quem lá vai, não volta!...

[20-V-905]

⁽¹⁾ Silva Gays: Manis - p. 322
Bibliographia: P. Braga: Historia do Portugal
vol. 3º, cap. VIII - Condições n.º 5117, 5214,
5216 a 5221 - E. Noronha: Senes e Martyres
cap. XV - As conjurações de 1817 contra a vi-
da do general Gomes Freire d'Almeida, confe-
rencia no Teatro: grande José Estevani do
Ly.: Dr.: Lus.: Unido, pelo Sr.: Boer, gr.: 25-
um folheto - Teófilo Braga: Gomes Freire
d'Almeida, fasc.º VIII do 2º vol. do Portugal
Portuguez - Silva Gays: Manis, cap. 28 -
Teixeira d'Aragão: Descrição geral e historica
das mareas etc - II, p. 124

V.

4 de junho de 1861 = Flor da Rosa.

Já lá vão cento e quatro annos! Bandu-
do, as causas pouco mudáram...

Ha um século os nossos vizinhos ingle-
zes entráram pelo Alentejo e encontra-
ram-o aberto, sem quasi defese alguma; ho-
je entrariam da mesma maneira mercê do
cuidado que tem merecido aos governos o
grave problema de defese nacional.

Os tempos são outros, sem duvida. Ha
um século havia mais heróismo; hoje ha
mais politica e mais algumas manobras.

De resto, quanto á defese serio, cousem-
ciosa, do paiz está no mesmo, tudo. Não
ao menos a gemittido ter a consolação
que teve um militar escriptor da epocha
quando dizia: «o Augusto monarcha,

"melhor aconselhado e apoiado pelo patriotismo
 "no das cântas, não deixará de se occupar
 "de um objecto de tanta importancia como
 "a defesa do Estado."⁽¹⁾

Patriotismo das cântas... agora? Não,
 em 1820. Hoje o patriotismo ficou na pal-
 la dos Passos perdidos e a defesa nacional fi-
 cou no Kierkeiro...

No Kierkeiro, explicou Garrett, não é obra
 se bem verdadeira; «hoje não fica nada no
 "Kierkeiro senão o senso commun, tudo o
 "mais de lá para, tudo."⁽²⁾

Estamos convencidos d'isso. O senso co-
 mune fica sempre e não devia ficar...

Mas, voltemos á Flor da Rosa.

A Flor da Rosa é uma villa alenteja-
 na, celebre pelas heroicas recordações de
 Santo Lourenço e dos seus antepassados.

⁽¹⁾ Luis Antonio Salinas: golfe de vista
militar sobre as nossas lreças de guerra -

p. 63

⁽²⁾ Viagens no mundo terra - cap. 38

Por ali andou em creanga esse que veio a ser a figura mais tyfica e mais pyquologica da nossa Edade-média.

Em 1801, porém, o scenario era outro bem differente. O exercito Berghol entrou na em Portugal sendo occellido logo Olivença e Jurumenha ⁽¹⁾ e derrotado o mesmo exercito em Trancos ⁽²⁾ vergando a espora e que se sujeitou o commandante em chefe, o Duque de Lafões, octogenario e cheio de rheumatismo.

Toda a campanha foi verganhosa em extremo. Havia combinações entre os beligerantes e Portugal accitou na comedia o papel de vencido! ⁽³⁾

O general Berghol Solano ia agraui-

(1)

Atenas a 20 de maio.

(2)

A 30 de maio.

(3)

8^a concedida a carta que o Duque de Lafões escreveu ao general Solano: « Para que nos havemos de bater? Portugal e Berghol são duas bestas de carga. O Ingleses nos

Tudo o estado de decadencia em que tudo
 por cá estava e ia derrotando e cortando as
 retiradas ás nossas tropas.

Então, quasi nem combettiam!

Ora, no Falar do Reino havia bastantes
 frouisões de bocca, necessarias ao nosso ge-
 neral exercito que estava reunido mais
 ou menos a 3 de junho em Gavião depois
 de retiradas successivas. ⁽¹⁾

O nosso estado-maior, atalheado — co-
 mo de resto hoje ainda acontece — lembrou
 a necessidade de ir buscar essas frouisões
 e nomearam para isso D. José Barceime
 Lobo a quem deram 6 companhias de gra-
 nadeiros, 2 de caçadores, 10 soldados de ca-
 vallaria portugueza, 28 dragões ingleses

" excita a nós, a França vos aguilha a vós.
 " Agitamos e tomamos os nossos quizes; mas
 " por amor de Deus, não nos façamos mal
 " algum. Muito se ririam em tal caso, á nos-
 " sa custa. »

⁽¹⁾ Em Dinheiros Vellos; Historia de Portu-

e 60 carros para o mantimento.⁽¹⁾

D. José Barcaene foi, apesar de gessimo militar, de ter ainda de uns dias mostra-do a sua incapacidade na vergandosa derro-ta de Arronches, como depois mostrou na Legião Portuguesa de que fez parte.

No entanto, foi.

No dia seguinte — 4 de junho — chegaram á Foz de Dora ao mesmo tempo que de Portalegre se aproximava uma força de 3 batalhões de infantaria commandados pelo Marquez de Moura e affriados por 2.500 ca-vallos.⁽²⁾

D. José Lobo, embora tivesse disposições de segurança não esteve para se mover muito e deu descanso ás tropas; ensarilla-ram-se armas e descansou-se indolente-mente até que as vedetas annunciaram

gal, F. 452, para a configuração d'este ponto no exercito do Duque de Loulé.

⁽¹⁾ P. Braga: Hist. cit. — 7º, p. 456

⁽²⁾ Ibidem — idem, p. 456.

« affroximando do inimigo e se refazem
que não havia pances para o transporte do tri-
go armazenado!

D. José, porém, arde em desejos de se
vingar da derrota. Não hesitou em retirar
como devia e que não era vergonha, só
hesitou em oferecer batida ao general Berge-
ndol e para isso mandou estender em ati-
redores as duas companhias de caçadores
afixadas pela cavallaria e ficou á rectaqua-
da com os granadeiros em columna.

A cavallaria inimiga carregou. Os nos-
sos cavalleiros destroçaram logo, não pen-
do os ultimos os ingleses; os caçadores co-
meçaram a unir conforme guideram e re-
tiraram a gauche e gauche. Os dragões
continuaram a agarrar e D. José foi reti-
rando com muitas perdidas até um bosque
da Aldeia da Matta proximo do Flor do Bo-
sa.

« As agereções de D. José Barcoene Lobo,
— diz Pui Leiro Braga na sua Historia —

"são de fazer Gasmán."⁽¹⁾ E tanto assim é que, no bosque da Matta deixou-se cercar e sendo-lhe intimado a que se rendesse entregou a sua esgada e junto com elle ficaram prisioneiros ainda uns 400 homens que até ali tinham chegado!

Lo' a sua incapacidade militar explica uma cousa d'estas. A distinção, porém escuzidez em offerer combate a inimigo superior em numero e sem tomar desforção alguma para ganhar certa vantagem, mostra bem quanto o seu valor militar era nullo e attesta com justiça a sua devota vergonhosa em Almondes, uns dias antes.

Flamme immenso ganico no resto do exercito. O que estava em Gavião retirou desordenadamente para Almondes no dia seguinte e no outro dia, 6 de junho, assignava-se em Badajoz um tratado

⁽¹⁾ Hist.^o de Portugal - 7^o, p. 456.

com 11 artigos ⁽¹⁾ pelo qual se restabelecia a
 paz e a harmonia entre los dos pueblos Le-
manos.

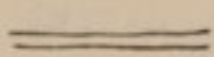
Foi uma guerra de quinze dias. Contudo,
 dezoito.

O tratado assignou-se, entregaram-se
 as graças, tudo ficou como d'antes, menos
 Olivença.

E o duque de Lafões, comandante em
 chefe?

Desde 30 de maio que desaparecera. E em
 Lisboa afixaram-se seguintes annuncian-
 tes: « Jorden-se entre Bartolomeu e Abra-
 » tes um menino de 82 annos, pouco mais
 » ou menos!... » ⁽²⁾

Uma vergonha!



[31-V-905]

⁽¹⁾ Anuario Portuguez [1855] - de Antonio
 Salazar - p. 232.

⁽²⁾ P. Blagos: Hist. de Portugal - 7º, p. 455

Bibliographia: P. Blagos: Historia de Portu-

VI

28 de maio de 1834 = As ordens religiosas. —

Foi no dia 28 de maio de 1834 que, seguindo o relatório de Antonio Augusto d' Aguiar, se acabou « o prejuizo que durou seculos, de que a existencia das ordens regulares era indesejavel á religião catholica e util ao Estado. »⁽¹⁾ Logo e', foi n'este dia que foi publicado o decreto em que D. Pedro IV extinguiu os conventos, mosteiros, collegios e hospícios de qualquer religiosos de ordens regulares.

Este decreto representa muito, e' uma medida de tal modo energica, que nos ad-

gel - 7º, cap. 25 — Ribeiro Brito: Os escadotes portugueses na guerra da Península — p. 13-15.

⁽¹⁾ Relatório de Aguiar

nina como foi levada ao fim sem os gostos que era natural que levantasse.

« Um assombro abalou todos os esgri-
 " tos que não acreditavam na efficacia de
 " uma medida que abria brecha funda nos
 " costumes e nas zacharrentas tradições do
 " povo portuguez. »⁽¹⁾

Tão acostumados estavamos aos frades,
 a vel-os zessar rotinamente zelas suas
 a intervir nos nossos negocios, no seio
 das familias, nas questões mais infimas
 — « desde o quiz seguro do consciencia
 " até ao truão que divertia entre a chalaca, o
 " esturruito e o mannelado »⁽²⁾ — tão acos-
 tumados estavamos a vel-os como centros
 ás vezes, d'uma população inteira que
 zelo caldo dado ao zortaria aos vadios e go-
 bres que zelos altos negocios de culias e
 de interesses, que quasi se não acreditava

⁽¹⁾ O engolio dos conventos — folheto, p. 3

⁽²⁾ Idem — p. 3

que Lourenço não calar de dar um golpe
nessa numeroso exercito d'ociosos.

Heuve Jonem um Lourenço que amsou
destruir de vez os 510 conventos ⁽¹⁾ que La-
ria falo gair e que gozavam de rendimento
a linda somma de 1:162:111:320 reis; ⁽²⁾ Lau-
re um Lourenço que amsou acabar com o
freccenteito de que elles — os 510 conventos
— eram necessarios e uteis ao estado
e ao gair.

(1)
"Eram 280 de frades e 130 de freiras {du.
Barbosa Cobu: Historia de Portugal, 9^o, p 523}

(2) "So os rendimentos de todos elles eram:

"	Dízimos, quartos, oitavos, di- reitos, reuherias, etc	345.862.537 ^m
"	Prebidos, fôros, reuhas, etc	514.120.209 ^m
"	Bagelas, etc	20.267.619 ^m
"	Juros d'agolices	28.394.102 ^m
"	Juros d'acçes de camga- alia	80.954.017 ^m
"	Juros de camara municipal	8.189.951 ^m
"	Juros reaes, esmolas	154.322.885 ^m
		<hr/> 1:162.111:320 ^m

Esse leuame foi o então ministro do ju-
 ricas⁽¹⁾ Joaquim Antonio d'Alguiar a quem la-
 gues o Sr. Barbosa Colen quiz reduzir ás
 exiguas proporções d'um ministro vulgar
 cuja regulação foi creada com trabalhos dos
 outros.⁽²⁾

" Estes mil cento e sessenta e dois centos de
 " reis dividiam-se assim:

" Benefícios de grades	763.546.361
" Benefícios de freiras	398.566.959
	<hr/>
	1.162.113.320. ⁽³⁾ »

[Barbosa Colen: Hist. de Portugal, 8.^o, p. 523]

(1) Os outros ministros eram: José de Silva
 Carvalho, duque de Terceira, Francisco Simões
 Margiochi, Agostinho José Freire, Candido José
 Xavier e o conde de Villa-Real. O ministerio
 era presidido pelo duque de Palmella.

(2) « Este decreto celebrissimo fez a regulação
 " do ministerio Alguiar que o referendou que até
 " for elle alcançou a alcunha expressiva do mat-
 " ta-grades. Quem o matou, foram, foi D. Pedro.
 " No livro já tantas vezes citado José de Silva
 " Carvalho e o seu tempo nem publicado a
 " grossa irrecusavel do facto. E' o fac-simile de

Allega o distincto e arguto escriptor que o autor do decreto foi o proprio imperador « para o qual elle proprio deu a ordem » ⁽¹⁾ cujo fac-simile nem publicado nem obra moderna.

D'agui, tira a esmagadora conclusao de que Aguiar não fez mais do que rever e corrigir como homem instruido o que fizera o duque de Bragança, cuja instrucção era uma coisa duvidosa.

Contudo não desceamos da communicação em que estamos de que a ordem do decreto escripta pelo genho de D. Pedro, não tira, por esse simples facto a gloria ao energico ministro.

Eue duvida ha em admittir que Aguiar não querendo fazer a cause por si só, re-

" nota para o decreto. Foi tudo do genho do Im-
 " perador. A redacção d'estadista do ministro
 " foi feita quasi sempre assim... com trabo-
 " thos alheios! Não é porque carecesse d'intelli-
 " gencia. É porque tinha pouca applicação do tra-
 " balho. » (Hist.º de Portugal - 9º, p. 522)

(1) B. Coar: Hist.º cit.º - idem, idem.

heudo bem como era o genio de d. Pedro, quiz
 induzindo este ultimo a fazer o deceto col-
 locar-se numa afarente modestia que cau-
 riu a vaidoso e ingenua ostentação de
 grandesa e poderio do duque de Bragança?

Bolbocar o Imperar á frente, no' primei-
 ro plano, como centro de todo o systema go-
 litico, e manobrar como Jansagem secun-
 daria não seria um Jasso Jara o exito do
 plano grandioso que Aguiar concebera na
 sua esclarecida intelligencia e cujo Julso re-
 ria cogar de não tremer ao executal-o?

Nesta questão de coliecas coroadas, não ha
 nada como pagar-lhes a vaidade!... It-
 rim se conseguem grandes cousas.

E estamos convencidos d'isto. Aguiar
 Jozos a extirpação dos conventos; e depois, ha-
 ria um argumento d'altissimo valor: os
 enormes rendimentos que elles tiravam, as
 riquezas accumuladas nos edificios das ar-
 das, eram uma receita milagrosa Jara o
 estado Jecario do thesouro...

« A convicção das vantagens d'uma tal
 " medida — diz o relatório — refazera até á
 " última camada social para a qual o me-
 " lhor argumento é a riqueza... Em conse-
 " quência, devesse, e' forços extinguir as ordens re-
 " ligiosas e dar destino aos bens que possuem.»

E de facto o decreto passou. Sabido e assumido
 levou o país ainda ha poucos dias das derrotas
 de D. Miguel, ⁽¹⁾ ainda atordoado por tantas lu-
 chas internas, por tanto sangue derramado,
 por tanto assassinato commettido, por tanta la-
 grima cahida!....

Por todo o país houve um movimento d'
 assemplo, por um acto tão energico. Desde
 o Marquez de Pombal até então, não se fi-
 zera nada igual!

Infelizmente, a intenção não correspondeu.
 deu aos meios que empregaram para des-
 truir essas instituições conventuais....

(1)
 A convicção d'Evans-monte, teve sido as-
 signada no auto-mesagem do decreto.

Por esse feio fôro, foi um roubar infame, um desfordicio inaudito, uma destruição pavorosa. « Destruir tudo para que, se elles voltassem nada fôdessem encontrar parece ter sido a norma adoptada. »⁽¹⁾ E, no meio de grande ruína se perderam innumerosas preciosidades artisticas, se deixaram ao abandono muitas bellezas d'architectura.

O regalho foi sem termo. Tudo roubar, tudo espoliar, tudo que se fosse ro.

Nas contas correntes não se á margem, em quasi todas as paginas o seguinte:

« Deste roubo acha-se processo formado e em andamento. »⁽²⁾

E assim foi como se comprehendem a justa intencáo de Joaquim Antunes d'Almeida. Pensou-se apenas no valor politico do decreto usado, não se pensou em mais

⁽¹⁾ O espolio dos conventos - folheto cit.º - p. 4

⁽²⁾ Idem - p. 5.

nada. Os bens que poderiam enriquecer
o thesouro enriqueceram apenas os inveni-
tariantes, os escriptaes, os guardas, os delega-
dos, o frogo enorme que ia a cada convento
zelar pela fazenda nacional!

Duma medida tão energica, de tão gran-
de alcance pô' se aproveitar bem, o roubo...

«Ganhou a ladroagem — diz o Sr. Colen
— e não ganhou o faz.⁽¹⁾»

=====

{24-V-805}

(1) Historia de Portugal - 9º, p. 525

Bibliographia: Barbosa Colen: Historia de Portugal - 9º, cap. 28 — O Correio Lericense, n.º 4461 e — O projecto de extincção das ordens religiosas em Portugal: Relatório e decreto de Joaquim Theotónio d'Albuquerque, 1 fol. deo — O Palácio dos conventos: o projecto de Cellas e Sant'Anna, 1 fol.º anonymo. — Del. J. J. Gomes: A extincção das ordens, offuscado

VII

8 de junho de 1663 = A batalla do
Ariceiral —

Portugal é no seu vigésimo - terceiro an-
no de independente e nem por isso melhora-
ra a sua situação.

A guerra com a Espanha continuava e
apesar de tudo o que se sabe justifica-se com
esta razão a frase do conde de Ariceira: «os
"portuguezes tem por natureza, o arrojar-se
"a invasões.»⁽¹⁾

De facto, as victorias alcançadas tem o seu
quê de frouxas de melhores tempos com
uma grande dose de boa sorte.

A batalla do Ariceiral ou do Caval, é
um feito de guerra notavel sem duvida,

⁽¹⁾ Portugal restaurado — I vol., liv. III, p. 121

mas cuja principal ingenuidade foi succeder quando succeder: isto é, como um jogador que não perder todo o seu dinheiro e que lance desesperado a ultima quantia e... ganha!

Foi o que aconteceu com Portugal. A roda da fortuna abandonava-o; jogou a ultima cartada e a sorte foi-o ganhar.

O anno de 1663 começou mal para o nosso exercito. Havia falta de generaes: uns tinham caído no desagrado, outros tinham falta de competência e os herzogues estavam a bater-nos á porta.

O conde Schamberg tinha um alto valor mas era estrangeiro e havia ciúmes d'elle; tomou o commando fortuito, D. Sancho Manuel já condecorado d'la quatro annos de acção gloriosa das Linhas d'Elvas.⁽¹⁾

Os herzogues entraram nos comecços

⁽¹⁾ Ser o data de 14 de janeiro -

de mais zelo e lealdade sob o commando
em chefe de D. João d'Albornoiz, com dose
mil homens de infantaria e seis mil e
quinhentos cavallos, vinte bocas de fogo e
tres mil carros de munição⁽¹⁾ e, passando
por Estremoz dirigiu-se para Évora na
qual D. Sancho Manuel deixára de guarda
Manuel de Miranda Henriques com
seis mil homens.

Conseguiram aqui as desgraças.

Logo passar por Estremoz o exercito portuguez recolheu-se ás fortificações e deixou
passar á vista as tropas Castelhanas sem
offerecer batalla. « Alguns dos nossos regi-

⁽¹⁾ P. Blagos: Historia de Portugal, 5.^o, p. 582 —
«... sahiu o Principe com o seu exercito me-
" diao; não era demasiado o seu poder por
" que os desiguais com que vinha não gozavam
" maior poder de exercito... » [Anti-castelo
" p. 57] — «... cerca de dez mil homens
" de infantaria, seis mil de cavallaria, e de-
" zete bocas de fogo... » [Relatório do coronel
" inglez Hsley no vol. II das Provas e Hes-

" mentos ainda se não haviam juntado ao
 " nosso cargo — diz um consuel inglez n'
 " um relatório — zelo que deixámos que o
 " inimigo passasse junto de nós, é nossa
 " vista sem nos aventuremos ao azar d'
 " uma batalha. »⁽¹⁾

Em Evros, estabeleceu D. João d'Albu-
 tris um cerco rigoroso e auxiliado pelo
 dispendio que havia dentro da praça con-
 seguio que esta se lhe rendesse vergonha-
 osamente.⁽²⁾

Em Lisboa houve ganico. No exercito
 de D. Sancho que então já estava a cami-
 nho da cidade o effeito moral foi terrivel.
 Grande parte do Alentejo começava a
 entregar-se humiladamente aos vencedores.

A situação era desesperada; D. Sancho
 Manuel — sem duvida a figura mais

Carta do Exercito portuguez, por Christovam
 Meyres]

⁽¹⁾ O mesmo relatório

⁽²⁾ A 24 de maio.

significativa deste período — mediu bem o que tinha que fazer.

Éro necessario dar um golpe decisivo ;
 « sempre equal no semelhante, diz o autor
 da Anti-catastrofe com alegria e constan-
 « cia d'animo valeroso, sem dar o menor pi-
 « quel de desconfiança em curso que tocasse
 « os abertos de um generoso coração » resol-
 « ven atacar o general Lesgauld, decidido á
 « ultima cartada.

Este, mandára a Alcaer do Sal um cor-
 go de 3.000 Loureiros ⁽²⁾ para metter medo a
 Lisboa. O celebre Pedro Jacques de Maga-
 lhães chegára da Beira com um reforço. Era
 a occasião.

D. Sancho Manuel tinha então desesete
 mil Loureiros e levava como mestre de
 campo o conde de Schomberg. Ho passar o
 Digebe — pequeno afluente do Guadiana

(1)

Anti-catastrofe — p. 131

(2)

P. Blagos: Hist. de Portugal — 5º, p. 595.

— os Suedezes ainda não estavam concentrados mas a noite imprevista que se fez-se um ataque que seria da maior vantagem para o nosso exercito.

Seguiu-se então uma coisa curiosa; os Portuguezes passaram de novo o Degebe e os Suedezes na outra margem candelendo a mesma vantagem que teriam em atacar, começaram a querer ganhar a fronteira esperando trazer reforços.

Os dois exercitos marchavam paralelamente: um não queria atacar, o outro queria evitar o ataque.

Era uma marcha curiosa, ao lado um do outro, temendo-se mutuamente.

D. Sandoz e Schamberg foram, não se viu de vista uma occasião favoravel. Logo deu-se quando ao passarem junto de Extnemog, Schamberg aconselhou um movimento que collocava o nosso exercito em condições superiores ao inimigo e to-mando-lhe o passo.

D. João d'Alentejo era conhecido, um bom militar. Percebeu a intenção e fez um rápido movimento conseguindo alcançar umas posições que lhe eram de máxima vantagem e que o tornaram superior aos fortu-
gueses.

Terminou-se, neste, o dia 8 de junho. Os dois exercitos de frontavam-se e apesar de umas hesitações que houve entre D. Saicho e Schomberg, aquelle « leal e nobre coração »⁽¹⁾ fez acima de tudo a necessidade da gloria e não se levou zelo desfeito ou zelo ciumoso.

Commandou em pessoa a batalha que foi sem duvida « temerária » no dizer de D. Almeida Braga;⁽²⁾ dirigiu com grande acerto tudo não fallando com a sua attenção desde Lisboa Terço.

« Bata de Fortuguez, ficou feito um leão —

(1) P. Braga: Hist. de Portugal - 5.º, p. 598
(2) Idem: Idem - :

" diz o Multi-cabestrolle — não se descurda-
 " vam ainda os mais cobardes de dizer gra-
 " des bravuras e, finalmente, todos alegres."⁽¹⁾

A confiança nos chefes é sempre camuflado
 ajudado e D. Sancho Manuel merecia a con-
 fiança de sua gente.

Atacou-se com valor e valguem furtos
 fortificações difíceis; resistiu-se á cavallaria in-
 miga muito numerosa, e destrou-a for-
 temmente em um terço de reserva; no glancie ven-
 cera-se, mas elevações venceram-se também.

D. João d'Alvares fugio; os furos que ain-
 da ha furos se demittavam deante d'elle,
 buscavam-no para o matar.

E D. Sancho Manuel grande cantar na
 sua brilhante carreira militar mais uma
 victoria, que veio levantar os animos em
 todo o Portugal.

Não sem uma gartinha de vaidade,
 mandou légo ao rei Affonso VI a gartici-

⁽¹⁾ Pg 131

"Gaceta da victoria e terminava: «no entre.
 "tanto que fico dando sepultura aos mortos
 "manda Vossa Magestade dar muitas graças a
 Deus e haure os vinhos que tanto á custa de
 suas vidas grauejaram a Vossa Magestade a
 maior victoria que jamais se viu.»⁽¹⁾

=====

{1-VI-205}

(1) Participação feita no proprio dia de batalla
 a D. Affonso VI - a p. 78 do 2.º vol. das Provas do
Hist.º do Exercito Portuguez, já citado

Bibliographia: Anti-catastrofe, liv. 1.º, cap.º
 XI e XV. — P. Blagos: Historia de Portugal, vol.
 5.º, cap.º XXX — Christouam Meyes: Historia do
Exercito Portuguez: Provas, vol. I (p. 96 e seq.º), e
 vol. II (p. 59 e seq.º) — Ferdinando Diniz: Portu
gal Pitagorico, 3.º vol. — Zeflerino Brandad: Mem.
reunidos e laudas de S. Antonio, cap.º VI —
Portugal restaurado, tomo 3.º —

28 de setembro de 1538 = O Baluar-
te de Francisco Pacheco.

O baluarte de Francisco Pacheco era
nem mais nem menos do que um baluar-
te da fortaleza de Goa, que D. João de Castro
num dos seus Relatórios diz ser « um for-
moso baluarte muito redondo » ⁽¹⁾ com vinte
e quatro pés de grossura das paredes.

Porém a construção do governador
Duro da Guarda ⁽²⁾ e ficava do outro lado do
rio, na direcção do celebre baluarte do
mar.

Seu geis uma garizal amiscada. A for-
talaza da ilha estava forte, construida ha

⁽¹⁾ Relatório de Goa a D. João [ed. de 1843] - p. 218

⁽²⁾ Ver a data A ilha dos montes, I, XI col.º

forças, mas aquella baluarte, feito para a
defesa da terra — « bravíssima estância pa-
ra invernar »⁽¹⁾ — selgado pelo rio e sem
mais algum ponto de apoio, era de veras
congruamente.

Contudo, quando os turcos — depois de
varias causas que não vêm aqui
contar — vieram cercar Din em 1538, com
forças consideráveis, e excessivas em rela-
ção ás dos portugueses, o baluarte, indubita-
velmente tinha que ser defendido.

Foi o que se fez-se a respeito da fortifi-
cação toda: tinha que ser defendida!

E a defesa fez-se, sustentou-se e ven-
ceu-se: o primeiro cerco de Din é das cau-
sas mais estudadas que temos na nossa
história militar.

Era governador Artur de Silveira a
quem D. João III chamou « uma
» espécie do greguado do nosso grande exer-
cito »

(1) Boletim cit.º — p. 219.

" cito do Oriente, rude, desbocado, mais co-
 " tumado ás graças do que aos madrigaes, de
 " uma bravura americana, ainda mais
 " um Ajax do que um Atchilles gela re-
 " dese, gela colera, gela tenacidade desespera.
 " da. »⁽¹⁾ De tal homem não se podia espe-
 " rar outra couse que não fosse a bravura,
 " a tenacidade levada ao exagero.

Ora, quando os turcos caíram como
 uma avalanche formidavel sobre os mu-
 ros da fortaleza o baluarte isolado do outro
 lado da barra estava entregue ao esforçado
 Francisco Tadeo.

O Lanáuan - he o baluarte dos riuos
 e sobre elle cahir todo o primeiro foz do
 ataque a que resistiram desmodados os seus
 rebentes defensores.

O primeiro ataque contudo foi relati-
 vamente foz. As cansas freguraram-
 se, em breue.

(1) O baluarte de Dica - ff 114-115-

Em meados de setembro os turcos estavam preparados; milhares d'homens, soldados experimentados, esperavam a ocasião de cair sobre o insignificantíssimo gesso e um dia, ao romper do sol a artilheria das estâncias e d'uma armada — que esmerava entrar o bala — rompeu vivíssimo bombardeamento contra o desgraçado baluarte, bombardeamento que durou, segundo D. João de Sousa Coutinho "até as quatro horas depois do meio-dia»

Seguiu-se então um espectáculo que não hoje, nestes magníficos tempos em que o nosso sangue se góde só avaliar pelo que-lhe das carteiras no Parlamento, (2) não conseguiremos e de que chegamos mesmo a duvidar.

Uma cortina da muralha abateu; as

(1) História do cerco de Din — p. 149

(2) Refiro-me ás tumultuosas e vergarhosas sessões de 8 e 9 de setembro de 1805 no camarão dos deputados.

pedras, cediendo, formáram uma facil subida e por elle, setecentos assaltantes, que cedião por « um alferes que diante ia com uma grande bandeira vermelha »⁽¹⁾ subiram de soldão.

Já chegávam quasi ao alto, ao cimo das muralhas ainda em ge', quando lhes appareceu a fazer frente... a guarnição inteira? não, apenas dois lanças, só dois lanças « sobre o andaime do baluarte. »⁽²⁾

Atentados, uns contra os outros, os turcos surprehendidos, firando, subiam; de dentro, os defensores, ajudávam os dois herces, dando-lhes daquellas de fôrça, coirpas incendiadas, fêbreiros, pedras, cargos dos proprios assaltantes — que tudo era uma arena de arremço!

E o pol, quando cedió sobre o muro, viu ainda no andaime da muralha os dois

⁽¹⁾ D. Logo de Souse: Hist. = cit.^a — p. 149

⁽²⁾ Idem: Idem — p. 150

valerosos soldados fazendo frente, e os Turcos a retirarem, impotentes contra tanto valor.

Veio a noite e o descanço cadiu sobre os dois exercitos: um enorme, poderoso, via que aquellas muralhas eram inextinguíveis; o outro, pequeno, embora valente temia o ataque do dia seguinte que poderia ser de feios resultados.

Tendo-se mutuamente, trataram ambos de se segurar, e Francisco Pacheco enviou de noite á fortaleza Martinho Falco para pedir a Martinho da Silveira canhões e gente de reforço.

Correu voz que Francisco Pacheco queria entregar o baluarte aos Turcos — que Lourenço, tal respeito conversas secretas, por isso severa devia ser a cara do governador de Diu; o herico Martinho da Silveira, quando, no meio dos seus guerreiros, á luz escassa d'uma candieira fumarenta resgandou rescaamente ao fidel Falco:

— Ajegge - vos com vosso Senhor Jesus Christo que morreu por nós na cruz. Cumprí, agora, o vosso dever. Na fortaleza, todos, paucos gaucos e deantes, no beuarde que sejam valentes e que saibam morrer.

Faleiro pelin cabisbaixo. Tudo ficou eslado em volta...

Nas cortinas, as sentinellas vigiavam attentamente, fazendo esforços para a cabeça das mãs calir polno o feito, de cançasas. E o rio sussurrava d'encontro ás rodas e ás pedras das muralhas, perbitilmente.

No ranger da manê, a bandeira de Christo tinha sido substituida pela bandeira do herascente no beuarde de Francisco Pacheco. As soldadesas da fortaleza chegaram ás muralhas e vio a affrentoso vergonha com lagrimas de raiva e silveira — como refere Gaspar Barreis — de se ver de certo esmagar algumas afofrosas.

discerna, como aquellas da carta a Dolei-
man - Pachá que as Leudas da Lúdia nos
conseruaram até hoje.

O heroísmo da vergera transformáre-se
em covardia: Francisco Pacheco entregára o
baluarte.

Houve gente quem cumprisse a or-
dem de António da Silveira: sete homens
já com os turcos dentro do baluarte derruba-
ram a bandeira de Mahomet; luctaram
denodadamente como na vergera, mas,
menos felizes os seus cargos, em pouco
foram lançados á agua e o rio, suave-
mente veio trazer-os á fortaleza para que
se lhes desse sepultura condigna com o
heroísmo que praticáram. ⁽¹⁾

Diz, porém, continuou firme. E An-
tonio da Silveira foyde entregel-o em.
lára completamente esborrada a D. Gar-

⁽¹⁾ Caso referido a p. 158 da Historia cit.ª de
D. João de Sousa.

cia de Waranda — portugueses ainda, forte,
valerosos invencivel.

Já lá vão 367 annos. Hoje é o que se
vê....

A unica causa forte, invencivel, in-
extinguivel... só se fôr o Sr. conde de
Burray....

=====

(14-IX-905)

Bibliographia: D. Lope de Sousa Castanho: Historia do cerco de Diu — P. Blagos: Historia de Portugal, v. 3º, cap. 76 — Francisco d'Almeida: Chronica do d. João III, vol. 3º — O mes-
mo: O primeiro cerco de Diu, Joazeiro, c. 14 —
P. Blagos: O baluarte de Diu no vol.º de Des-
cobertas da India contada por um marinheiro.

1 de outubro de 1810 = Entrada do
exercito francez em Coimbra

Haive tres dias que junto do rio de Bus-
saco, Massena — o grande marechal de
confiança de Napoleão — havia soffido um
cruel reves.

Quer se chame á acção de Bussaco uma
batalla, quer se chame um simples reconte-
cimento offensivo o que é certo verdade
é que o exercito de Napoleão experimentou
pela primeira vez — depois de tantas e tão
luzidas victorias — uma derrota que foi o
inicio d'uma campanha infeliz e que nos
trem ao grande Ingerador o Lamen d'
alto valor e merecimento que se lhe ausa-
va offor com vantagem.

Massena viu que não podia forçar a fo-

picad formidable do Bussaco. Lançou Reynier, Lançou Ney, o bravo dos bravos d'encontro ás guedias de montanha, mas voltaram para baixo, commencidos da impetuosidade dos seus esforços, e depois d'alguns erros tacticos de parte a parte, os dois exercitos iniciaram uma marcha para o sul, marcha enrixa e memoravel — um levando consigo os furos e provisões, deixando atraz um deserto; o outro talando e devastando o terreno que encontrava.

O de frente mais ou menos grosso fêz a multidão que combatia sustentava continuamente um combate na guarda de re-ctaguarda; o de traz, grosso tambem fêz enorme comboio de feridos e doentes tojava a cada momento com as pernas avançadas, na re-ctaguarda do outro.

Um, marchando para se acotter á fortificação das fortificações formidaveis; outro, evitando um combate que lhe parecia desfavoravel.

Atroem, tendo-se mutuamente, pas-
saram em Coimbra.

Wellington levou tudo e aconselhára
aos habitantes da cidade para que o aconteça-
ssem com o fim — barbaço, e' certo,
mas de grande effeito — de o inimigo não
encontrar para seu sustento.

A cidade famosa do Mondego ficára
quasi deserta; tudo o que se queria levar ti-
nha-se levado, a morte, nem a confusão hor-
rível. Contudo, grandes riquezas tinham
ficado: a Universidade com a sua grande e
rica bibliotheca; o museu; o observatorio; a
Sé; o convento dos curios; a livraria do
Leite de chimica Thomé Rodrigues Sobral,⁽¹⁾ e
outras cousas que perante a selvageria dos
invasores constituia um fardo enorme.

No dia 1 de setembro de 1810,⁽²⁾ Massena

(1)

Memorias d'um ajudante de campo, I, 294

(2) E' curioso saber o que uns dois livros fran-
ceses dizem a respeito d'esta entrada do general

o filho querido da victoria entrou na cidade
 pela rua da Dofia seguido pelo seu brilhante
 e espectaculoso estado-maior.

Em presença do abandono em que se en-
 controu a cidade, a soldadesca enfureceu-se;
 o saque estava imminente e inevitavel a
 libragem.

Felizmente, porém, no estado maior do
 marechal viam alguns portugueses que ti-

lhosimos francezes em Boimbera. Mostra-se o
 pouco escrúpulo de investigação, e a facilidade
 de se affirmar factos desconhecidos. Eis aqui
 o que diz uma d'ellas: «... nos troupes se di-
 rigeront pour Boimbera où elles firent leur en-
 trée le 1^{er} octobre, au milieu des illuminations
 ardentes pour éclairer le village et la desas-
 tation de cette superbe ville. Le general anglais
 en la quittant, avait permis a ses soldats de se
 livrer à des excès dont l'atrocité surpasserait
 même à des hordes sauvages » [Tissot: Excès
ou l'histoire abrégée des guerres de la révolution
française (1821) — II, 661]. Segue-se o que diz o
 outro: « 27-septembre - 1810 — Prise de Boim-
 bera où Massena rentre en vainqueur après
 avoir mis les Anglais en deroute dans les de-

utam id. que France, com a Legião ⁽¹⁾ entre
 os quaes viam: o Marquez d'Alorna, o
 celebre Manuel Leuzio Martins Pauglora
 que depois foi conde de Subsema, o tenente
 coronel Nobre; os ajudantes de Pauglora:
 Francisco Cardoso e José Soares; D. José
 Manuel de Noronha (Tancos) e outros. ⁽²⁾

Estes officiaes, eubere ao serviço do exer-
 cito francez e talvez sinceramente inimigos
 de Wellington, tiveram contudo, á vista da
 formosa cidade, a dor d'alma que terá todo o
 Paueu ao ver destruir aquillo que tem de
 melhor. Ingloriarão do generalissimo — é

"filis de Mandago. Que illumination comman-
 "dée par Wellington au rejaussance de la victoi-
 "re dont il se croyait sur, servit à celebrer sa
 "defaite." [Le Taur de l'année... pp 586]. Do
 Nouveau Larousse illustré (art.º Boimbre) diz-
 se: «... Victoire des anglais (17 sept. 1810)...»
 Mosim se escreve a Litarie!...

(1) Ver A Legião Portuguesa, neste vol.º, III.

(2) Estes nomes veem no num.º 5373 do Co-
 mmemorativo.

e gloria do Sr. Fernandes Costa ⁽¹⁾ que não consentisse vandalismos, que se fizesse na esplendida cidade dos paços brutas de que outras tinham sido victimas.

Massena, dando á sua disposição a brigada Taurina, nomeou então Pauleira governador da cidade com poderes para reprimir os abusos.

Parecia pois, Coimbra, ao abrigo da devastação e do sauto. Massena fôra ver os arredores e Pauleira tudo dispoz de modo que a soldadesca contentava-se e não se entregou aos desvarios do costume.

Cabia a noite já sobre a cidade; a brigada susarilhara armas e tudo parecia o mais bem disposto possível para uma noite tranquilla. Eis quando, pela estrada do Porto, sem respeito pelas ordens do marechal, entraram á força na cidade o general Duque d'Alentejo, o celebre Junot.

⁽¹⁾ Memorias cit. — I, 292

Assim que se prohibiu a generalissimo para entrar na cidade, mandou buscar as armas e deixou ás portas os soldados.⁽¹⁾

O que se passou foi uma coisa horrivel. Mataram quem encontraram; roubaram tudo o que se lhes deparou; forçaram as mulheres brutalmente; queimaram vivos os velhos e crianças; entraram nas igrejas e quebraram tudo o que lhes pareceu bom; arrastaram os tumulos em busca de riquezas, soltaram fogo ao que não lhes servia!

Habitantes houve que se suicidaram para fugirem ao martyrio que os esperava; muitas vezes para fugir á deshonra; outros para não serem espardejados lentamente, aos bocados, no meio da gathofa obscena dos soldados.

Foi um quadro horrendo talvez semelhante ao que Laveria se viu no lugar dos franceses do século XIX entrar em Coimbra uma

(1) Memorias p. 2, pg 282, I.º.

Lenda selvagem do século VI! « Cinco go-
 " rrações inteiras foram consumidas pelas
 " charruas e igualmente mais de mil ca-
 " ras isoladas. Os asserrilhados em todas as
 " lagoas do bispo Coimbra subiram a
 " mais de tres mil!»⁽¹⁾

Não houve um meio de dar um termo
 a tal devastação.

Masseu, ao chegar, viu tudo e... dei-
 xou correr. Junot auxiliou até o ponto;
 os outros generaes consentiam...

Houve mesmo delicadezas e atenções
 no meio da barafunda: Masseu preseu-
 tava Ney com um esplendido ouro do ob-
 servatorio da Universidade;⁽²⁾ Ney devolveu
 o, naturalmente agradecendo.

E assim, Coimbra foi destruida, saque-
 ada, devastada. E no dia 3 e' que o ex-
 ercito francez começou a retirar para o

(1) Memorias cit.^{as}, I, 296

(2) Memorias cit.^{as}, I, 295

cul, depois de descansar, não das fadigas da
marcha ou do combate mas do cansaço
da zilhagem, do grassar, da angia brutal.

Já lá vão noventa e cinco annos... e
ninguém o lá-de dizer!

====

{Maife = 26
IX - 905}

Bibliographia: Fernandes Costa: memorias
de um ajudante de campo, IV. pag. 15 — O l.
republicano, n.º 5373

X

5 de outubro de 1385 = Valverde.

O Senoico duello d'Aljubarrota, tũa fei-
to virar a nobre ideia da independência
portuguesa que o povo tũa imposto, for
assim dizer, ao mestre d'Aviz.

At «nalgaziada éfica» de que nos falla
Oliveira Martins ⁽¹⁾ tũa feito a grandes e
valentes golpes de montantes os feudos ali-
cances em que devia assentar firmemente
a gloriosa dynastia bastarda. Ficou de vez
consolidada a monarchia independente que
tũera antes a paucçã do povo nas côrtes
de Coimbra.

Contudo a faz não se restabeleceva logo;
os cardelhanos ainda que vencidos tũtãran

(1) Na vida de Almeida.

pequenas mulheres ainda não foram felizes e que não tiveram utilidade alguma.

Entre estas, a incursão pelo Alentejo teve um tanto ou quanto de importância que el rei alvares correu, com o seu hoste e o seu glorioso mantimento, em busca dos atrevidos guerreiros.

Entre os mesmos em pou de guerra pela Hespanha dentro e em Villa Garcia — conta Fernán Lopez ⁽¹⁾ — «degiu um trombeta com um molho de varas na mão» e com o ceremonial do estylo, ingenuamente, começou:

— Señal condestable, o mestre de Santiago de Pedro Muñoz meu senhor, vos manda desafiar e vos manda esta vara... ⁽²⁾

O condestavel, poleme nos seus vinte e cinco annos, deu as boas vindas ao mensageiro, accitou as varas uma a uma, que

(1)

Chronica de D. João I, 2.º parte, ref. 55

(2) Chronica cit.ª — idem.

convergiam a outros tantos desafios e
deixei fregar-se tudo para dar batalha.*

— As navas que me mandaram, dizia
elle, serão aquellas com que os heide in casti-
gan...⁽¹⁾

E mandam dar cem dobras aos mensagei-
ros. E com toda a fé de sua idade e todo a es-
perança no auxilio divino, fregar-se tudo,
alegre, sempre ingenuo e bom, sempre ani-
moso e tranquillo: o oraculo não fallaria —
peria, como Achilles, invencivel!

Ja se não dava o que se dava nos Atolien-
ros; ⁽²⁾ egreja tudo tinha confiança nesse rapaz
acrescentado que distribuia para a direita e
para a esquerda valerosos golpes de murtan-
ta, que sabia disfar tudo para que se neces-
se, que era bom ao mesmo tempo que era
fidalgo, que era um santo ao mesmo tempo.

⁽¹⁾ «... e muito mais he agradecer as navas que
me mandaram com que os autendo todos in
castigan...» {Chronica cit.² — idem.}

⁽²⁾ Ver a dita Atolienos, no I vol. — col.

fo que era um esforçado cavalleiro!

E, apesar do castelhano perecer, como diz o cronista «muitos muito sem conflagração»⁽¹⁾ não havia homem d'armas for mais rude que fosse que não tivesse confiança na próxima victoria que iria crescer. Foi mais uma á serie de victorias do seu glorioso Mestre d'Ariz.

Don'alvares, venceria, mais uma vez!

De Villa-Garcia, o condestavel, continuou a marcha; de longe, Martin Nunes de Baranda, que commandava a parte castelhana, regia a marcha, feito novo cunctator segundo Oliveira Martins.⁽²⁾

Don'alvares, não obstante o perigo que ir devotamente á Senhora de Guadalupe,⁽³⁾ se o não dissuadissem d'isso; e duas leguas

(1) Cronica - cap. 56

(2) Vida de Don'alvares -

(3) «... não embargando a desobediencia, quisera o conde ir a Santa Maria de Guadalupe e deixou de o fazer...» [Cronica - cap. 55]

acima de Mérida, a caminho d'uma aldeia
 a que chamavam Valverde ⁽¹⁾, ao cair da noite
 de 4 de setembro de 1385 acamou « a Jan
 do Odiana » ⁽²⁾ sempre á vista do castelhanos.

No dia seguinte, começou o combate.
 Fernán López diz que deveriam per uns 33.000
 castelhanos « mais gente que a da batalla
 real mas não eram tão grandes peñones nem
 gente escolta nem assim guarnida. » ⁽³⁾ Con-
 tudo fora os nossos eram em numero ex-
 cessivo; a Leste do Condostavel era uma
 causa exigua.

Contudo, quem'alturas gravou tudo, dizoz
 tudo. Não ^{faltou} a parte onde fosse necessario; os
 castelhanos começavam a aguarar mal da
 batalla, porque logo do começo tiveram que
 recuar perante a Leste portuguesa levada
 pela santa bandeira do seu chefe.

Mas, acosa iz a batalla, vigoroso ia a fe-

⁽¹⁾ Cronica — cap. 55

⁽²⁾ Cronica — cap. 55

⁽³⁾ Cronica — cap. 56

leja, quando se deu zela. falta do boudestavel: «foi achado meus» diz o dramista. ⁽¹⁾

Ninguém sabia d'elle, procurava-se por toda a parte. O seu mantimento faltava nos Santos mais difficeis, a sua gloria faltava aos meus animozos, o seu exemplo faltava aos mais frios.

« Quem poderá por este zazo ler — pergun-
ta o mesmo dramista ⁽²⁾ — que não se ergante
de tal agortamento? Qual foi o grincage nos
Tempos passados de que se conta pimentante
obra? »

Jo se murmurava nas fileiras; os castelanos avançaavam em gritos, cobravam animo. A guerra deste oscillava já. Corria-se doidamente á sua procura.

Truy Gonçalves, por fim, encontrou-o: em tre umas rochas, de joelhos em terra, olhos fitos ao céu, com o zazo ao lado rezando

⁽¹⁾ Cronica — cap. 57

⁽²⁾ Cronica — cap. 57.

a pinda, e com o lanço e braçal; não ouvia
nem no chão; o seu olhar parecia como uma
pulgica, estava erguido para o ar como quem
melho via alguma coisa estranha; o seu im-
mobilidade era completa.

«Entre o céu e a Terra — commento o fal-
lecido Oliveira Martins, com ironia⁽¹⁾ — nego-
ciavam-se ajustes...»

Ruy Gonçalves cobrou animo; falou, re-
plicou o melhor possível, que o castelhano
avancava, que estavam perdidos...

— Ruy Gonçalves amigo, ainda não é tem-
po, aguarda um pouco e acabarei de ora.⁽²⁾

Correu após Gonçaloannes de Castello-de-
Vila, com eguaes pulgicas; mas o bovidestavel
não ouvia.

Só quando acabou, quando os ajustes es-
tavam negociados é que elle se levantou e
foi para os seus. Mantém a cavallo, agantou

(1) Vida de Almeida —

(2) Ironia — cap. 57

gana a bandeira do Mestre de Santiago e diz
 se que queria a sua naquella noite e, esfer-
 cando a sua gente que ganhara animo quan-
 do o viu, esfregou a mula, pegou a lança
 e lançou-se á geleja:

— Oros amigos, avante! Todo o Lameiro
 um a quatro! ⁽¹⁾

Quando a noite caia do dia 5 de outubro
 de 1385, fugiam desasgradavelmente da Leste
 do Bandestavel, o conde Martin Nunes, o
 mestre d'Alcantara, o mestre de Santiago,
 com as suas gentes e Alui' alvares, victorio-
 so como sempre foi acampar na aldeia de
 Salverde «com tanto grassar e ledice como

- ⁽¹⁾
 « — Diogo Gil, amigo, vedes vós aquellas
 " bandeiras que estão no cumeiro d'aquella mou-
 " te e uma mais alta que fasso que e' do mestre
 " de Santiago?
 " — Semhar, vejo, disse elle.
 " — Dai ande, logo com esse minto e hi-a
 " far junto com ella.
 " — Minto me faz, senhor, disse elle.
 " Eo conde os olhou todos com madura e fan-

"entender judeus, dando muitas graças a
 Deus...»⁽¹⁾

At batalla fôra vencida, e a deymastia bez
 taada firmára-se mais aiuda fôra começar
 o periodo mais glorioso do nosso Listorio.

=====

{h.ºgra = 27-
 IX-1805}

"da continencia, e disse contra elles:

"— Ora, amigos, avante, todo o laurem em a
 quatro. » {Cronica, cap. 58}

(1) Cronica — cap. 58.

Bibliographia: Fernan Lopez: Cronica de D.

Joaõ I, 2.º parte, cap. 55-58 — Oliveira Martins:

Vida de Almeida.

XI

6 de outubro de 1507 = Fundação da
fortaleza de Ormuz.

Em 28 de setembro de 1507 surgiu em frente da cidade de Ormuz a armada de Afonso d'Albuquerque o glorioso e forte leão dos mares.

Ormuz, diziam os árabes, seria a gemma, se o mundo fosse um ovo; seria a joia preciosa se o mundo fosse um animal — apesar das suas rochas escaroadas, como refere Gargal Carneia ⁽¹⁾ e de sua água per salgada «mais que o sal das marinhas.» ⁽²⁾

Fra contudo um superior commercial de primeira ordem, e um dos vertices do

⁽¹⁾ Citado no Archivum Historicum, v. 3^o, ff 281

⁽²⁾ Idem — idem —

grande triangulo em que Albuquerque que-
ria firmar o nosso enorme imperio de Ori-
ente; era um ponto de apoio esplendido que
o conquistador nomeava La Mucilo e que
agora, limo. de commandos superiores ia
tomar fortaleza e fazer tributario de sua
Majesta o rei D. Manuel.

Por isso, de dentro da sua mão invencivel
elle olhava com amor para a casaria em li-
geiro angustia de importante cidade; por
isso elle olhava para a esquadra que estava en-
carada no porto, forte e numerosa, pensando
que a sua força indomavel e a sua energia
envel quebraria todas as resistencias, todos
os obstaculos e em breve Ormuz caeria
pob o seu poder como antes d'elle cahiram
Buriata, Mascate, Orficate, e outras cidades
do golfo Persico nem mesmo perie ininterrupta
de devastações cruéis e sanguinarias, mas
que fez ergalhar por todo o Oriente o maior
resgato pelo seu nome terrivel.

. Al tempo de Ormuz era para elle um

juramento antigo; o seu gl'ano grandis-
 so iria começar por ali, e em breve, out'as,
 em seu poder iriam coliendo Goa, Malacca
 e outros mais emporios; o Nilo seria mu-
 dado na sua corrente, audaciosamente; o
 istmo de Suez seria ~~de~~ cortado para o facil
 transito de commercio com o occidente e
 só ent'ao elle iria satisfeito a Lisboa deixar nas
 mãos do rei de Portugal o reyno do maior
 imperio do mundo.

Isto iriam deslumbrar-o sempre, ao
 Lenee cujo nome ainda hoje e' reverido na
 India com um enorme respeito.

Contudo, na pratica, os seus vãos altos de
 genio, de politico e de guerreiro deram o re-
 sultado que mais ou menos dão hoje os es-
 forços intelligentes, honestos e puros
 quando em consequencia temos a má-fé,
 a vileza, a irresolução: deram em droga.

Quando fundou na Bahia, Albuquerque
 que mandou logo e tomou um emissario
 para fazer ao rei de Arago: que se reco-

«lecesse tributario d'al-rey de Portugal,
que era o maior soberano do mundo, que
elle o defenderia sempre como fiel alliado,
contanto que «fazasse alguma parte que
fosse de naval, de zaréas...»⁽¹⁾

De terra responderam com munda; gro-
unáram — sempre a eterna dilemacia!
— ganhar tempo, entreter, preparar melhor
as causas, e começaram com evasivas.

Albuquerque, zaréu, não estava zelos
ajustes: queria o sim ou o não e como o
não respondiam claramente, resolveram ata-
car audaciosamente a cidade que estava
fortificada e a armada do zaréu, a que Julio
Verne chamou num dos seus livros,
«uma frota formidavel.»⁽²⁾

At todos zaréu lançou uma tal cou-
ra. Com meia dúzia de navios, lançar-se
assim, contra as fortificações d'uma grande

(1)

Art. cit. no Archivo Pisanese, 3.º, p. 282

(2)

A Descoberta da Terra, I, p. 308

cidade e contra uma forte armada, com grossa artilharia e grande guarnição!

No leão dos mares nada era impossível; e o fogo começou energico, forte, formidavel sobre o inimigo assombrado!

« Estava como um lobo no meio de um rebanho de ovelhas » diz Oliveira Martins⁽¹⁾ e de facto das armadas dos seus navios o fogo continuava certo e terrivel quer para o terra onde destruiu as fortificações e casarças quer para a frota musulmana que a pouco e pouco se foi afundando no meio de um estrago louco, de milhares de mortes e d'uma confusão terrivel.

« A fogueira fôra tão grande que parecia milagre! »⁽²⁾

E Albuquerque, no meio do seu maior esforço entre a fumaçada assustante, cobria constantemente as suas grandes barbas, com

(1)

Historia de Portugal - I, 257

(2) Ideu - ideu.

tante da facanha que fizera! Vencera o inimigo; voltar-se-lia agora para os seus.

Vencera mais uma vez a indisciplina que malgemma os pés levantando a cabeça.

E com um brilho nos olhos pensava certamente, que essa victoria parecia tão es-tremosa como aquella — que oito dias depois mostrava aos olhos atorrados dos seus, rubranos innumeros cadaveres boiando, perdidos e desumidados, á tona d'agua, desli-çando ao sabor lento da maré.⁽¹⁾

O rei de Arany cedeu perante a força das circumstancias. Pagou vinte mil xeraphes de tributo, escreveu uma carta de vassala- gem a D. Manuel e concedeu authorisação para se fundar uma fortaleza.

Albuquerque começava a ser conhecido de politico e de conquistador, como poucos tem sido no mundo.

Até 6 d'outubro, uns dias depois, o gran-

⁽¹⁾ O. Martius: Hist.ª cit.ª — I, 257.

de cogitação, solemnemente, legado ao al-
 cere que se abria sob o flanco d'um ban-
 banheiro João de Flandres,⁽¹⁾ legou na tri-
 meira pedra e «assentando-a na esquina da
 "entrada da terra"⁽²⁾ lançou o fundamento
 da fortaleza de Brumiz em nome do rei de
 Portugal.

E depois, juradamente, severamente,
 acrescentou:

— Em nome de Jesus Christo e de sua sau-
 da Madre Nossa Senhora da Victoria, que nos
 sempre dê, contra os inimigos do fe' do seu
 beuto filho...⁽³⁾

Levantou-se no ar o clamor d'alguns das
 trombetas brandando o juramento que os fi-
 dalgos ao redor, repetiram em voz alta.

Firmára-se o vertice do audacioso trian-
 gulo.

⁽¹⁾ Artigo já citado no Archivo Pitagorico, vol. 1.^o

fol. 283

⁽²⁾ Idem - idem.

⁽³⁾ Idem - idem.

Albuquerque era já o leão das Índias.

A indisciplina, porém, — que dura com carácter chronico desde o cande d. Henrique ao Sr. Pimentel Pinto — fez das Índias; e Albuquerque vendo-se sem recursos, a bracos com a rebelião do mussulmano que o cercaram vulneravel teve de retirar raivoso de certo, e fomentando vingança.

A gloria d'Albuquerque era grande de mais. Fugiam-se porque de não agorantavam o berlho.

Tambem Loja ...

=====

{21 - IX - 105}

Bibliographia: Archiv Pitaresco, art.º annu-
 uo, vol. 3º, p. 281 — Panorama, art.º annu-
 uo, vol. 1º, p. 130 — Piñeiro Braga: Histo-
ria de Portugal, to. 3º, cap. 38 — Julio Verne:
A Descoberta da Terra, I v., cap. VIII — Ferdi-
nand Denis: Portugal Pitaresco, I v., p. 350 —
Oliveira Martins: Historia de Portugal, liv.º IV,
 cap. II.

XII

11 de setembro de 1778 = Um auto-de-fe.

Foi a 11 de setembro de 1778 que em Lisboa na sala da Inquisição se celebrou um solenne auto publico de fe para castigar um certo numero de pessoas accusadas de heresia, agostaria e outros crimes de equal quilate.

Não era um auto de fe á antiga com o terrivel aparato que havia nos tempos d'el-rey D. João III em durante a dominación portugueza; era já um auto de fe moderado, atenuado, dentro de casa, quasi for assim dizer um auto de fe em familia...

Não sabiam já as solennes proceções em que os condemnados iam pela rua de parelheiro, de carocha ou amercados; em que um padre do alto d'um golfito ergotava os

tesouros e recursos de sua intelligencia e erudição para provar a evidencia e alta utilidade d'aquellas ceremonias; em que por fim se poltava fogo ás fogueiras por sobre as quaes amarrados ao poste ignominioso estavam os fadecentes pendurados as grimeiras chammas laubres - de publicamente os reis.

Agora estavam já rediretidos ás ceremonias dentro do edificio do sagrado tribunal, com a assistencia de grandes dignidades ecclesiasticas mas sem o caracter de festa publica em regosijo nacional como eram quasi todos os outros.

Esta mudança deu-se, mercê do grande ministro de D. José.

O Marquez de Pombal não se esquecerá dos santos Padres que tão zelosamente velavam pelo triumpho da fé e mandára fazer um Regimento que mais cuidava com a effe-cha e que era já um fasso colossal na sua grande obra.

Mercê desta medida, não foram lo cento e

vinte e sete annos queimados José Anastácio da Cunha, o illustre mathematico, João Manuel d'Albram seu discipulo e amigo, Manuel do Espírito-Santo Linco e outros. ⁽¹⁾

Tinham sido presos como herejes e agostadas e no dia 11 de outubro se celebrou o auto de fé na sala da Inquisição de Lisboa.

De todos os queimados, sem duvida, José Anastácio da Cunha era o mais notavel. A sua notabilidade como mathematico era enorme; todos reconheciam o seu alto valor a ponto de o Marquez de Pombal quando visitou e reformou a Universidade de Coimbra ⁽²⁾ nomeou para a cadeira de Geometria com vinte e nove annos e sendo um simples official d'artilleria na guerra de Valença.

D'aqui se veio o começo de sua carreira.

⁽¹⁾ Dos nomes de todos os presos nesta occasião, não estão tres alguns que nos dá o Diccionario Universal Portuguez [art.º auto-de-fé]

⁽²⁾ Ver o data O Marquez de Pombal e a Uni-

« Seu talento sempre já feliz, em Portugal»
 Jerquiza Garrett. " E de facto, devido quasi
 totalmente á guerra que lhe fazia um seu ri-
 val que fora jesuita — o celebre José Mau-
 teiro da Rocha — Director da faculdade, dentro
 de pouco tempo estava sob as vistas da Inqui-
 sicaõ.

A Inquisicaõ começou a espiar-lhe o vido:
 via que elle não se ajeitava á palida da igre-
 ja, que comia — como refere o Sr. Theophilo
 Braga⁽¹⁾ — tostas com manteiga, que fallava
 em Helvetius, em Hobbes, lia livros france-
 ses, ingleses, etc, etc!

Mas, como lá estava o Marquez a gover-
 nar o banco ninguém lhe dizia nada e não
 se atrevia mesmo a obrigar-o á rigorosa
 observaçaõ da casa e da lectura em vez da fan-
 tasia — vol.

⁽¹⁾ Introducaõ do Parvaso Lusitano citado
 em Felinto Elysis de Sr. Theophilo Braga, p.
 465.

⁽²⁾ Theoph. Braga: Felinto Elysis — p 415



da que elle vestia com certo gosto. O general
marechal-general conde de Lige estimava-
o, desde que o mandára prender um dia por
elle ter dito que as doutrinas mathematicas
de Belidor e Duboc — muito recommenda-
das pelo conde — eram falsas. ⁽¹⁾

José Anastocio, general, demonstrou a
sua affirmacão scientificamente e o inflexi-
vel conde de Lige mudou immediatamente
de resoluçã e o marechal de Sambal disse
particularmente que o tenente-general Fran-
cisco Mac-Lean lhe dissera que elle, José
Anastocio de Buzle, sabia mais que a maior
parte dos marechales dos exercitos da França
de Inglaterra e de Allemante. ⁽²⁾

Logo em Louren assien, d'um alto valor
recontecido, que a Inquisição esfriava mes-
cê das instancias de José Monteiro de Rocha

⁽¹⁾ Caso referido no citado livro Felinto Bly-

rio, p. 407

⁽²⁾ Idem — p. 406

que não podia perdoar ao facultade alguém
que lhe fosse perdoar.

Com a morte do rei D. José, foram, como
se viu-se tudo; houve quem denunciase, quem
auxiliasse a denuncia e quem o grandeza
a 26 de junho de 1778, ao mesmo tempo que
uns seus antigos condiscipulos eram tam-
bem presos em Valença.

Conseguiu-se tudo!

A Universidade mostrou assim mais
uma vez a sua tendencia rotineira e reac-
cionista.

O Sr. Theophilo Braga diz mais: « Terra
" frequentada (boimera) cheia de gdauctos inuejo-
" sos, avergada ao regimen de delações inque-
" ritarias... »⁽¹⁾

Os processos começaram a correr; os in-
terrogatórios foram extensos e arguciosos;
e quando a 15 de setembro do mesmo an-
no. foram concluidos os autos, os seus esta-

⁽¹⁾ Felinto Alvez - p. 409

vam já convencidos dos erros das suas doutrinas!

Oh profunda ignorancia!

Tão illustres eramos que o proprio Theophrasto da Cunha sete annos depois escreveu ao seu amigo João Manuel d'Alencar uma carta sobre cousas mathematicas em que diz: « não sei se se lembrará que os nossos discipulos se queixavam que na Academia de Marinha se ensinavam mathematica á maneira de precisismo... »⁽¹⁾

Pois for dizer destas e d'outras, for ler livros francezes e ingleses, for traduzir o juizo Voltaire e conhecer a fundo as doutrinas de Newton e' que Theophrasto da Cunha e os outros penitenciados foram os causadores d'uma festa polemica para a Inquisição La cento e vinte e sete annos.

⁽¹⁾ Esta carta nem publicada integralmente no Journal Litterario (Coimbra, 1869), n.º 11. Foi escrita em 3 de junho de 1785 e dirigida a João Manuel d'Alencar.

O Marquez já não era o Marquez; a Revolução avançava assustadoramente; Voltaire era lido de mais...

Parece pois útil segurar a fé, não deixar morrer a religião e conservar o throno beato d'el-rey D. João V.

Parece se in geral o bém pó profundamente ignorante, e fundamentalmente estúpido.

=====

{6-X-205}

Bibliographia: Theophilo Braga: Felinto Blypis
e os derradeiros do Arcadio - cap. III — Questão
entre José Anastácio de Almeida e José Maurício
de Rocha, nº n.º 10 do Jornal Literario, an-
nuario — Dicionario Universal Portuguez,
vol I, p. 1808-1810

XIII

15 de outubro de 1790 = A conjura-
ção mineira.

No dia 15 de outubro de 1790 saía a bar-
ra de Lisboa, para o Brasil a fragata Goldi-
nho levando a seu bordo Sebastião Xavier
de Vasconcellos Coutinho o novo chanceler
da Relação do Rio de Janeiro⁽¹⁾ e os desembarca-
dores Theotônio Diniz de Leuz e Silva e The-
otônio Gomes Ribeiro.

Estes três magistrados iam — como diz o
Dr. Theotônio Braga — «com uma missão
tremenda de implacável justiça.»⁽²⁾

Pouco julgar resumidamente os crimes
acusados de uma conjuração que tinha por fim

1)

Por decreto de 17 de junho de 1790

2) A Academia Lusitana — p. 607

liberdade da dominação portuguesa uma das
mais ricas e fortes províncias do Brasil: a
província ou capitania de Minas Geraes.

Governava-a então o visconde de Barbacena
Luiz Antônio Furtado de Mendonça⁽¹⁾; e a
Portugal a noticia de conjuração veio trazer o
gavor á côrte lesta que tremia já com o echo
da Revolução franceza. Tinha Manique franziu
o polvendo: a revolução andava quasi em ca-
sa!

Era necessario abafal-a, forçosamente. E
de facto, com a maior facilidade, abafou-se.

Os conjuradores foram presos; eram entre
outros: Thomaz Antonio Gouzaga, o gasta de
Marilia de Dirceu; Claudio Manuel de Costa
e Alvarengs Paicoto, tambem gasta; o ceme-
go Domingos Vidal Barbosa; o rigario Carlos
Correia de Toledo; o alferes de cavallaria Jose
Joaquim de Silva Xavier (por alcunha o Tira

⁽¹⁾ Era o duodecimo capitão general de Minas
[Ellemerides nacionaes, I, 244]

deutes) e Francisco de Paula Freire d'Almeida
de comandante do regimento de cavalla-
ria de Minas.

Depois de presos foram conduzidos, carrega-
dos de ferros para o Rio de Janeiro e aqui jul-
gados summariamente.

É afinal, o que tinha levado para tal exaça-
o de justiça?

Tinha levado pouco. O governador quiz obri-
gar os habitantes ao pagamento do quinto do
valor do ouro tirado das minas e ao paga-
mento dos abragados que estavam accumula-
dos de annos. Esta cobrança, diz um escriptor
brasileiro « reduzia á miseria e ruina parte
da população de neste capitania cuja principal
pena unica industria era a mineração »⁽¹⁾

D'aqui nasceu a ideia d'uma conspiração
ideia que nasce em geral d'uma ofensa vio-
lente e injusta.

⁽¹⁾ Teixeira de Mello: Esmeraldas revisões
I, p. 244

Além d'isso não seria estranho ao facto o entusiasmo que poderia provocar em espiritos liberaes o advenço da Revolução franceza e o ver um estado, no norte, já independente e forte.

Tudo isto junto fez brotar em meia-duzia d'Lourenço uma reduzida ideia de independencia.

Reuniram-se, conjuraram e para nada fellar, houve uma traizão; a traizão é independente ao negrodo...

O capitão-meir fez de Pires Manique: ao ter noticia do que se tratava, fello delatar Joaquin Silveira dos Reis grande tudo e para que ficasse como exemplo e espantasse um certo terror pela provincia mandou todos os conselheiros a se, acorreatos, para o Rio de Janeiro, no meio d'uma escolta.

A denuncia fôra infame: Joaquin Silveira dos Reis, que a denunciara em 15 de março de 1789, foy — segundo diz o Sr. Theophilo Braga — ter sido investigado por um pen

camarada de equal grãde o coronel João Carlos Xavier de Silva Ferraz tio e tutor de D. Maria Joaquina de Seixas Brandão que era precisamente a Marilia do poeta Gonzaga — accusado como chefe do conspiração e risado principalmente no denuncia infame.⁽¹⁾

Disto tudo parece ter-se dado o que o povo chama contas e ajustar.

Gonzaga, assim como os outros dois poetas, tinha feito qualquer coisa que desagradara ao governador e um d'elles cantava á bella D. Maria Dorothea em verso d'alto valor e idealisava um casamento.

D'aqui, esse processo « dracariano »⁽²⁾ fundado numa baixa denuncia que fez mostrar ao governo atemorizado uma terrivel conspiração onde havia principalmente « uma aspiração »⁽³⁾

⁽¹⁾ Theophilus Braga: Felinto Elyzio e o demitentes de Arcadio — p 556

⁽²⁾ Idem: idem — p 556

⁽³⁾ Diccionario Popular [art.: bruy e silva]

At 23 de maio de 1789 é que se fez a prisão em Villa Rica dos conspiradores auggtos. Aguias escagou o celebre Tiradentes que foi levado ao Rio de Janeiro e onde o prendeu o vice-rei Conde de Resende na Loja rua de Gonçalves Dias.⁽¹⁾

A noticia veio, e fora de uella, para Portugal. Com Gueley tremou-se e o governo mandou em Marquez de Pombal nomear uma alcade para julgar pennaesmente os terriveis criminosos.

Constitudo, apesar de toda a pressa, a alcade não partiu senão a 15 de outubro de 1790.

Mesmo assim, apesar do demore, a inflexibilidade dos tres magistrados não diminuiu; os interrogatorios foram longos e fastidiosos; de balde se procurou uma grande culpa: tudo era firmado no ar, para que fosse feita justiça estrondosamente, para exemplo de futuras conspirações.

⁽¹⁾ Esplanadas cit.^{as} - I, 245.

Antônio Diniz do Leuz e Silva, o notável
autor do Physogog foi, como os outros mem-
bers de alcado, inflexível e cruel.

Em vão os tres gestos grossos esferáram com-
gixad no seu inuad em lettras. Antônio
Diniz « foi mais cruel, mais inflexível,
" mais inique do que o Godéria per o mais igno-
" rante rabela »⁽¹⁾

Finalmente, a 18 d'abril de 1792, depois de
trabalhos até ás duas horas da madrugada,⁽²⁾
pediu a sentença⁽³⁾ — attestado de maior liru-
tege e de mais refinada crueldade: dez con-
denados á morte depois de « condemnados

⁽¹⁾ Dicionario Popular

⁽²⁾ Felinto Blyzio cit^o — p. 588

⁽³⁾ Depois de escrito e publicado este artigo,
encontrei no livro Brasil Pittáresco — histo-
ria — descripção — viagens — instituições — colo-
nização — por Charles Tribeyrolles, a p. 71 do
1.º volume, a seguinte passagem d'este manuscrito.
No processo, a qual o autor faz a seguinte
commentario: « ... a unica feza que o tri-
bunal se dignou entregar aos respeitos de

" com baraco e fregado pelas ruas »⁽¹⁾ e em seguida cortado a cabeça para ser posto num alto poste; declarados infames os filhos e os netos; os bens confiscados e os outros degradados perpetuamente.

Em 2 de maio seguinte, depois de infamado o celebre Tiradentes foi lido aos outros condemnados a commutação de pena capital substituída pelo degredo.

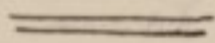
E assim acabou pela partida d'uma mão para a Africa e pelo balançar ao vento d'um cadaver esse drama infame que se fizera passar uns laivos livres.

" História, e a pendência. Vamos dal-a aqui, por
 " muito longe que seja pois que nas grovas,
 " como nas generalidades está cheia de luz e es-
 " clarecimentos. É uma revelação curiosa para
 " o Brasil de liberdade, para o Brasil desta tem-
 " po e encubamos os leitores a ler de perto esse
 " post-scriptum de metademo onde a justiça
 " portugueza talha a carne humana e distribue
 " os pedacos. » (Tomus I, p. 70)

⁽¹⁾ Felinto Elysis - p. 588.

Hoje quem, em uma das praças da capital da
florissante república brasileira uma estatua
mostra a quem seja esse laureado arrojado
que foi certamente o primeiro martyr da in-
dependencia do Brasil.

Os monumentos avivam a memoria.



{11-X-65}

Bibliographia = Theoph. Braga: Fabio Elysis
e os descendentes de Arcadia, cap. VII — Idem: A
Arcadia Lusitana, cap. V, § VI — Teix. de Mello:
Effemerides nacionaes, I, 244 — Diccionario
Popular — J. M. de Macedo: Annua biographico-
brasileiro, 3º, p. 5 — Charles Ribeyrolles: O
Brasil Pitagorico, I Tomo, cap. VI

XIV

14 de janeiro de 1658 = Victoria das
Luzas d'Azas. —

Portugal quiz-se tornar independente em 1640; o Duque de Bragança, em Villa-Vieosa só se resolveu a ser rei quando o medo o obrigou a sair dos seus laços e deixar a vida commoda de fidalgo agulento.

« Resou o Nosso Senhor, carregou o fesco-
co de rosarios e beatinhos⁽¹⁾ » como disse Oliveira Martins e lançou-se á aventura!

— Ah! per rainha! disse a altiva duquesa.

E o padre Vieira com o seu extraordinaria eloquencia quiz provar ao povo que o Duque era esse encoberto que elle, povo, se seney

⁽¹⁾ Historia de Portugal — II, p. 124

de anno esgrava for uma manda de novo-
eiro...

Mas a conjuração vingou; o duque sub-
iu ao throno e a Hespanha viu o resultado
do seu má politica e da sua desorganização.
Quiz remedear o mal, mas foi tarde; e este
tarde foi o que valeu á monarchia restaura-
da...

Portugal, e' claro, estava sem dinheiro, sem
exercito, quasi sem população e que occasio-
nou as grandes dificuldades e afuros em que
se viu o novo rei quando a Hespanha tentou
a reconquista do perdido reino.

Não havia nada! Mandava-se lá fora
uns soccorros sequeiros e ninguém ligava
importancia aos pedidos; em Amsterdam foi
preciso que um judeu esgulo firmasse o
nome de D. João IV para que este não pas-
sasse pela vergonha de ninguém se enpres-
tar dinheiro! (1)

(1) Vejam-se os romances de Camillo: OTe

Estava tudo assim e fora maior desgraça, e Hespanha instantan a nossa conquista.

A guerra começou por escaramuças ligeiras; em 1644 ferio-se a batalha de Montijo ganha por Matthias d'Albuquerque e a guerra continuou, lentamente, fazendo mal a ambos os países e sem consequencias de valor para qualquer d'elles.

Em 1657 foi vergandosa a campanha; e finalmente, em outubro de 1658 D. Luis d'Alar entrou em Portugal com um luso exercito e fez cerco a Elvas resolveo a todo o transe a conquistar Portugal por uma vez.

Traxia muita artilleria, 14.000 homens de infantaria, 5.000 de cavallaria e juntamente a flor da nobreza d'Hespanha.

Elvas tinha ainda assim uns oitocentos e doze mil homens de guarnecida e como governador — depois da partida de Andre de Albuquerque — ficou o celebre d'Albuquerque e o Tito do regicida.

Mansel, Lameira que, no dizer d'um escri-
 tor cego « tinha grandes fartos de soldado
 e que em Portugal tinha logrado occasiões de
 grande credito e reputação descomendo sem-
 pre com juizo e obrando com valor. »⁽¹⁾

Os generaes estavam Lameira como
 Pedro Jacques de Magalhães, D. João da Silva e
 D. Luis de Meneses.

O cerco alterou-se a pouco e pouco e em
 breve D. Luis d'Alar, conseguio fidalgo quasi
 completamente; o inverno começou a entrar
 com o dois exercitos e a situação de qualques
 d'elles não era das melhores. Neste situação
 D. Sancho Mansel procurava resistir na es-
 perança d'um socorro.

Realmente no corte, tratava-se d'isso; lá
 se reunio um exercito como se fôde e a
 rainha regente por morte de D. João IV ten-
 tou mandar João por commandante, mas
 não o conseguio porque « todo o Portugal

⁽¹⁾ Anti-catastrofe - parte 1ª, cap. X, 1ª

" era conquisado; não podia tomar-se d'isso nem
 " resolução em cousa alguma, » ⁽¹⁾ e foi feito
 nomear o conde de Cantanhede ⁽²⁾ como ges-
 poa « d'autoridade, actividade e zelo » ⁽³⁾ como
 diz galaciosamente a carta de sua nomea-
 ção.

O exercito de socorro, lá foi. Cantanhede
 se em Extremoz: 8:000 homens de infan-
 taria, e gente de 3.000 de cavallaria, e então
 o conde diz-lhe tudo como gôde e tentou se
 responder-se com a graça.

O futuro Marquez de Marialva é um
 pouco a medo. Era um fraco militar, faci-
 lmente de conselho, por isso mandou consultar
 D. Saudo Manuel.

Cantanhede, chegou á vista de graça e das
 listras do exercito de Extremoz. A guarnição

⁽¹⁾ Anti-catastroffe - parte 1^a, cap. IX, 3^o

⁽²⁾ D. Luis de Lenceses, futuro Marquez de Marialva.

⁽³⁾ Carta regia transcripta no Tauroramus, v.
 3^o p. 257

miseravel, reduzida a ultima extremidade
sentio-se reanimada. Houve grande ale-
gria e D. Saicho vestiu-se de galas!

Os deentes paliam dos hospitales para, me-
nem e a noite do dia 13 de janeiro caem po-
bre os dois exercitos que no dia seguinte iam
medir as suas forcas e as suas fragueiras.

De facto no dia seguinte o exercito do con-
de de Cantanhede, atacou violentamente as
linhas; houve grande confusao no exercito
Lizgandol: D. Luis d'Alaró gritava em «mal
"explicitas zelaturas" ⁽¹⁾ d'um lado para o ou-
tro; o duque d'Assuma esforçou-se por for-
mar os seus esquadros; a artilleria da gra-
ca jogava certivamente da graça; os tambo-
res tocavam a avançar e D. João de Silva
veio com a sua cavallaria, num bello es-
forço, lançar-se a salvar a infantaria portu-
guesa.

(1) Bandeira da Briceira: Portugal Restaurado,
t. 3º, liv.º IV, p. 220

Não maremos a batalha: não todas o mesmo. Quando a victoria se inclinou para nós, D. Luis d'Alar confiou a sua honra ao seu cavallo de batalha e fugio.

A derrota era inevitavel.

D. Sancho Manuel a frente de sua cavalaria comen os camos em perseguição; e o conde de Barchinella, victorioso, entrou em Elvas desvanecido pelo triumpho e naturalmente antevendo já as futuras honras de Marquez de Marialva.

E assim se venceu uma batalha mais pela inaptidão dos inimigos que pelo superioridade do nosso commando.

(1) Foi feito a 11 de junho de 1661 [Portugal antigo e moderno, 4.º v., pp. 134]

Bibliographia: Pinheiro Chagas: Historia de Portugal, vol. 5.º, cap. 27 — Oliveira Martins: Historia de Portugal, t. II, liv.º VI — Teixeira d'Alaga: Descrição geral e historica das moedas, II, pp. 28 — O Panorama, vol. 3.º, pp. 120 [antigo auzeyano] — Anti-catastrofe, Historia verdadeira da vida e dos successos d'el

E, passada a victoria, o exercito disperseu, cada homem para seu lado, pelo caminho que se viuera arrebentado das suas terras.

Como artistas contractados para um theatro, rediraram-se logo a seguir á noite do famoso espectaculo. ⁽¹⁾

==

{2-I-904}

rei D. Affonso VI for um official das tropas de Portugal . . . [ed. de 1845] — Rio de Leal: Portugal antigo e moderno — 3.^o v. #

⁽¹⁾ Existe no local do combate um monumento commemorativo. Veja-se Teixeira d'Alçada Descrição cit.^a, vol. II, p. 28.

1 de novembro de 1755 = O Terra-
moto

«Terra-moto, ou tremor de terra, é o abalo d'uma parte do globo da terra. — diz o Padre José Marques, professor de musica no Loreto em 1764 — causado ou do proprio elemento da terra, ou de algunos dos outros tres elementos. É um movimento causado por uma inflamação regular de algunos exhalacão sulfureas e bituminosas, que está nas concavidades subterraneas as quaes não estão muito distantes da superficie da terra.»⁽¹⁾

Com este bagagem mais do que suficiente.

⁽¹⁾ Novo dicionario das linguas portuguesa e franceza, com os termos latinos. ... fol. 80.

te fornecida pelo erudito e trabalhador ca-
 gellão regente do côro que, á falta d'outra
 causa, fez um dictionario de linguas, fode-
 mos entrar no caminho d'uma ligeira des-
 crição da catastrophe tremenda que as-
 sombrou toda a Europa e de que foi victi-
 ma a nossa formosa capital.

O terremoto de 1755 foi, sem a menor
 duvida uma esgantosa desgraça; mas teve
 um papel importante na politica.

Lancou for terra uma cidade, mas ele-
 vou um Louren. As taes exalações sul-
 fureas e bituminosas destruíram uma
 formosa capital, amassaram-no, fizeram
 na em montes d'entulho; contudo d'essas
 ruínas sahir virilmente, magnificamen-
 te, um nobre grandioso: o Marquez de
 Pombal.

Dre Joseph Mares - cagellão regente do cô-
 ro e Mestre de musicos do igreja do Nossa
 Senhora de Loretto... - Tamo regendo. [Lis-
 boas - 1764].

« D'essa Leste tambem nasceu o poder do
 " marquez. »⁽¹⁾

Seguiu-se a lei da natureza: foi preciso
 revolver a terra, para que a arvore mal
 enraizada crescesse, se firmasse e braca-
 jasse poderosamente.

Seriam 9 horas e meia de manhã do
 dia primeiro de novembro, quando se sen-
 tir um primeiro abalo⁽²⁾ relativamente
 insignificante mas que fôz tudo em pobre
 salto. Depois, quasi em seguida, um outro
 mais forte, mais violento durante uns se-
 gundos, em que tremem a cidade toda e
 em que começou a esgantara catastrophe.

Os grandes mais fortes abriram; ca-
 ras em grande numero começaram a
 desabar assustadoramente; por toda a ci-
 dade havia o estrondo emurdecido da

⁽¹⁾ Oliveira Martins: Historia de Portugal-
 II, p. 170

⁽²⁾ «... fôz vulto das nove horas e quarau-
 ta e cinco minutos...» } Estado grave

queda das casas e dos gritos da multidão
 aglomerada, junto com os terríveis ruídos
 subterrâneos; logo o ar começou a ele-
 var-se como densa nuvem de pó levanta-
 da dos escombros e que veio tornar
 mais horrível com o encobrir do sol, o
 tremendo desastre. E logo sobre as pedras,
 logo sobre mil riquezas perdidas e milhares
 de cadáveres, saltava uma multidão enor-
 me, aglomerada, alucinadamente, fugien-
 do sem saber para onde, clamando, berran-
 do, clamando ao acaso, sem ver, sem ou-
 vir, com o desejo único e covardemente
 egoísta de fugir!

Por uns momentos logo a terra de tre-
 mer; o céu começava a aclarar logo a
 nuvem de pó começava a cair, mas a
 multidão, desvairadamente, cada um fu-
 gia mais quer das casas onde a surtira.

de Portugal, cit.º em Demis: Portugal Pitores-
 co, 3º, p. 342]

então o tremor que das igrejas ainda ti-
nha ido commemorar o dia de todos os
santos.

As desgraças, veem, foram, umas atrás
das outras. Mas os desgraçados habitantes
começavam a respirar a terra de novo, co-
meçam o tremor favorezadamente; as casas
que ainda tinham tido a parte de ficar
em pé, começavam a cair; a água do Te-
jo, elevando-se em enormes vagas entre-
va terrivelmente pela cidade galgando
sobre as ruínas que lançavam nuvens
de pó e levava na raposa innumeráveis vi-
ctimas e innumeráveis destroços; os ma-
rios chocavam-se doidamente e afundá-
vam-se em seguida; os barcos atolados
de gente — que esperavam na água a salva-
ção — submergiam-se sem recurso!

Por toda a parte a confusão, o grito, a
alucinação!

«As massas de gente viva, maribonda
e morta, de envolta com os entulhos, ro-

"lavam nas ruas ladeadas pelos esqueletos
 "das casas dando uma imagem desolada do
 "que seria o caos. De rastos, a cidade inteira
 "recoberta de gelo abalo formidavel remeis a
 "sua eloquencia minus palavra unica: Mi-
 "sericordia! misericordia!"⁽¹⁾

De repente zorem, da escuridade provocada
 da gelo zozira, surge a luz sinistra e viva d'
 uma chama. Hiji e alem as chamas
 crescem aterradoras e Lamineis radicudo
 altivamente zar entre a caliza e as fe-
 dras derrocadas, devorando vorazmente o
 que ficara bem do abalo e da inundacao e
 a cidade ficou assim iluminada glauco-
 ticamente, enquanto o vento mad afastou
 de todo o zo que se levantara e o sol mad
 appareceu de novo.

A cidade era entao um monte descom-
 forno de ruinas zar onde as linguas al-
 tivas das chamas irremediam vorazmen-

⁽¹⁾ Oliv. Martius: Historia cit² - II, p 175

te; militares de fessas tinham munição
esmagadas, afegadas e queimadas; ⁽¹⁾ inu-
meras riquezas — museus, livrarias
conventuais e particulares, igrejas, sala-
cios — amontoavam-se para ali, sem

(1)

" «...este ultimo algarissem (15.000) é o
" que parece mais razoavel...» {Pinheiro Bie-
" gas: Historia de Portugal, 6.º, p. 480} — «Calcu-
" la-se terem munição neste dia em Lisboa, de
" 10 a 15.000 fessas» {Oliv.º Martins: Historia
" cit.º - II, p. 176} — «...moveram mais de
" 40.000 fessas» {Pinho Leal: Portugal antigo e
" moderno, v. 4.º, p. 114} — «...mais de 15.000
" fessas queceram neste funesto dia...» {La-
" dy Jackson: Os Famosos Lusitanos, p. 211} —
" «...o abbade Magalhães entende que o numero
" ro dos mortos não excedeu a 10 ou 12.000. De
" outro lado as Reflexões sobre o desastre de Lis-
" boa fez publicar este numero a 60 ou 80.000!»
" {Ferdinand Denis: Portugal Pitoresco, v. 2.º, p.
" 344} — «...celui de Lisboame (nov. 1755) fit
" génir 40.000 fessames...» {Nouveau Larousse
" se illustré, p. 1.107 do 7.º vol.} — «...30.000 fess-
" sames génirent dans ce desastre...» {Le
" Tour de l'année, p. 659} — «...refugé-se, pelo
" ultimo calculo não ter perdido a mais de

distinção alguma; o fogo real de Ribeira
 desmoranára-se como um castello de
 cartas e por sobre este cataclismo formida-
 vel, esta confusão larivel, surge uma
 nova desgraça: Loureiros sem medo, sem
 crença, sem consciência, roubam, matam,
 violentam brutalmente mulheres, atizam
 o fogo varaz, quebram o que encontram
 inteiro, como uma vingança sediciosa do
 pobre contra o rico, do proletario esmagado
 contra a sociedade que o reduzira a um in-
 fimo papel!

« Os escravos vingavam-se do seu es-
 cravidão, os mendigos do seu fobres, os
 miões do seu maldade! »⁽¹⁾

60.000... » [Hua: The great earthquake at
 Lisbon, in 1755 — no deleto ingleso de Jacob
 Baesebat, p. 81] — « ... trinta mil habitau-
 tes de todas as edades e de ambos os sexos,
 ficaram esmagados debaixo das ruinas... »
 [Voltaire: Candido ou o optimismo, p. 26, da
 ed. da Biblioteca Universal]

⁽¹⁾ O. Martius: Historia cit., II, p. 176.

É' então que surge dentre os escombros da grande cidade anagada — ainda morrer, reguido diz com orgulho um liuro francez, um neto de Tracine⁽¹⁾ — inesperadamente, uma vontade forte e poderosa, uma energia formidavel que transformou a confusão num trabalho util e bem: salvar os feridos, enterrar os mortos e enfocar o bando de saltadores.

Engruam-se logo sobre o entulho as forças necessarias ainda se prenduraram os bandidos; armazenou-se em barracões improvisados quantos provisões se conseguiu arranjá-las logo debellar a fome que começava; dos arredores e terras mais proximas fizeram-se marchar regimentos para começarem na remoção dos escombros;

(1)

«... un francais qui portait un nom célèbre, le petit-fils du grand Tracine » [Le Tour de l'année, 11559] Marco disse diz Ferdinand Denis: «... o neto de Tracine, na idade de 22 annos, morreu, como se sabe, em conse-

fizeram-se sepulturas para os milhares de cadáveres que já infectavam a atmosfera.

E todos, admirando uma energia tão forte, que não recuava perante a crueldade, curvavam-se, pensando que essa vontade era providencial e que elle, a energica vontade do Marquez de Pombal, foi a unica causa que salvou a cidade da ruina total.⁽¹⁾

E foi todo o gair comecou o nome do Marquez a crescer, e tornou nome, a firmar de vez o seu poder semifortuito que

"quencia do terramoto de 1755, mas em Ba-

"dig." » [Portugal Pitagorico, 3º, p. 346]

(1) O poeta Garcia diz nos versos seguintes:

« O gair de Lisboa desgrahada

Os olhos em ti gair, illustre caude!

Em ti que sacrificas

A' publica paude teu ciudado. »

{Ode de Antonio Correia Garcia, transcrita em

em breve faria grandes causas.

Começou-se a desolvar a cidade, a tro-
 balhar-se activamente. Em Jesso, o mar-
 quez via, mandava, dirigia e quando do
 estrangeiro começavam a chegar offerci-
 mentos de dinheiro — um dos quaes, diz
 com certo desvanecimento esse viajante
 inglez, foi votado pelo Parlamento d'En-
 glaterra⁽¹⁾ — o Marquez gaudia responder al-
 tivamente:

— As terras que Portugal acaba de sof-
 frer, não grandes, mas só dizem respeito ao
 luxo. Haverá para o futuro menos galacios,
 menos quadros, menos móveis ricos, o que
 será um meio de fazer com que a nação
 volte á sua antiga simplicidade; as ter-
 ras serão d'aqui em diante mais bem

gerido no livro de Sr. Theophilo Braga: A In-
 cidia Lusitana, p. 175]

⁽¹⁾ «E' consolador lembrar que por este oc-
 casão o Parlamento inglez votou 100:000 li-
 bras para socorro desta população aflita [p. 175].

cultivadas pelos fidalgos, Deus será adorado melhor em igrejas despidas de toda a pompa, a riqueza publica augmentará e a fazenda se augmentará muitissimo. (1)

Lisboa começou então a fazer e fazer, a agradecer d'entre o mundo d'entulho que o terramoto fizera. Começaram a agradecer ruas largas, aliadas puerilmente, descomulgando em grandes graças; o Tejo que se revolvia na selvagem d'encanto ás ruínas, passou a bater contra umas muralhas regulares.

E deste formidavel terramoto, diz Oliveira Martins, nasceu um outro terramoto: o governo reformado do Marquez de Pombal.

E, injustamente, com a ironia mordacissima que o caracterizou, o grande Voltaire, disse depois do cataclismo,

Famosos Luctibus - [1793]

(1) Phrased'um livro Le Marquez de Pombal, citado e transcrito em Cartas, no Historico de Portugal de Pinduro Braga - 6^a, p. 486.

um capítulo d'um romance⁽¹⁾, as seguintes
 interessantes glosas: «dejaís do terra-
 "mento que tinha destruido as tres quartas
 "partes de Lisboa, os sabios do gíz não vi-
 "ndam encontrado mais mais efficy de fre-
 "venir uma ruina total do que o de dar ao
 "giz um bello auto de fe'; fôra decidido
 "fêlo Universidade de Coimbra que o espe-
 "táculo d'algumas gressas queimadas e
 "fogo lento, com grande cerimonia, e' um
 "segredo infalivel que evitar que a terra
 "trema... »

Que consolacão fôra o Sr. Theophilo Bras-
 ca!...

====

{25-X-905}

⁽¹⁾ Candido ou o optimismo - cap. VI
 Bibliographia: P. Braga: Historia do Portugal
 v. 6º, cap. 22 - O. Martin: Historia de Portugal,
 liv.º VII, cap. V - F. de Sá: Portugal Pitoresco, n.º 3º
 p. 341-344 - Museu: The great earthquake at Lis-
 bon, in 1755, o p. 81 do Seleto English de Jacob
 Bensabat - Lady Jackson: A Terrible Lu-

XVI

21 de janeiro de 1530 = António de Sil-
veira na costa de Cambaya.

Almo da Bunda Garcia para a Índia, co-
mo governador, em abril de 1528 com uma
armada de três naus.⁽¹⁾

Até Índia, a esse tempo já já mesmo as-
tustadãra decadencia; os nossos Loureiros iam
para lá enriquecer e na corte a intriga favo-
recia tudo, cabdanto que o ouro viesse e a
culpa ficasse satisfeita.

Os indios atemorizados, vexados por tan-
tos roubos e saques, iam ajoelhar ao tumulo
do velho Albuquerque, pedir-lhe justiça e

António, cap. VIII — De l'an de l'année, p. 559

— Pêlo Real: Portugal Antigo e Moderno, vol.

2^a, p. 114 —

(1) Vaix. d'Almeida: Descript. de, - III, p. 127.

grotesca contra tanta maldade! Saqueava-se impunemente; a cubica ingerava altiva e a memoria do grande conquistador d'Almug vinda somente servir de consolação aos espiritos fracos dos gólozes indios.

Aluno da banda tomando conta do governo do Oriente portuguez continuou a guerra que o seu antecessor Logoz de Saungio tinha com o sultão de Cambaya.

Projectava tambem levantar fortaleza em Dien, como logo levantou e para começar encareceu Antonio da Silveira de ir com uma armada, unír as forças, a ventada dos soberbos dominadores dos mares.

Antonio da Silveira obedeceu e em menos de dois meses, sahiu a barra de Cochim com uma luxida armada de cinquenta navios entre galeás, galeotas, fustas e caturos. Levou novecentos homens de guarnição e lá foi com vento favoravel o futuro Sena de Dien, esse homem que causou o assombro de Europa e de qual Francisco I mandou

tirar o retrato para pôr na galeria de Seres em Fontainebleau.

António da Silveira era um valente, sem duvida,⁽¹⁾ d'aquelles portugueses que os turcos diziam serem os poucos homens dignos de usar barbas (como assevera Logo de Sousa⁽²⁾) mas agora pigmal-o na sua caveria: vemos ver como o manto da Heroicidade cobre muita malvadez e muita ferocidade.

Portugal, no fim de contas, foi quasi sempre assim desde que nasceu. Era fécha que ficou de nascença.

Mas, « nada é mais fácil do que dizer o que se não pôde cumprir sem mágoa » diz o elogio do cronista da ordem de S. Domingos⁽³⁾ e por isso pigmalos António da Silveira na sua caveria, inglaciavel e destruidor, gela os

(1) Ver O Balaço de Francisco Pederço, nesta vol.^{ta}, VIII.

(2) Historia do cerco de Dien, parte 2.^a, cap. XXI

(3) Fr. Luis de Sousa: Historia de S. Domingos - 3.^a parte, liv.^o IV, cap. III.

ta de Cambaia, e de tradições.

Foi a 21 de janeiro de 1530 que saiu com a sua armada a boca do rio de Colaul, rio «feito molere com a monte de d. Laurencço,» seguindo o dizer de d. João de Castro no seu roteiro.⁽¹⁾ E, subindo o rio Tagli, no curso do de Cambaia encontram primeiro a cidade de Surrata, importante pela sua industria d'algodão.

Os portugueses desembarcaram; atacaram a cidade sem encontrar resistencia.

Os habitantes tinham fugido, e levado as suas riquezas, tratando de salvar a vida de qualquer modo; alguns mais audazes desferiram algumas flechadas, que seguindo o mesmo d. João de Castro «eram grandes flecheiros...»⁽²⁾

Mas isto de nada valou. O saque fez-se e quando mais nada havia para roubar saiu

⁽¹⁾ Roteiro de Goa = Dia - ff 48

⁽²⁾ Ibidem - ff 113.

com-se fogo á cidade que no dia seguinte era um monte de ruínas.

Reiner estava morto, morto e a sua riqueza era enorme.

A cubra portuguesa patria-o e isso era o suficiente: no outro dia a cidade foi atacada. Possuia numerosa artillaria, bons soldados e as ruas estavam defendidas por fortes traqueiras, mas os portugueses eram poucos. Deu-lhes os valentes e Antonio da Silveira um pouco.

Deu-se o ataque, venceu-se e em seguida o saque!

Dizem os chronicistas que os cincoenta navios não chegaram para a quarta parte da riqueza saqueada! Arrecadem-se o que se pode, ardem-se o resto dos navios e o resto queimem-se!

Ardeu tudo: ardeu a cidade, os navios ancorados no porto arderam tambem; a artillaria foi lançada á agua e os armazens foram destruidos completamente!

No dia immediato a armada levantou
 jeno e em 31 estava em Damão « logo
 "entre muitas galveas e outros diversos
 "navios.»⁽¹⁾

Atqui, Antonio da Silveira não encon-
 trou tambem resistencia; o favor que in-
 cutiram as victorias anteriores não cau-
 sentia que um braço se levantasse para
 resistir a violencia.

Tudo se curvava perante esses leões
 do Occidente e estes, victoriosos, seguiam
 avante, atulhando os portos do reino ma-
 rinho com riquezas sem conto,

Damão, como as demais cidades, foi
 saqueada e destruida.

Por todo o reino de Cambaia reinava
 um favor tremendo; e o futuro vencedor
 de Diu, como um raio destruidor, talava
 e arrasava toda a costa, inglacavelmente,
 com os seus novecentos leões!

⁽¹⁾ D. João de Castro: Historia cit.º - ff 166-167.

Passados cinco dias foram em Agacim, cidade fortificada, com perto de cinco mil homens de guarnição; mas o terror que se havia esgotado não consentiu que a victoria se dessem para os cinco mil defensores. E Agacim foi destruida como as outras.

Grande quantidade d'aldeias foram tambem destruidas e saqueadas. Nada escapou á furia terrivel e insaciavel dos nossos Soldados! ⁽¹⁾

E assim se cumpriu a ordem do governo, de que queria inferir a sua vontade a esse reino rebelde!

« Oh! Perdamos aos Soldados que assim foram conquistando a nossa gloria! » diz

⁽¹⁾ «... fôz tanto medo em toda aquella costa que se desgozaram todos os lugares da fronteira do mar e dez leguas pela terra dentro ficaram tudo desabitado, em que as fresas foram de maneira que os soldados ficaram bem contentes. ... » [Francisco d'Almeida: Chronica de D. João III, 2.º parte, cap. 56, p. 372] — Foi assim sempre, o nosso heroísmo, no India!

o fallecido João Rodrigues Bordado.⁽¹⁾

Bordados, sem duvida, mas o que de-
vemos tambem, e collocal-os no seu lugar
e não ver nellas uns heróis sem mácula,
que combatiam pela sua patria e pelo seu
Deus com uma heróicidade pura.

Não. Eram uns valentes, eram mes-
mo heróicos, mas e preciso fazel-os descer a
uma classe mais baixa: a de palteadores...

Deix a nobre e classica figura de D. João
de Castro não é quasi ridicula, mandando
empunhar uns fello de barba no meio de
tão grande corrupção e de tamanha vile-
za?...

Por isso o nosso grande imperio do Ori-
ente decadiu, quasi ao mesmo tempo que
nasceu.

Cresceu, cresceu immenso. Mas a base
da sua grandesa era falsa. E por isso,
muito depois o conhecido padre jesuita ma-

⁽¹⁾ Journal d'Historie - 2º, p. 88.

qual Godinho escrevera para o reino sobre
 sua carta esta esplendida e conceituosa
 phrase: «o imperio Portuguez do Oriente não
 "morez que não encontro humulo tanto
 "nho para a sua grandessa.»⁽¹⁾

=====

{12-I-104}

(1) ?

Bibliographia: Pinheiro Braga: Historia de
Portugal, 3^o, cap. 63 — Francisco d'Almeida:
Chronica do D. João III, t. 2^o, cap. 54 e 56 — J.
 X. Rodrigues Cardeiro: Serões d'Historia, v. 2^o
 — D. João de Castro: Relatório de Goa e Diu (ed.
 de Diego Kofke) — Teixeira d'Almeida: Descrição
geral e historica etc — vol. 3^o, pp. 127-129.

XVII

28 de janeiro de 1808 = A carta de
alfarria. -

Quando a familia real portugueza fugio
exilada de Lisboa antes da chegada de Jun-
not,⁽¹⁾ o Brasil era ainda a melhor colo-
nia portugueza.

O commercio era todo nesso, e, inces-
sante e seguro foi sempre uma fonte de re-
cita boa e um estimulo para a massa de-
cadida marinha mercante.

Mas, a Inglaterra deitou os olhos curiosos
para as terras de Santa-Luzia: era necessario
engolgar aquelle rico commercio e aca-
bar por uma vez com o gouve Portugal

⁽¹⁾ Ver a Fugida de d. Joao VI para o Brasil, no
I vol. - p. 62

que estava sendo governado por uma regencia desgraçada e que não tinha forças, já, para fazer alguma coisa.

A Inglaterra queria e Portugal sem dignidade alguma curvava-se a obediência às exigências.

E assim aconteceu desta vez. Nove dias depois do Príncipe regente D. João ter chegado à Bahia para onde arribara o seu navio, assinou o decreto de 28 de janeiro de 1808 que abriu a todas as nações os portos do Brasil, terminando assim, quasi, para esta colônia a sua dependência da metrópole.

Um escritor brasileiro chama a este decreto — uma verdadeira carta d'alfama.⁽¹⁾

Talvez. O que houve, é um facto e' que annuenciou completamente o nosso commercio e as nossas industrias.

O Príncipe D. João sempre indolente, com

⁽¹⁾ Dr. J. M. Teixeira de Mello: Essaues das nações — Tomo I, p. 62.

medo sangue, clamor - de grito, mas
ficou sempre de fé como era, de resto, natu-
ral.

A carta d'algarvia annuenciando-nos, foi
contudo o começo da independencia e liber-
dade do futuro imperio brasileiro; de logo
em logo a nossa mais rica colonia foi en-
grandeando, creando forcas, e de certo este
decreto veio dar um grande passo para a fu-
tura emancipação.

Um dos investigadores, senão o unico, do de-
creto, foi o notavel economista José da
Silva Lisboa⁽¹⁾ que depois publicou as suas
Observações sobre o commercio franco, li-
vro em que defendia fortemente o citado

(1) Este José da Silva Lisboa, foi de facto um
economista celebre. Diz um escriptor brasi-
leiro: « Foi um patriota: a Alemanha, a Fran-
ça, a Inglaterra se deviam cercarem de capital-
o entre os seus grandes homens de sciencia.»
{ Joaquim Manoel de Macedo: Memórias Biogeo-
graphicas brasileiras, II, p. 334 } - dos acrescenta-

decreto a que um outro escriptor brasileiro chama « medida transcendente! »⁽¹⁾

Transcendente foi, de facto... para a Inglaterra!

Foi a Inglaterra que tudo fez e que lucrava com tudo; e o economista Silva Lisboa instigando a publicação da carta d'alfarria não foi mais que um fegorador do terreno em que devia fermentar em breve a ideia de independência brasileira.

Seria estranho a politica da Inglaterra? Não o queremos afirmar; mas parece-nos contudo que nelle andaria paucamente interesse de fabricista e o calculo que em breve a sua fabrica seria uma macha independente e forte.

A politica, porém, da carta do Vis de Farsino continuava sendo sempre a mesma

nos annos que o celebre economista morreu em 1835, feito visconde de Bayrú. [Ver a obra cit.º]

⁽¹⁾ Anno biographico Brasileiro cit.º - p. 332.

política de submissão e indignidade.

Jose' Liberato no seu Ensaio chama-lhe « política tão cruel como insensata »⁽¹⁾ e a verdade é que passados dois annos, a Inglaterra conseguiu o celebre tratado⁽²⁾ « o monstruoso tratado de commercio de 1810 »⁽³⁾ que nos arruinou de vez e completamente.

Segundo Oliveira Martins entre 1796 e 1807 o valor das manufacturas exportadas para as colónias foi de 94 milhões de cruzados; de 1808 a 1817 a mesma exportação rendeu somente dois milhões. Os generos do Brasil que entraram em Portugal desde

(1)

Jose' Liberato Freire de Carvalho: Essay Historico-politique - p 223

(2) No dia 19 de Janeiro de 1810 houve entre Portugal e Inglaterra tres tratados ou convenções: 1º: tratado de commercio e navegação (34 artigos); 2º: tratado de alliança e amizade (11 artigos e 2 secretos); 3º: convenção sobre o estabelecimento de fazendas (13 artigos) - (veja-se Annuario Portuguez de Saldes, p 205)

(3) Essay cit.º - p 222.

1796 e 1807 foram no valor de 353 milhões de cruzados; nos dez annos seguintes desceram a 188 milhões! ⁽¹⁾

Não nos zodiemos baixas mais a Lygloterra.

No reino os ingleses zombam e deszombam e os seus soldados fazem-nos por mal que os exercitos invasores e victoriosos de Walo-lead.

Sustentou-se a guerra por tres meses; o nosso soldado combatia com valor mas os generaes eram ingleses e o commandante em chefe era inglez.

Era tudo inglez. E o principe D. João, para conservar o throno, diz Oliveira Martins « sacrificava o pai; mais uma vez a dynastia vendia o reino como Erau a primogenitura. » ⁽²⁾

As nações todas acudiam aos feitos do

⁽¹⁾ O. Martins: Historia de Portugal, II, 249

⁽²⁾ Historia cit.^a - II, 249.

Brasil. Ithi, as suas manufacturas, inferiores em preço ás nossas eram vendidas facilmente, e nós não podíamos entrar em concorrência com ellas.

A Inglaterra tinha até, um abatimento nas alfândegas de 9% a menos que as nossas.

Eríamos constantemente uma colónia hebraica. D. João VI omissão e heado era, de facto, «o morgado Bragança»⁽¹⁾

Mas, abstrahindo da ruína que nos produzis esta carta d'alfândega devemos concordar contudo que ella foi o primeiro passo da independência d'uma grande e rica colónia que explorada por um príncipe autocrata e sem o menor sentimento de dignidade

⁽¹⁾ Oliveira Martins: Hist.ª cit.ª - II, 248
 Bibliographia: Oliveira Martins: Historia de Portugal, liv. VIII cap. II - Pinheiro Chagas: Historia de Portugal, vol. 8.ª cap. V - José Liberato Freire de Carvalho: Essay Historico-politique, cap. IX - Joaquim Ma-

de, tentam em breve a sua emancipação
 justa e que com o andar dos tempos se
 tornam numa grande massa de vida
 e forte, e em caminho de um alto engran-
 decimento e de um grandissimo progres-
 so.

==

{20-I-184}

mel de Macedo: Anno biografico brasilei-
ro, 2^o, p. 331-335 — Teixeira de Mello: Esde-
merides Associaes, Tomo I, p. 62 e II, p. 23 —
 Ant.º Valdez: Anuario Portuguez [1855] - 205

XVIII

2 de novembro de 1512 = Um Duque
de Bragança —

A descendência de Dom'Alvares que^t é
como quem diz a casa de Bragança foi se-
gundo Oliveira Martins « uma successão de
" intrigantes mesquinhos, de mãos doidas e
" de egoístas vulgares. »⁽¹⁾

Aquelle de quem se diz — d'entre todos os
duques — temos a honra de falar gerden-
ce ao numero dos mãos doidos: é D. Jayme,
4.^o duque de Bragança, nascido em 1479⁽²⁾ e a
quem o nosso velho esquecido Camillo
chamou « uma devota besta-jane. »⁽³⁾

⁽¹⁾ Historia de Portugal - II, p. 121

⁽²⁾ D. Thomaz M. de Vilhena: o caso de Bragança

- p. 17

⁽³⁾ Camão em ruínas - II: Frades, urros e um

É uma personagem assim que vai
 entrar em scena com o general d'assassino
 voltado contra uma debil mulher, que tinha
 o grande defeito de ser feroza e a quem vi-
 nde sucedido — como diz o Sr. Ramalho
 brigado uma fatalidade...⁽¹⁾

Desta fatalidade resultam o duque ter-se
 esquecido dos conselhos de brandura e feni-
 tencia que de certo lhe teriam associado os
 religiosos de S. Francisco da provincia da Pie-
 dade com quem muito convivia; e assim
 do filho do duque justificado em bora para
 quem a critica benevola teria perdoado uma
 falha de juven e condescendência, tornou-se
 um principe feroz e cruel «man doído»
 a quem a historia ficou chamando assas-
 sino e de quem o mesmo Sr. Ramalho
 disse ferozmente que fez «das esgo-
 ras e dos vassallos um consorcio que se

Duque de Bragança — n.º 25

Os Vargas — vol. 9.º — f.º 269.

" não justifica pelas necessidades ordinarias
da vida." ⁽¹⁾

Criticas mais brandas que as de Camillo
e Oliveira Martins chamaram-lhe « mel-
ancholico, eccentrico, fanatico, neurotico » ⁽²⁾
ou então um príncipe cujos defeitos foram
« filhos da desgraça. » ⁽³⁾

A historia e, muitas vezes, valda a ver-
dade, uma gassa-cullas!

Sigamos portanto o mais indulgente
possivel; tanto mais que neste drama
triste anda uma causa que tem feito dar
muita volta á historia da humanidade —
o amor.

O duque D. Jayme, filho do justicado
D. Fernando era um caracter exquisito;
era gentil e formoso, segundo Camillo

⁽¹⁾ J. Farjas — 9º, 248

⁽²⁾ D. X. Rodrigues Bordieiro: Serões d'Ilis-
ta — II — p 62

⁽³⁾ Guilherme Dias: Leões de Meudança, Jo-
logo. 1112 (Almas, tomo V)

"Fazem «triste e quebrado dos olhos como quem
 faz as lagrimas parecerem os riveiros.»⁽¹⁾ Com-
 grazi-se em praticar com os frades de S. Fran-
 cisco, cuja nova provincia da Piedade elle pes-
 ventara e introduzira no reino; ⁽²⁾ tinha uma
 inclinacao enorme para o ascetismo; cocava
 comia mantes, gallegua e las herdades para
 procurar cansasso que lhe attenuasse as in-
 fancias; era no fim de contas um homem
 varado, um doente, um degenerado, que o rei
 D. Manuel, o venturoso fez cesar com uma
 creanca de doze annosahi em 1502!

Essa creanca de 12 annos era filha dos
 duques de Medina Sidonia; «de formosa
 "fazia esquecer que era rica; e de rica dimi-
 "nuia os galvos a formosura.»⁽³⁾

Foi um casamento politico; D. Manuel e
 os duques de Medina assim o entenderam

⁽¹⁾ Camillo: Frades, ursos e um duque de
Bragança - p. 19

⁽²⁾ Camillo: idem.

⁽³⁾ Camillo: idem - p. 19.

e a sequencia duquesa veio e foi entregue aos cuidados da irmã do rei, a duquesa viu no D. Thel. ⁽¹⁾

Mas, para não desmerecer o proverbio que de Elreiganda nem bom vento nem bom casamento, este casamento, no phrase grave do Sr. D. Thomaz de Villena, «foi bom desditoso.» ⁽²⁾

«Os dois esposos nem se conheciam — ex-
" glica com a melhor boa vontade em escripta
" no Canonico — e por isso não se podiam
" amar... » ⁽³⁾

Ora, d'aqui, fante tudo. O duque não amou — nem seria capaz d'isso — a sequencia duquesa; esta via nelle um homem severo, misanthropo, brusco, falo qual de certo não ficou sendo amizada.

O loco em Villa-Viciosa era um lugubre casarão; nem um afago, nem um beijo

⁽¹⁾ Deões d'Elreiganda — II, p. 51

⁽²⁾ El Caso de Bragança — p. 18

⁽³⁾ Morte de D. Leonor, Duquesa de Bragança — art.º anonymo no Canonico — II, p. 282.

meu um ohar amigo; o duque embreita-
 na-se nas flechas da Tagada em fugia para
 a parte d'Alora. E dentro das grades tristes
 do Zaco, ficava a gentil e formosa duquesa.

O Zaco, Zarem, Larie um Zagem, formo-
 so, nobre, gentil, aguçado...

Ora aqui, estão, não não, em dizer co-
 mo o Sr. Tiago d'Almeida

— Quem é que não tem um bardo na
 vida?...⁽¹⁾

A diferença, Zarem, é que, em vez do
 bardo, teremos de imaginar um lindo Za-
 gem, d'olhos meigos, gentil Zarem, com sus-
 tãos aguçados, o infeliz Antão Alcofo-
 rado « dedicado e extremoso »⁽²⁾

O Zagem e o duque, Zaco mais em me-
 nos da mesma cidade, vivendo debaixo do mes-
 mo tecto, brincavam — na coxgada do fal-
 lecido Rodrigues Cordão — com o bardo

⁽¹⁾ Lista Galante (ed. de 1903) — p. 174

⁽²⁾ Genealogias, Dias: Galante cit. — p. 15

sem se lembrar que se gozavam queimadas...⁽¹⁾

" Camillo, indulgente, diz que « pôde ser, que a duquesa por meia garrida Perzambola se deixasse adorar juramente do gentil e fidalgo marcelo. »⁽²⁾ Pode ser, sem dúvida, mas, juramente ou não juramente, essa adoração começou a costar, a passar de boca em boca, primeiro em segredo depois a meia voz... até que chegou á outra extremidade do lago onde em geral vivia o pombinho e termo d. Jayme.

Prezidiram-se então o tragedia como se diz vulgarmente em litteratura.

O duque, cioso, não do seu amor mas dos seus direitos de marido — direitos que desgrasava — sentio passar-lhe pela cabeça uma onda de sangue. A cara da familia estremejava-o, tarturava-o; esquecera a roscada para frade, e o fidalgo vibrou na

⁽¹⁾ Desces d'Historia - II, p. 63

⁽²⁾ Camillo: Frades, urso, etc - p. 26

sua mão inflexível e cruel!

«O duque era cioso — exglia o facto brasileiro Gonçalves Dias⁽¹⁾ — porque era nobre» e á custa desta nobreza á brasileira, sentindo em si a terrível fatalidade do crime, o Duque, seguindo zelos convedores, com a arma homicida debaixo do manto, entrou precipitadamente no quarto da esposa onde uma denuncia lhe indicára estar o faggo algibeado.

Este deu assunção a tres dramas:⁽²⁾ um do facto brasileiro acima referido; e os outros dos escriptores Alfredo Gusmão e Luis de Camargo.⁽³⁾

Tragico devia ser, de facto, o duque cravar o punhal no ventre da esposa, depois de chamar um padre para a confessar; tragico devia ser a morte do desafortado depois de con-

⁽¹⁾ Prologo cit.^o — p. 13

⁽²⁾ São estes tres dramas os que confesso; e Jannuel, que não mais, mas ignoro-o.

⁽³⁾ Citados nas Cartas — 9^o, XVIII.

ferado, tambem, morto pelo machil de
 casaca manobrado por um negro; tragica
 devia ser a figura do duque mandando la-
 var um auto do occorrido logo em seguida
 (auto que vem no 2.º volume de Panorama);
 tragico ainda, devia ser de mais, seguindo a
 lenda o mandar amarrar ao dorso d'uma
 mula o cadaver da duquesa e peltar a besta
 ao acaso da sua vontade! (1)

Morreram pois, os dois, tragicamente,
 como era de esperar de tal marido e de tal
 cioba.

Assim se mostram, seguindo um dos
 dramas citados, como o descendente do

(1)

II vol. - p. 282

(2)

«... mandara metter o cadaver em um
 caixão e collocar-o sobre uma mula, a
 qual para que fosse alguma a guisa foi ter
 ao mosteiro de Montes-Blancos onde os religio-
 sos lhe deram sepultura. O que é certo é ter sido
 aqui sepultada a duquesa até que trovado glau-
 mente a sua ausencia, foi seu cadaver tras-
 ladado... » Portugal antigo e moderno, vol.

Barbadão de Veiros parece gemer o ultrage
ao seu nome, ó sua honra e á sua linde-
gem real! ⁽¹⁾

Foi por isso que o Sr. Conde de Moursa-
ráz fez na bocca de D. Manuel a seguinte
phrase, d'uma linda poesia sua:

« El-rey disse-lhe então: pois molhe a seis pagãos;
Procedente com honra e com valor! » ⁽²⁾

Oh senhor Conde, senhor Conde! . . . seis, co-
mo o brasileiro! . . .

O duque, foram arregandando-se! Camil-
lo diz que indo para a guerra de Marocco ⁽³⁾

5º - p. 535) - O mesmo se conta no Panorama
II, 284]

⁽¹⁾ É no drama de Alfredo Musser:

« Deba mostrar do Barbadão de Veiros
O descendente como gemer o ultrage
Eus lhe fizeste honra! »

[Lit.º e manuscrito nas Fargas, 9º vol. - p. 252)

⁽²⁾ Poesias: Justicia d'el-rey - p. 176

⁽³⁾ « . . . logo em agosto de 1513 D. Manuel deu
" o commando de despois mil infantas e dois mil
" e quinhentos cavallos para conquistar a cidade

o Sr. Manuel Artigão diz que tomando
banhos: «o illustre Senar tão devotas se ar-
regueira que chegou a mentificar-se d'esto ma-
neira insolita e sem precedentes: tomando ba-
nhos!»⁽¹⁾

Estamos em acreditar mais nesta pergunta
versad; era mais logica e mais hygieica.

==

{26-X-205}

" de Namor. Gauden o cidade, consolidou o do-
" minio dos Portuguezes em Africa e voltou a
" Portugal onde foi recebido com estrondosas festas
" a tempo que Leão X dizia missa pontifical em ac-
" ção de graças e mandava um sermão exaltar
" as virtudes e graças do Duque de Bragança. Ora
" vejam que gentilezas fazia o Duque! » {Chas
Padas, etc, cit.º - p. 29}

⁽¹⁾ Fargas - p.º, p. 256

Bibliographia: Quadros d'Historia Portuguez:
VII - Viagem de D. Leonor de Mendonça, no Panora-
ma, II, 282 - D. X. Rodriguez Bardeiro: Serões
de Historia, II, p. 60 - Camille: Viagem em mi-
nas, II: Chas, Padas e um Duque de Bragança,
p. 19-30 - Manuel Artigão: Os Fargas, 1.º vol.º
cap. 18. - D. Thomaz Maria Manuel d'Almeida Vi-

XIX

16 de junho de 1555 = Francisco Bar-
reto tenente geral do governo da Índia.

No dia 16 de junho de 1555 falleceu em
Goa o vice-rei da Índia D. Pedro de Mascare-
nas.

Heritaram-se as vias de successão na ca-
pella-mór da cattedral, segundo a lei e appare-
ceu nomeado para succeder ao fallecido
fidalga, Francisco Barreto « com o titulo mais
modesto de simples governador. »⁽¹⁾

Ja lá ia, então, a gloriosa epocha dos dois
cercos de Diu e do D. João de Castro; e Índia

Veus: D. Casa de Bragança, p. 17-18 — Pinto Leal:
Portugal Antigo e Moderno, v. 5º, p. 535 e v. 11º, p.
1141 — Gonçalves Dias: Leções de Grammatica, dis-
cussões (obras, Tomo V)

⁽¹⁾ Leões Coelho: Luiz de Camões - p. 183.

corria desorganadamente para a sua ruína completa.

O fallecido vice-rei tendo sido nomeado pelo rei D. João III para reformar os costumes, corrigir os erros dos governos passados, para ver se, enfim, transitava de algum modo a queda em que ia o imperio suavo de Al.buquerque.

Completamente era elle, sem duvida. Placens serio, recto, intelligente, « sabia apreciar as causas e os Placens » no dizer de Placens⁽¹⁾ o que lhe deu a fama de um « Libilissimus dignitate »⁽²⁾

Mas, a India não se reformava assim facilmente. Placens sabia li sem duvida, mas a cubice, a malvadez, a corrupção inferna corriam para as com o valor; e o illustre vice rei morreu sem ter a consolação de ver um bom resultado dos seus trabalhos.

⁽¹⁾ Historia da origem e do estabelecimento da Inquisição em Portugal - II, p. 210

⁽²⁾ P. Blazer: Historia de Portugal - IV, p. 75.

lhos. A Lúdia — a Lúdia gloriosa e forte
d'Albuquerque — descia peregrina.

Francisco Barreto, que de succedat, não
era Lourenço Zoro das grandes causas. O seu
governo foi um governo sem causa notável
além d'uns feitos d'armas e da ferozidade
e banhos.

A cubra ingerava e a desorganização
era irresistível travar. « O sol da Lúdia —
" Dig Oliveira Martins — não fazia mais do
" que precipitar a situação tumultuosa, de
" motivos que se agitavam no além português
" se, aclamando. Se os próprios desvairavam
" Vos. »⁽¹⁾

Por isso quando Camões chegou à Lúdia
e viu o estado do grande imperio de Affonso
d'Albuquerque e de D. João de Castro, come-
çou a patetizar uns e outros, não zendoan-
do a proprio governador.

⁽¹⁾ Camões, os Lusíadas e o Renascimento em
Portugal — p. 173.

Uma das setenas, aquelles que começo por
estes versos:

«Este mundo é o caminho
Há de ser ducientos vias.»⁽¹⁾

e que é conhecida pelo nome de Diogenetes
na Índia é feita directamente Francisco
Barreto:

«Dentro vejo por ali
.....
Que ninguém emenda o mundo
E não se emendam a si.»⁽²⁾

O governador não gosta, nem gosta gos-
tar. Ninguém gosta, de resto, que se lhe fale
tão claro e tão rudemente.

E o desgraçado feita lá foi, para o extre-
mo-Oriente para um triste lugar mal nome-
ado.

⁽¹⁾ Diogenetes na Índia — no vol: 5º [Re-
donditas] das Obras completas de Luis de Bo-
neiro [Rio, 1874] — p. 114

⁽²⁾ Idem — p. 115

Diz Simão Blagos: « esse mequeindo vis-
 " gaço não fez nunca ligar á memoria deste
 " governador o eterno ofício que manda os
 " fizeguiares do genio »⁽¹⁾

É realmente, o governador era gaço muito
 lógico. Faria y Sousa atribue-lhe grandes qua-
 lidades, « grandes excellentes »⁽²⁾ mas na sua
 fizeguia, ao fozta vemos nós que era lo-
 mau que dava facilmente ouvidos ao que
 lhe diziam e que se deixava encaminhar por
 conselheiros maus.

É o fozta Faria y Sousa que nos o dá a
 entender: « Fazendo-se vengador de aquellos
 " homens y tambem de alguma desconfiança
 " fozta, desterri al fozta. »⁽³⁾

Fosse como fosse, o que é certo é que não
 foi só de fizeguiares o seu governo.

Embora este se não tornasse notavel al-

⁽¹⁾ Historia de Portugal - IV, p. 76

⁽²⁾ Citado em Letras do fozta: Luis de Camões,

p. 208

⁽³⁾ Citado na mesma obra - p. 208.

quenas guerras sustentou com exito. ⁽¹⁾

Cambatten o Lidal-Khan que pretendia o throno de Bidjaguir — guerra em que entrou o conhecido Manuel Rodrigues de que falle Camões; ⁽²⁾ — cambatten o Samorim, derrotando-o; conquistou as fortalezas de Assarim e Manaré; soccorreu o rei de Siudh e outros feitos de menor monta em que sempre o valor e a audácia affaziam ao

⁽¹⁾ Herculano das duas guerras nos *Trinçeira d'Indo-gal: Descriçãõ geral e Historica* — p. 144-145

⁽²⁾ Foi este Miguel Rodrigues que alcançou o *Fios Seccos* que fez grandes Camões por uma divida, ao que o poeta allude n'uma trovas a D. Francisco Bontinho:

« Trovas que o autor mandou da Bahia em que o poeta allude a uma divida, Miguel Pais, Fios Seccos d'Alentejo, ao bande de Pedro de D. Francisco Bontinho, visor-rei, que se embarcou para fazer, pedindo-lhe o fizesse desembarcar.

« Que diabo te tão danado
 Que não tens a cutilada
 Dos fios-secos da esgada
 Do João Miguel armado?
 Pois se tanto um golpe seu
 São no infernal cadeia;
 Do que o demónio arreceia

lado do desejo de riquezas, de ganancia e da
proxidade.

Passado pouco mais de tres annos, Frui-
cisco Barreto entregou em 8 de setembro de
1558⁽¹⁾ o governo ao seu successor D. Constanti-
no de Bragança e foi morrer, ganados annos
em Africa, na conquista d'uma importante
região na costa oriental.⁽²⁾

Quiz o acaso que elle fosse o herdeiro
de Camões. Sem esse acaso Barreto ficaria
desconhecido como muitos outros que go-
vernaram o India.

Conferir-se-Lis na multidão d'aquelles

Bom não fugirai eu!
Bom não he fugir
do centro elle e centro tudo
dão tuere um forte escudo
do seu Vosso d'então.
Por tanto, senhor, proveja
Pois me tem ao mesmo estado
Eis antes que seja embarcado
Eis desembarcado seja. »

[Veja-se as liras cit.³ de Camões, a ff 146 do vol:
V: Redondilhas]

⁽¹⁾ Descrição geral e histórica - ff 145

⁽²⁾ Idem - ff 145.

que, segundo informou Diogo do Couto, « não
 iam lá sem se já serem ricos »⁽¹⁾ para fode-
 rem voltar ao reino cheios d'ouro, e intrigar
 os que ainda lá ficavam como tanta vez
 acontecia. Ficaria no numero dos vale-
 rosos guerreiros que combatiam no mar ou
 em terra com a sua excepcional bravura e
 que fizeram com que nós, nesse periodo de-
 roico « ficassemos sendo alguma na serie
 »⁽²⁾ « efica dos Joves. »

=====

{10-VI-204}

Olvidado em Latino Coelho: Luis de Camões -
 J. M.
⁽²⁾ Oliv. Martins: Camões, os Lusíadas e a Renas-
çãõ em Portugal - p. 186

Bibliographia: Diu. de Blaga: Historia de
Portugal, IV, cap. 9 - Teixeira d'Almeida: Des-
criçãõ geral e historica, etc., vol. 3.º, p. 144-145 -
 Latino Coelho: Luis de Camões, cap. X e XII -
 Oliv. Martins: Camões, os Lusíadas e a Renas-
çãõ em Portugal, cap. III.

XX.

30 de outubro de 1340 = Batalla do
Salado. -

Entre os varios e inuizíveis discursadores
da Academia dos auxarques, no começo do
seculo XVIII, um, disse, num discurso
acerca da batalla do Salado, enghetivamente
que: « não se reduz o valor só á valentia
" dos golpes; tambem a valentia da voz e' pro-
" gria esphera do valor. »⁽¹⁾

Falou bem o illustre auxarque. Affonso
IV não venceu só com a força do seu man-
taute, venceu tambem com a força de sua
gloriosa energia.

E' caso fare se dizer que nem sempre o

⁽¹⁾ Progreſso academico dos auxarques de
Lisboa - p. 316.

vento leve as falavras...

Nas luctas continuadas de Hespanha arabe com os principes christãos, a batalla do Salado tem goro nos com valor especial. Não só os nossos soldados foram valentes no combate mas tambem as falavras do rei ficaram agoradas através da historia como exemplo.

Um enorme exercito mussulmano tinha entrado na Peninsula para uma reconquista; « desde o Loire até ao Nilo »⁽¹⁾ tudo se desforou para ser do novo Jossuin a rica e famosa terra d'Hespanha.

Durante meses os navios transportavam tropas que vinham augmentar successivamente a allianca enorme que em breve invadiria os estados neo-godos dando em sobre-palcos os principes christãos, desunidos e em guerras.

⁽¹⁾ Pius Leal: Portugal antigo e moderno - vol. 3º - p. 105

«João XI de Castella, á vista do que se seguia tudo e fez as pazes com o rei de Portugal. Mandou a rainha que se unglorasse de seu filho um socorro que o ajudasse a levar ao fim uma tão grande empresa.

O «forte e excellenté»⁽¹⁾ monarca accedeu e — valia a verdade, como era logico — tambem por interesse proprio foi com uma forte uniu-se ao rei de Castella, forte calculada por Pinto Leal⁽²⁾ em 21:000 homens que, unida ao exercito castelhano dava um total de 40:000 homens d'infanteria e 18:000 de cavallaria.⁽³⁾

O socorro chegou num momento critico. João XI via-se agitado em dar-lha com tão pouca gente que esperava d'um momento para o outro ver agradecer por sobre as empuçadas fronteiras os abrumos brancos dos

⁽¹⁾ Lunadas — c. III, est. 98

⁽²⁾ Portugal Antigo e moderno — 3º, p. 105

⁽³⁾ Pinto Leal: Historia de Portugal — vol.

conedares africanos, farijando gresos.

Assim, juntos, poderiam marchar. O inimigo era muito maior — quatro vezes a egrião, segundo Rey de Sina⁽¹⁾ — mas ficou resolvido que se poccorresse Tarifa cercada com rigor de muito felos arabes.

Marcharam e no dia 29 de outubro de 1340 poderiam ver ao longe, cobrindo valles e collinas o grande arraial musulmano onde estava um dos maiores exercitos que de Africa desembarcára na Península de logo do de Tarick.

Foi então que, segundo se escreveu⁽²⁾, os castelhanos tiveram a fraqueza de se confessarem ingotentes para tão grande poder junto como aquelle, de tantos reis reunidos!

Até logo era uma necessidade...

Dar-se-ia dinheiro, uma indemnisa-

⁽¹⁾ Citado em Rodrigues Bardeiro: Senhor d'El-Rei
Dono - I, p. 123

⁽²⁾ Foi Pardo Real no ja citado Portugal anti-
go e moderno - 3º, p. 105.

ção — mas era melhor não combater, ou pelo menos não procurar a graça cercada a seu genio.

Alfonso IV, indignado, respondeu que não via de Portugal fazer outra coisa senão fazer combater e que se os alliados não quisessem, elle só, iria com a ajuda de Sanches!...⁽¹⁾

Ponderou-se-lhe pensativamente que as lanças e petas dos muouros eram tantas que encobriam o sol...

— Que importa que cubram o sol! respondeu o monarcha portuguez. — Tanto melhor: combateremos á sombra!...⁽²⁾

E o valor que mostram na zelava não desmerecem do que mostram na zeleja.

No dia seguinte — 30 d'outubro⁽³⁾ — os

⁽¹⁾ Veja-se o Progresso cit. 2ª — p. 318

⁽²⁾ Portugal antigo e moderno — 3ª, p. 105

⁽³⁾ Discordam muito os escriptores sobre a data da batalla do Salado. Nós adoptamos a de 30 de outubro, fundada em Vasconcellos [D. Ha-

Dois exercitos encontraram-se e ferio-se
então uma enorme batalha.

Os castelhanos tinham que defrontar-se

(Leal d'Iragan, I, p. 25) contudo, apresentamos
as divergencias que ha nas obras que consul-
tamos e possuimos:

= 28 de outubro = J. M. Simões de Castro:

Guia Historico do viajante em Coimbra, p.
silveira da Motta: Quadros de Historia Portugue-
sa: cap. VI — Panorama, vol. II, p. 352 (effe-
merides) — Tiburcio Alves de Azevedo: His-
torias de Portugal — Faustino de Faria: A
Descoberta de Brasil, p. 30, nota — Almanak
do Exercito, Calendario (1904) —

= 29 de outubro = Antão Xavier Rodri-
gues Cardozo: Seres d'Historia, I vol. p. 115 —

Ferdinand Denis: Portugal Pitoresco, I v. p. 68
— Portugal, dictionario, I vol. (Affans IV) —

= 30 de outubro = D. Antão de Castro
de Sousa: Historia Genealogica, I tomo, p. 206

— Vasconcellos: D. Leal d'Iragan, I v., p. 25
— Antão José Vial: Historia de Portugal,

p. — Guia Leal: Portugal antigo e moder-
no, 2º, p. 106 — J. Le Frain de Carvalho: Es-
say Historico - Politico, p. 28 — Dictionario
Popular (Affans IV) — Progresso acade-
mico do anuário, p. 316 — Eduardo de

com os africanos de Abul-Bassan e os portugueses com os granadinos de Yusuf-Abul e logo ao romper da manhã o duello grito-cigian, ferocemente, incanecidamente, como campegia a gentes de varias raças e de deuses diferentes.

Foi junto da ribeira do balado que se deu a batalla que em breve tempo se decidiu a favor dos christãos.

A derrota foi enorme e completa e os gregos arabs chamaram de matausa memo-
rable, batalla cruel, dia injusto, segundo refere La fuente ⁽¹⁾ e levados pelo enthusiasmo os christãos chegaram a dizer que tinham perdido 400:000 muuros « tantos que não poderiam dar cento » ⁽²⁾ e 15 e 20 dos alliados de Portugal e Castella!

Varanda: Herodes e Martyres, cap. II.

⁽¹⁾ Chronica geral d'El-Rey de Portugal - Parte II, liv.º

3º, p. 358

⁽²⁾ Inscripção de Sé d'Evora, transcrita na integre, e p. 360 do 1º vol.º de Panorama.

O acampamento inimigo caíu nas mãos dos nossos, e encontrou-se tanta prata e tanto ouro que o seu preço na Europa baixou extraordinariamente. ⁽¹⁾

D. Affonso IV, porém, aquelle Lourenço de justiz, de que nos fella Herkulano não quizer falar ni, levou umas causas insignificantes « de que mostrou, diz o dramista, ser muito contente » ⁽²⁾

Foi uma alegria doída na Península!

O Pape recebeu uma embaixada sumptuosa com ricos despojos e ainda hoje, na igreja de Santa Cruz de Coimbra se celebra no dia 30 d'outubro uma festa chamada da Victoria dos Christãos e os sacerdotes vestem-se nesse dia de roupagens vermelhas, « cón de sangue derramado

⁽¹⁾ Pinheiro Chagas: Historia de Portugal, IV.

p. 233

⁽²⁾ Thomaz de Pina: Dramas de D. Affonso IV (cit.º e transcripto em Vasconcellos: D. Lybell d'Alagão, I, p. 31)

" na grande batalha,⁽¹⁾ e clamavam ainda
 sobre os infieis as iras de Deus Todo-pode-
 roso...⁽²⁾

É o que se chama uma costumeira
 que o tal avouguero affande, dizendo que
 «as victorias são uma indulgencia de reli-
 gião.»

(1) Vasconcellos: obs. cit. - p. 32.

" (2) «A festa da victoria dos christãos foi estabele-
 " lecida pela egreja de Coimbra, com aumen-
 " cia do pontifice romano como se declara na
 " VI licença do respectivo officio.....

" «Tanto a missa como o officio proprios d'
 " esta solemnidade têm um caracter muito es-
 " pecial que não se encontra em nenhum au-
 " thro. A egreja coimbricense neste dia, goza
 " de parte as galanias de caridade e mansidão
 " evangelica, os canticos e grecas de mystica do-
 " cura, que tão bem se casam com as abenas
 " contemplativas como que seute resurgir em
 " si o espirito guerreiro dos tempos medievos
 " e relembraudo o valor militar dos seus auti-
 " gos bispos, que for isso mereceram o titulo e
 " dignidade de condes, caud, cheia de bellico en-
 " turasmo, as grandezas do banda deus dos
 " exercitos e o triumpho dos seus soldados, a

Mas, nós, a este respeito, deixando as

" miraculosa victoria da cruz e o martirio
" de seus inimigos.

" « O sacerdote, os ministros e o altar, ves-
" tem-se neste dia de ranguagens vermelhas, da
" cor do sangue derramado profusamente na
" memoravel batalla.....

" « Em cada antiphona, rezouario, greca
" ou versiculo ha um grito de vinganca contra
" os inimigos da cruz misturado com o sentimen-
" to do mais absoluta confiança no auxilio su-
" mamente do Senhor.....

" « Será isto pouco christão por ser muito guer-
" reiro? Não sei; mas insigra-se em sentimen-
" tos nobres.....

" « Este officio, esta missa, cantados na velha
" cathedral em tantas vezes os bispos e seus cle-
" rigos subtraham ao recôrder das batalhas contra os
" inimigos do fé e da patria e, lançando as ves-
" tes pontificaes e sacerdotaes sobre as costas de me-
" nha renderam graças ao deus omnipotente ge-
" la victoria alcançada; e em muitas vezes os
" nossos primeiros reis, acampanhados dos
" seus guerreiros ajoelharam a implorar o au-
" xilio celeste antes de fazerem alguma partida
" pelas terras do maurismo... nada mais bel-
" lo, nada mais grandioso! » [Vasciuellos:
" obs. cit. - p. 32, nota 1.ª] - abinguen la. de di.

leitor, — como o dito anuário — o affan-
so dos lentes, recolhemos-nos exactamente
« aos silvícios da missa veneranda... »⁽¹⁾

==

[26-X-64]

per que o autor é um padre, leute de theologia
na Universidade de Coimbra. O progresso!...

⁽¹⁾ Progresso academico cit. 5.º - p. 322

Bibliographia: J. G. Ribeiro de Cascaelloz:
D. Isabel d' Aragão, I, p. 25 e seq. 1.º — P. Blagas:
Historia de Portugal, I, cap. 22 — Pires Leal:
Portugal Antigo e Moderno, III, p. 104 — J. X.
Rodrigues Lordeiro: Sarões d'Historia, I, p. 114.
— Silviana do Netto: Quadros de Historia Portu-
guesa, cap. VII — Panorama, I, p. 360, artigo
anuário — Progresso academico dos anu-
ários de Lisboa, primeira parte [Lisboa,
1718] - p. 316 e seq. 1.º

XXI

11 de Janeiro de 1498 = As cortes
d'Evora. -

O rei D. Manuel convocou cōrtes g-
ra 11 de Janeiro de 1498, em Evora.

O uso de convocar cōrtes ia decalindo
a pouco e pouco principalmente depois de
D. João II. A politica centralisadora do
Principe Perfeito foi continuada no reino
do seguinte e o fero que até ali auxiliá-
ra, como braço direito, a corôa, nas suas
luctas, viu a queda das suas garantias e
ficou-se humilde e reverente perante o go-
ver absoluto que começava a reinar.

Durante os reinados de D. João I, D.
Duarte e Affonso V as cōrtes eram con-
vocadas numerosas vezes; o fero, por as-
sim dizer, com o Senoico Condestavel,

é que levantára ao throno o duque d'Aviz e o seu primeiro monarcha, vendo que lhe era indizigunavel o affoio d'essa classe a que a nobreza chamava a « arrazagemenda » chamava-o muitas vezes para lhe ouvir os conselhos, para saber as suas opiniões para enfim ir com a corrente das cousas em que o mestre João das Regras, o primeiro doutor em leis pela Universidade de Bolonha.

Nestas cêntas o João queixava-se, fallava, dizia ao rei a sua opinião pela voz dos procuradores; « collaborava firmemente »⁽¹⁾ com o monarcha e este vendo-se na necessidade do affoio — como seu filho e neto — reuniu-as 25 vezes.

O João agradecia e sentia-se forte. Se não fosse elle, Aljubarrota não teria existido e o mestre d'Aviz nunca collocaria a co-

(1) Oliveira Martins: Historia de Portugal, I, p. 11.

rôa na sua cabeça torquada e gouco dada a grandes enfiadas.

D. Duarte, comquanto reinasse só cinco annos reunio côrtes quatro vezes e Affonso V dezemove vezes e tal foi a ingratidão que adquiriram estas reunioes que se chegou a preferir em 1438 ⁽¹⁾ que ellas fossem annuaes.

Esto gozem ia bem com o mestre d'Ariz, com o bom D. Duarte ou com Affonso V, o rei cavalleiro. Mas, como diz D. Dinheira Braga, ⁽²⁾ deu-se o caso da fábula do Lourenço e do cavallo ligados contra o veado.

Quando o cavallo quiz libertar-se do cavalleiro vio que a arte e a força o subjuguavam e teve de submeter-se ingloriamente.

Foi o que succedeu ao povo, e « villana gem » que em Aljubarrota arriscou a

⁽¹⁾ D. Martins: Historia cit.^a, p. 11, I. v.

⁽²⁾ Historia de Portugal - 3.^o, p. 376

zelle para sustentar um throno.

O Princado perfeito nas celebres cartas de Evora em 1481 fazendo com que o Jovo Lanças se for terra, de vez as prerogativas do nobreza, fochou tambem para elle o periodo em que a sua viz tinha algum valor e em que a sua vontade era até certo ponto respeitada.

O duque de Viseu estava aguilhado assim como o de Bragança no cadafalso; e a nobreza curvára-se. O Jovo ja não era Jovão do necessario; o seu apoio, era, pelo contrario prejudicial.

Realisou-se Jais a fábula: o cavalleiro era habil e o cavallo era mauzo.

E nestas circumstancias D. Manuel, o maior duque de Beja, subira ao throno de D. João II. Feliz em tudo, vio bem que a politica que tinha para seguir era a de seu primo e antecessor. Vio e vio bem.

O Jovo callou-se e durante os vinte e quatro annos que reinou só quatro vezes como em cartas que eram afinal uma pombra

do que tinham sido no começo da gloriosa
dinastia.

O poder absoluto firmára-se de vez e a
simples vontade do rei dizia-se e cumpria-se.
O ouro do Oriente começou a correr pelo
reino e as pedras preciosas a cegarem a vis-
ta; e o povo aborrido por toda esta magnifi-
cencia, deslumbrado por tanta riqueza, foi
esquecendo-se de que valia alguma coisa, de
que tinha bastante força quando levantava
o braço.

As mãos do Egipto e da Índia vinham at-
radas; as nossas moedas corriam pelo reino
de D. Manuel quando precisava dinheiro
reunia cântos para o pedir ao povo. E o povo
não protestava; corria a graça para ver che-
gar aos mãos carregadas com escravos da Gui-
né e d'Angola, e mais tarde para ver as
negociarias do Oriente.

Mas, falta-nos dizer o fim para que fo-
ram convocadas as cântas que deram causa
a este artigo.

D. Manuel casara com a Princesa D. Izabel filha dos reis de Hespanha e que era viúva do Infante D. Affonso filho de D. João II e mandou reunir em Evora as côrtes gerais das conta da sua viagem a Hespanha, com o fim de ser jurado Leodairo de Castella como foi — e para se tratar d'outros assumptos de grande importancia. ⁽¹⁾

Só por estes motivos e para se lançar impostos se convocavam as côrtes; era uma convocação pro forma.

D. Manuel viu mesmo que, quando o povo podia protestar era melhor não as reunir para não succeder como em Evora, em 1520 com o mercador João Mendes Beccioso; e quando por fim queria lançar impostos lançava-os e tinha a grande parte de elles serem pagos...

Assim continuaram a ser as côrtes em

⁽¹⁾ No Panorama, V, p. 102 tem transcritto o cap. XXVI. do Chronico de D. Manuel de Damião

os monarcas seguintes; as cédulas d'Almeida
 riu fectaram a dyuastia d'Aviz mostrando
 a historia quanto vale o euro quando é man-
 dado a tempo como foi então o euro de Cas-
 tella.

... for ainda o leitor gôde ver que isto é
 heccho nelho em Portugal...

==

{2-II-204}

de Gões ainda estes assumptos veem referido
 meudamente.

Bibliographia: O. Martins: Historia de Portu-
 gal, II, l.º V. — Idem: Historia da civilização
 ibérica, liv.º 3º, cap. 3º p. 169-173 — Pinheiro Bla-
 zas: Historia de Portugal, 3º, cap. 5º — J. Liliens-
 to Freire de Gusmão: Essay historico-politico
 cap. IV — Pinheiro Real: Portugal antigo e
 moderno, vol. 2º, p. 396 — Pedidos de cédulas
 em tempo de D. Manuel, artigo no Panorama
 vol. V, p. 102 — Silva Ferraz: Treatado sobre di-
 reito e encargos da heremissima casa de
 Bragança, p. 27. —

XXII

24 de março de 1373 = O cerco de Lis-
boa.

O nosso rei D. Fernando, filho de D. Pedro I
era — dizem o que disserem — um golpe de
mem intelligente, um bom homem mes-
mo.

A historia chama-lhe «inconstante» e
este nome vem-lhe certamente da falta de
resolução que tinha, d'uma indolencia irre-
sistivel d'um «querer e não querer» insis-
tente que o prejudicou muito, assim como
ao Luiz.

Fernão Lopes diz que era «amador de
mulheres»⁽¹⁾ mas estamos em crer que ha-

(1)
«... mancebo valente, ledo, namorado,
amador de mulheres e adregador a ellas.» [Fen-

taute glatónico, ou mesmo « ziegas » como Loje se diz...

Por tudo isto, viu-se sempre envolvido em guerras e questões. Ora guerra, ora não guerra e mostrou-o bem nas questões com os castelhanos.

Em 1373 assignou um tratado com a Inglaterra pelo qual esta o viu auxiliar nas suas novas pretensões ao throno de Castella onde reinava então Henrique de Trastamara.

Este talvez se riase das ambições do monarca visinho e de si logo si, naturalmente, lastimou-o mas — seguindo um velho ditado — antes que começasse a guerra e invadir rapidamente Portugal que se fazer que D. Fernando o fizesse ao seu reino.

E assim, « meu deus gentes goderam gensar que el-rei D. Henrique entrasse »

mas Loje: Chronica d'el-rei D. Fernando — introduccao.

« pelo reino da guisa que elle entrou » diz o Chronista ⁽¹⁾ e atravessando a Beira, passando por Coimbra e Santarém cahe sobre Lisboa (Janeiro de 1373) impetuosamente, como cumprira ao seu genio violento.

D. Fernando estava em Santarém. Ho-
ver passar o exercito castelhano, mandou
a cavallo e quiz saber mas não o deixá-
ram. O seu impulso generoso não durou
muito.

Diz o mesmo Chronista que todo o Lo-
men chamado « tem uma especie de
pandice » ⁽²⁾ e a rainha estava com as do-
res de parto...

E D. Henrique lá foi, camião de Lis-
boa; foi uma verdadeira purgosa.

O povo admirou-se de o seu rei ter as-
sim abandonado a cidade ao castelhano

⁽¹⁾ Chronica - cap. 73

⁽²⁾ Chronica - cap. 63

e em desordem, tumultuariamente, tra-
 tou de se defender por detrás da cerca velha de
 Affonso III deixando ao alcaide os no-
 vos bairros folhosos, amarelhar parte da
 cidade eutão «toda devassa e sem murelha»
 "muro." (1)

Diz Oliveira Martins que «a cidade va-
 lia mais que o rei» (2) e enquanto este su-
 ria os eguidos da rainha o povo defendia-
 se bravamente.

Houve até quem propozesse fazer que
 «galancassem todas as ruas» (3) do novo
 bairro, nem bello assomo de fabricis-
 mo e boa-ventade, mostrando assim ao
 rei que a «anaya-mênda» resistia so-
 ainda a castella inteira.

Mas não houve tempo. O rei de Cas-
 tella foi fazer fazer o convento fronteiri-
 ro. de S. Francisco e todos trataram de se

(1) Cronica - cap. 73

(2) Historia de Portugal - I, 137

(3) Cronica - cap. 73.

recolher á cidade ao abrigo da antiga muralha.

A confusão foi grande; os frades e clérigos tomaram armas e trabalhavam com o povo na salvação do melhor dos seus Lavores. Os pitiantes instalaram-se commodamente nas casas abandonadas e uma esquadra chegou ao Tejo para auxiliar o cerco.

Dentro da muralha a população amontoava-se, e como succede sempre nos momentos de grande perigo sem que não haja um chefe que se imponha o povo tumultua no rumor doído receio de traíções.

As escaramuças succediam-se com bom e máo successo de sorte a sorte; as lançadas eram rijas e o bravo rei castelhano teve que reconhecer «a audácia dos portugueses.»⁽¹⁾

Mas a desconfiança entrou com os defensores e o povo, como diz ainda o mesmo

⁽¹⁾ Chronica - cap. 77.

chronista sem « nenhuma desculpa » nem
 « esgoço de saber a verdade » ⁽¹⁾ grande um ju-
 ces d'Henrico em quem residiam purgei-
 tas. Um foi arrastado pelas ruas nus e alga-
 rava e fizeram-no em costas; outro foi jo-
 to num sogaço em frente da sé — de que
 nos fella Herculesano ⁽²⁾ — arremanado entre
 os dois camévarios e segunda vez, lan-
 ção fora o rio ainda morreu.

O receio da traição tornou-os selvagens;
 mas quando ás portas se junto das mu-
 rallas se gelavam, os defensores reuniam-
 se e as lançadas feriam com bravura e des-
 presa.

E Diego Lopez Pacheco fora se desculpar de
 ter insinuado ao rei castelhano que Lisboa
 se entregaria sem resistência, diz o manda-
 mento:

⁽¹⁾ Chronica — cap. 15

⁽²⁾ Alexandre Herculesano: Antes dos fins de
Hesganda, no vol.º 1º dos Leudas e Manobri-
nas —

— Senhas, vós bem vedes que os Reinos
cerrados, como ovelhas em curral... ⁽¹⁾

Mas, se o gregue o lobo não tinha fome
se o gregue não se queria fazer má, o cerco
continuar, e os cercados vendo que as casas
de fora da cerca de faziam mal por nellas se
escenderam os pitiautes resolveram saltar-
lhes fogo.

Para se salvar, a cidade queimava o que
tinha de melhor!

E a nova cidade ardeu, e quando fora o
céu grandes rolos de fumo que D. Fernando,
de certo, podia ver do alto do seu castello de
Santarem, crezgerando em vão o peccado de
Luziterra.

At Santa. Sé, foram, e quiz intervir. E o
seu enviado, o cardeal de Botavido veio a seu
pedido a dar entre entre os dois visinhos.

D. Fernando estava por tudo. Aceitava tu-
do, como diz ainda o mesmo Chronista,

⁽¹⁾ Chronica - cap. 80.

« seu desfalhecimento de seus lares... »⁽¹⁾

E assim foi.

O rei de Castella, — a 24 de março de 1373 — levantou o cerco e as peças foram agregadas.

E d'ahi a duas semanas⁽²⁾ encontraram-se os dois reis em Santarém, no rio, com grande cerimonia e ali juraram as peças nas mãos do cardeal enviado.

D. Fernando paltou em terra, alegre e bem disposto: estava livre de tudo. O rei de Castella era amavel e o cardeal um golpe de mão...

Por isso a Historia, nesse dia de bom

⁽¹⁾ Chronica — cap. 82.

⁽²⁾ Este encontro realisou-se a 7 d'abril seguinte (Chronica — cap. 83)

Bibliographia: Fernand Lopes: Chronica d'el-rei D. Fernando, cap.^o 70 — 83 — Pierluigi Colazzo: Historia de Portugal, vol. I, cap. 31 — Almeida Martins: Historia de Portugal, tomo I, livro II, cap.^o IV — Alexandre Gusmano: Tratado das peças d'Artilheria — no 1.^o tomo das

Lumiãr, o fez ganhar a posteridade com o
gracioso nome de formoso e incansável
e...

==

{7-III-804}

· Lendas e Narrativas — Ferdinand de Saussure:
Portugal Pitagórico, I vol. - ff 86-10

XXIII

6 d'agosto de 1661 = Um Tratado de
Láz...

Foi La duzentos e quarante e quatro an-
nos...

Não ha nada como ter memoria e neste
caso como ter mi-lingua...

E já que estamos em festas ao ingleses
em Lagos⁽¹⁾ vem a proposito este trabalho
de memoria como prova de solidez e rei-
caridade do nossa alliança peculiar com os
filhos de John Bull.

Toda a gente sabe que a alliança já vem
d'ha seculos; o rei D. Fernando assinou o

⁽¹⁾ Este artigo devia ser publicado a 6 d'agosto de
1905, quando uma esquadra inglesa fazia me-
moria em Lagos. Fizeram-se festas a que
compareceram o Rei de Portugal.

que, entre tantas más ideas que teve a
 Fernão Lopes, na sua gravidade ingenua di-
 zia que a aliança era para favorecer sempre
 entre os dois reis « sem malicia sem en-
 gaño... »⁽¹⁾

Sem duvida. Foi sempre assim.

Deo a aliança continuou e quando a
 casa de Bragança ganhou o throno portuguez
 em 1640 de aliança que era tornou-se em
 protectorado que — segundo Oliveira Mar-
 tins⁽²⁾ — é o mesmo que dizer espoliação...

É de facto assim foi.

Nós largámos bellos dotes e grincasas
 parte das colonias, enviámos embaixadas
 submissas e lá, no soberbo Inglaterra, iam-
 nos enforcando os embaixadores sem dar
 satisfação de especie alguma.

É de si, humildemente — tendo á
 frente a Hespanha, ao longe a Hollanda e a

⁽¹⁾ Chronica de D. João I - 2.º parte, cap. 93

⁽²⁾ Historia de Portugal, II, p. 140

Grã Bretanha em guerra, e dentro de 19
 na a miséria e a ignorancia o auxiliar a
 decadencia — accitava-se tudo para a me-
 nor penultima de protesto ou a menor penultima
 de dignidade.

Oras, nesta situação degradante fora com
 o colosso Britânico tivemos que assignar
 — for seu intermedio — um esphendido
 tratado na Haia, com a Hollanda, trata-
 do que for uma arrojada figura de retho-
 rica se chama "de Gás..."

A Hollanda estendia ensadamente os
 seus braços ás nossas colonias no tempo
 dos Portuguezes. Com a restauração de 1640
 continuou na mesma e algumas grandes
 luctas se travaram na India — nos restos
 gloriosos do seculo XVI — no Oceano e
 no Brasil.

Algunhas batallas se feriram encarni-
 cadas; sangue Portuguez e Hollandez car-
 rei muita vez junto: um zelo de feia qui-
 chotesca de glorias passadas e infructiferas

entre o zelo esquivo, frívolo, commercial, interessado que os tiveram grandes a fardes com o andar dos tempos e as voltas do mundo.

Foi então, vinte annos decorridos sobre o advento da casa de Bragança que se tratou da paz, ouerê da « industria e prudente reserva do conde de Miranda »⁽¹⁾ diz um escriptor brasileiro.

A Inglaterra foi a mediana.

A 6 d'agosto de 1661, na cidade da Haia assignava-se o tratado de paz e confederação, com 26 artigos⁽²⁾ — como se do negociação dependesse a paz, a valer, entre os dois paizes!

Tudo na verdade, para inglez ver...⁽³⁾ e n'este caso, para ganhar!

(1) Teixeira de Mello: Bibliographia - II, p. 85

(2) Volney: Annuario portuguez (1855) - p. 236

(3) « Para inglez ver... » foi uma phrase do deputado Fuschini, que ficou celebre, dito em um discurso acerca das festas que em Portugal se

Com este tratado deviam acabar as guer-
ras com a Hollanda — em quasi todo o
mundo — e, como se nós fossemos os ven-
cidos (nemgre assim fomos considerados em
quasi todas as negociacoes de paz) deveriamos
pagar aquella paz a lenda e modica quantia
de doze milhoes de cruzados « em dinheiro,
" açucar, tabaco e sal como melhor lhe con-
" vier, em seis annos »⁽¹⁾ e ainda for ciuma
restituir. De a artillaria que tinhamos atri-
buido ao Brasil e que tivesse a marca do
Provincias-Unidas e da Comandancia das In-
dias Orientaes! ⁽²⁾

E com a guerra a Hollanda renunciou
a conquista do Brasil — onde de facto
se tinha dado a maior lucta, a qual na
opinião d'um francez⁽³⁾, levou pela primeira
vez áquelle nossa antiga colonia, o

⁽¹⁾ *Esplanerides cit.* — II, 65

⁽²⁾ *Idem* — II, 65

⁽³⁾ «... saudamos o espirito de liberdade que
" vinha d'Intuergia e lamentamos que o

esquinto sempre vivo da liberdade.

Na sua essencia, foi isto o tratado de 1661 que a Inglaterra como mediadora, nos impoz porque se a nosso fiel alliada até aqui « nos possuia »⁽¹⁾ desde o tratado de 23 de junho deste mesmo anno⁽²⁾ passava a « tutelar-nos, declarando-nos prodizos e ilegítimos »⁽³⁾

E porque?

Porque usando Java com a Hollanda de mesma liberdade que usava Java com nosso, foi-lhe ficando com algumas colônias da Ásia e Oceania que das nossas mãos, valerosas e factos, mas ilegítimas, foram passando para os Hollandeses e destas para as da Inglaterra insaciavel.

Brasil que esse grande safo viesse aqui morrer e cair. » { Ribeiro: O Brasil Pitagorico, I tomo, p. 57 }.

(1) Oliveira Martins: Historia de Portugal - II, p. 140

(2) Veja-se a data II entrega de Bambaian, p. seguinte.

(3) Oliv. Martins: Historia cit. - II, p. 140

Deixavam-nos o Brasil, ao menos. O
 Tratado « firmou a casa de Bragança na in-
 terna posse da sua colônia da America, »⁽¹⁾ mas
 lá havia as suas razões.

« A Inglaterra sabia o que fazia. « Os In-
 gleses — disse José Liberato — nunca dei-
 xaram de pensar nos seus interesses e co-
 mo os bons fabricantes não é natural que elles
 os sacrificassem aos nossos. »⁽²⁾

É o conde de Miranda que tudo nego-
 ciara com « industria e prudente reser-
 va »⁽³⁾ naturalmente satisfeito com o lide-
 rante Lafal que fizera⁽⁴⁾ retirar-se de Baye
 e voltar para Portugal imaginando na-
 turalmente que das suas negociações ia
 nascer uma nova era de paz, de prosperida-
 de e de força para o seu país. Lo zanco

⁽¹⁾ Esmeraldas cit.^o — II, 65

⁽²⁾ Essay historico-politique — p. 106

⁽³⁾ Phrase acima citada.

⁽⁴⁾ «... nos plenipotenciaires ont été com-
 plectement jamais » [Essay cit.^o — p. 106]

saldado d'um lance ferizoso em que fôra
bem succedido e que queria a todo o custo
sustentar esse estado d'equilibrio, fosse
caino fosse, passasse por que baixezas pas-
sasse.

O conde de Miranda naturalmente,
foi largamente reconhecido.

Era justo: a dynastia nova fizera-o ser
ser por muito máns bocados e por muita
indignidade.

O conde de Miranda era no fim de
contas um fuzilpotenciaria como o rei
que representava: um manequim. O rei
— Jêlo Lugbôter — mandava assignar;
o conde, — Jêlo rei — assignava.

Era a alliança « sem malicia nem
engano » de que nos fallem o bom Fernão
Lopes.

Portugal, dirigido Jêlo dynastia fra-
ca e egoista de Bragunça lá foi, aos tro-
feços, vencendo aqui, vencendo allem,
sustentando a independencia milagrosa

mente — não esquecendo de apresentar
constantemente a Inglaterra e caminhar
de com força para a derradeira encerrada d'
um throno outro Lore glorioso.

==== (10 - XI - 905)

Bibliographia: José Liberato Freire de Car-
valho: Essay Historico-politico — p 105 e seq.^{tes} —
Teixeira de Mello: Effemerides nacionaes
II, p 65 — Oliv. Martins: Historia de Portu-
gal, II, p 140 — Bento de Franco: Timor
p 49 {n.º 191 da Biblioteca do Povo} — Valley:
Anuario Portuguez (1855) — p 236.

17 de novembro de 1717 = Fundação
do convento de Mafra.

«... é propriamente um mo-
numento architetónico; é afi-
mas um gredio, mas um gredio
immenso, incrível, fantasti-
co... »

Thamatho Antiga: os Graes
de Portugal - p. 94

Foi a 17 de novembro de 1717. El-rey D.
João V, de piedosa memoria já lançou sole-
nemente a primeira pedra do convento pui-
ssimo de Mafra!

Algar do tempo agreste, do frio e do ven-
to do mar, que roçava com força, o rei me-
gualinos não quiz faltar á sua grossa
devota e Santo Antãois, o ponto verdadeira-
mente milagreiro que fizera mais do que el.

le: conseguira que sua esposa, D. Marianna d'Áustria, tivesse um filho!

Não suscite o leitor de irreverencia, em da gibéria do frase.

Eu me mal-o conta é um frade Frei João de S. José do Prado mesma obra que tem um nome muito congrito⁽¹⁾ e que nos diz com uma inaudita indiscreção que o rei D. João V andava muito agastado com falta de successão e que um dia o Marquez de Gouveia⁽²⁾ pediu ao frade anabido Fr. Teotónio de S. José — congruente em taes assumptos⁽³⁾ — para rezar a Deus que acabasse com tão ju-

(1) Monument sacro da fábrica e relembri-
sima pagração da santa basilica do real con-
vento que junto à villa de Mafrá dedicou a
Dona Leonor e Santo Teotónio a Magestade
augusta do magnanimo rei D. João V (impre-
so em Lisboa em 1751) — Citado repetidas vezes no
Diccionario Universal Portuguez, VI, art.º Mafrá.

(2) Era o bispo caçellão — meir d'Almo da Bu-

nda.

(3) A frase é essa.

nesta esterilidade. O frade, voltando costas
disse mysteriosamente:

— El-rei terá filhos, se quiser... ⁽¹⁾

Alguns tempo depois, accrescentou com
mais precisão:

— Prometta El-rei a Deus fazer um con-
vento na Villa de Mapa que logo Deus lhe da-
rá successão... ⁽²⁾

Foi um grungto!

Dera-se isto em começo de 1711; Santo
Antonio intercedera e ganhara algumas pe-
manas a rainha sentir-se grávida e em de-
zembro nasceu um filho!

E aqui está, em resumo, como se avan-
ça um filho e um convento colossal!

Ah santo Antonio, santo Antonio! que
era casamenteiro, sabiamos nós, mas que
era...

(1) Monumento sacro da fabrica e polo em-
pina sagrada... no Diccionario Universal Por-
tuguez, VI, 1051

(2) Idem - idem - VI, 1051

Adiante.

Foi esta a origem do convento de Mafra. O primeiro plano que o rei aprovou em cumprimento do voto foi modificado successivamente até que ficou assente no grandioso plano d'um allieuan João Frederico Ludovici a cuja construção o magnanimo e escriptaculo monarcha cá se viu dar começo depois de seis annos de incertezas, de mudanças d'opinião, de humidas.

Era bem verdade!

Lá estava em cima, no alto, em sitio voltado ao mar a banca de camélande⁽¹⁾ para se fazerem o Patriarcha, conegos e capellães — um exercito de padres necessario a tal solemnidade; lá estava a primitiva igreja onde o Pedro fundamental de jesu fimo esgravava a agua benta e a cal do ritual; lá estavam os padres de todas as freguezias circumvizinhas, chamados here e festa; lá está.

(1) Idem - idem - VI, 1052

va o fogo esfumado e embebacado com tanta riqueza e ostentação; lá estava também o mar, numas nitidas facha escura, sereno, por onde viam as náves do Brasil carregadas d'ouro...

Pouco depois das oito e meia da manhã, o rei saiu dos loges do visconde de Ponte de Lima⁽¹⁾ e cercado pelo corte em grande seguimento, subiu a escosta.

Foi soberba, então, a cerimonia.

A pedra foi levada o mais catholico e magnanimamente possível; agua benta, medallas, inscrições, cruzes, retratos, enfim uma infinidade de cousas⁽²⁾ que o ritual algarvio entendeu para deslumbrar o povo e contentar o rei.

(1)

Este loge em ruina.

(2)

Veja-se o Diccionario citado, onde esta cerimonia vem descrita profundamente. A pedra diz: «...era de fino jaspe, com uma grande cruz esculpida no meio, e outras mais pequenas nos cantos...» [Pg. 1053]

De pois foi a pedra trazida processionalmente para fora, para o local onde se devia assentar e onde ja estava um banco rico com um balde de grata com agua ⁽¹⁾ umas varas e uma colher de pedreiro ⁽²⁾ tudo com grata, pedo e velludos; o rei, pegando na colher estendeu a cal, alisou-a com o mmo; com amor, lançou-lhe agua com uma das ricas varas, como mestre acabado no arte e entao o pedreiro ajudado pelos camegos, collocou em cima a pedra fundamental, solemnemente, magnificamente, elegantissimamente!

O povo, accumulado em volta, de gozo, co estendido, o olho aberto com interesse,

⁽¹⁾ «... um banco coberto de velludo carmesim e sobre elle um balde de grata cheio d'agua...» [Diccionario cit.^o, VI, 1053]

⁽²⁾ «... duas varas de urze verde, com calos guarnecidos de pedo encarnada com camoitos de grata e uma colher de pedreiro com cabo tambem de grata...» [Diccionario cit.^o, VI, 1053].

abriu a boca d'admiração. Aquillo sim,
aquillo é que era um rei!

Do lado da pedra lançou-se uma outra
com uma inscripção latina e collocou-se
tambem um cofre com as medallas e varias
causas que autentificariam logo o futuro o
real fundador da grandissima obra. E no meio,
o arrolar-mein⁽¹⁾ lançou finalmente dose
moedas⁽²⁾ de cada especie do dinheiro então cor-
rente.

O Patriarcha foi ainda buscar os alicerces
de igreja e a isto seguiu-se uma missa em
pontifical — curso magnifico e esgavento-
sa.

Estavam logo lançados os alicerces de todo

⁽¹⁾ Era o geral da ordem de S. Bernardo.

⁽²⁾ «... 12 moedas d'auro de 4:800^{rs}; dose meias
" moedas; 12 quartinhos; em prata: 12 cruzados
" novos, 12 dose vintaus, 12 seis vintaus, 12 tres
" vintaus e 12 vintaus; e em cobre equal numero
" no de dez reis, cinco reis, tres reaos e real e
" meio.» [Diccionario cit.^o, VI, 1053] — O mesmo
em V. d'Almeida: Descricao geral e historica, II, 69.

monumental obra. O povo com fome ia em breve ver erguer-se um enorme edificio que custaria milhoes e não serviria para nada;⁽¹⁾ e o rei não contente ainda jogando de novo certo deurado, ainda estava uma pedra de manuseio, deu o exemplo para que, condegos, bispos e fidalgos jogassem pedras pedras e em custos de cal e toros as fossem collocar ~~o~~ junto da pedra base e ajudados por uns operarios levantassem uns oito galhos de grade!

Acabara a festa finalmente, no mais de geral regosijo.

O povo exultava, a festa foi largamente gratificada e a real uctaria⁽²⁾ foi aberta para

⁽¹⁾ Hoje tem lá dentro o Paço real (Torneio do Norte, Torneio do Sul e pedada sul do andar sobre) - a Escola Pratica d'Arteria (parte nascente) - o Tribunal, o Correio e Telegrapho, escolas, quadras d'almozarifes, empregados do Paço, a particular dos Usuardes.

⁽²⁾ «... o rei não só deu banquetes a toda a corte, mas comida franca aos operarios { Ar-

ra todos. O clero beuzia beatificamente o go-
deroso mesmarcha; os fidalgos curvavam-se
mais reverentes de satisfeitos, de contentes e o
visconde de Ponte de Lima fazia gala em ter
levado á cabeça um cesto com cal atray do rei,
quando fizeram de febreiros! ⁽¹⁾

Estava fundada a obra. Agens era preciso
fazel-a, e isso — levado Deus! — Lavia de se
conseguir.

Quem tinha com tal facilidade conseguido
um filho conseguiria levantar tambem aquel-
la machina colossal.

Faltava dinheiro?... Qual!

Só na solemnidade da primeira pedra se
consumiram 200:000 cruzados ou sejam
80 contos de reis em vales da epocha. ⁽²⁾

Mas, o que era isso? O que valiam 200:000

chiro Pitarescu, LX, p 114

⁽¹⁾ Vem referido este caso curioso no Diccion-
ario cit.º, VI, 1053.

⁽²⁾ Segundo o Mapa a p 240 da Descrição ge-
ral e historica de Teixeira d'Alaga, o cruzado

crusados que Loje seriam aproximadamente
 130 contos de reis para o grande rei que ia
 ter um convento, uma basilica que seria
 «maior que o reino»⁽¹⁾ que seria, no dizer do
 Sr. Ramalho Ortigão «um gótico gharas-
 nico?»⁽²⁾

As obras começariam; e depois é que el-
 le mostraria todo o seu poder, o seu riqueza,
 o seu gosto deslumbradora, quando se abris-
 se ao catholicismo admirado, a nave, rica de
 marmares de de esculturas, a sumptuosa
 basilica.

Do dia seguinte, 18 de novembro, o rei Jan-
 tin para Lisboa com toda a corte.

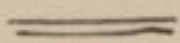
Os padres voltaram ás suas egrejas, os
 frades aos seus conventos; e nessa collina
 alta, sobranceira a villa de Mafra, já em bre-

vate, em moeda actual 692 reis. Por consequen-
 cia o valor de 200:000 crusados para 138:400:000
 reis, d'Loje.

(1) Oliv.º Martins: História de Portugal - II, 154

(2) As Graças de Portugal - 94

ne começar a arafama enorme de milha-
 res d'algarias, um surame colossal, traba-
 lhando constantemente, movendo terra, des-
 locando pedras, cavando fossos, elevando pa-
 redes, erguendo columnas macizas de marmo-
 re, construindo obscuramente um monu-
 mento duradouro para perpetuar a gloria fá-
 lsa e ridicula d'um rei gaulo!



{5-XI-205}

Bibliographia: Dictionario universal galego,
 vol. VI (artigo Traza, pp 1051-1053) — Archi-
 vo Pitoresco, IV, p 113 (art.º anónimo) — Pereira
 Braga: Historia de Portugal, VI, cap. 18 — Ale-
 xandre Herschmann: Dois edificios e dois monu-
 mentos em a granja real de Traza, no Panorama
 vol. VII, p 189 — Veisena d'Algarve: Descrição ge-
 ral e historica, II, 69 — Pinho Leal: Portugal an-
 tigo e moderno, V, p 26 a seq.º — Oliveira Mar-
 tins: Historia de Portugal, II, liv.º VI, cap. IV — Ma-
 theo Ortigão: Os Praes de Portugal, p. 94-96 —
Ferdinand Denis: Portugal Pitoresco, IV, 366. —
Lady Jackson: Os Formosos Lusitania, cap. XVI

23 de novembro de 1667 = como um
rei se perde . . .

A educação dos jesuítas virá com
força, em Portugal.

O discípulo foi Lemilde, atento e af-
licado; desde d. João III que a educação da-
va os melhores resultados e ao chegar ao
decano posto neto d'Affonso Henriquez em
quem o Camphalia fez grandes esperan-
ças — foi por um inulto, um quasi deves-
te — a educação estava no seu período au-
reo.

Portugal era obra de Camphalia. A res-
tauração tinha sido a alta influencia da
realeza ⁽¹⁾ que valeu para o Camphalia

⁽¹⁾ Acerca d'isto veja-se: Fortunato d'Al.

de Jesus o escripto de ingrada lançado num
 discurso pelo grande Benilic Castellar⁽¹⁾; e o
 galego rei D. Affonso VI o tal decimo-sexto
 neto do fundador da monarchia — a quem
 o padre Simão de Vasconcellos dizia: « he
 " Sobera Magestade parte essencial da decima
 " sexta geração do primeiro rei portuguez⁽²⁾ »
 — era na verdade um produto acabado da
 doutrina de Loyolla — « um fruto grimo,
 " reso. »⁽³⁾

Oliveira Martins chama-lhe mesmo
 « escripto de Rei Lear, doido e mau, furioso
 " e doamente terruo »⁽⁴⁾ e se como elle, não
 teve de soffrer a terrivel ingratitude das filhas

reivida: Os jesuitas e a restauração de 1640
 na Revista Contemporanea (Boimilho, 1854)
 n.º 1 e 2.

(1) Veja-se o mesmo trabalho

(2) Chronica da Fundação de Jesus no Est.
do do Brasil — I vol.: Dedicatória do autor e
D. Affonso VI

(3) Oliveira Martins: Hist. de Portugal, II, 142.

(4) Idem: idem — II, 143.

a quem engrandecera, teve cuidado de sofrer a deslaura que lhe lançou a mulher e a traição que lhe fez o irruado.

A Historia do reinado do infeliz rei — acerca do qual o romancista francez Paulo Fénel corrigio um fantastico e atabalhoado romance ⁽¹⁾ — é verdadeiramente uma campanha tenebrosa: a traição, a vileza, a devassidão, correram garras nesse periodo « recte do — diz Camillo — de miserabilissimas vilanias. » ⁽²⁾

O irruado deslaura o irruado roubando-lhe a mulher e a traição o roubando-lhe a corôa; e foi sobre isto ginha a busca da benignidade agravando a sua obra.

As consequências ao rei foram muitas. A mulher, a rainha D. Maria Francisca de Saboya e o irruado, o Infante D. Pedro, am-

⁽¹⁾ Les Faufarans du Roi — (Paris, nouvelle édition, 1869)

⁽²⁾ Vida d'El-rey D. Affonso VI — prefacio, pg. v.

liciosavam o throno e o casamento e, de-
 pois d'uma enorme serie de escandalos e vil-
 lanias, em 1667, a Rainha, abandonando o pa-
 co, acobrou-se ao convento da Esperanca e de-
 lá intentou a regressão eclesiastica em annu-
 lação do matrimonio.

Explicando a fugida escreveu ella ao rei
 uma carta accusando-o de não cumprir
 com os seus deveres de marido « sentindo
 " muito — dizia ella — a desgraça de o não se
 " der conseguir, far mais que o procurarei... »⁽¹⁾
 e apesar d'umas frequentes confidencias e
 penetíssimas do velho conde de Castello-
 Melhor.⁽²⁾

Atto escrever a carta, — que o conde de
 Santa Cruz se gestou a levar ao rei — a
 Princesa educada na corte de Luis XIV não

⁽¹⁾ Transcrita no Vida cit., p. 78

⁽²⁾ « A Marquesa de Castello-Melhor, camareira
 " da Rainha, me disse em uma manhã
 " que tinha uma camadreja levada ao seu officio e
 " de grande segredo; que me disse aos Magestades

correu de vergonha! E assim começou o monstruoso attentado que deu a delicia de Affonso VI.

Este, assomado, enfurecido, mandou agarrar um coche; correu ao convento, e como lhe fectassem as portas, o conde de Vidigueira — descendente de Vasco da Gama — berrava que lhe dessem machados que se ia arrancar as portas.

O Infante accudiu assim como o duque de Cadaval, o marquez de Fronteira, D. Miguel Luis de Menezes; juntou-se gente e o pobre rei, por fim, serenando, recolheu ao lago deixando a sua honra de marido nas mãos do Infante rufião e frascario.

O processo começou; as frouas affaziam-se para demonstrar a incapacidade d'el-rei,

"licença para o mandar chamar, e elle lhe
 "faria uma obra natural e goberna por sua
 "gestão de per munda d'el-rei. Sentiu a rainha
 "muito a delicia... » {Sida cit., 1177 }